

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
ELISÂNGELA SOUSA PIMENTA DE PADUA

**O CONCEITO DE PSICOPATOLOGIA NA ESCOLA CLÁSSICA E NA ESCOLA
DESENVOLVIMENTISTA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

Curitiba
2017

ELISÂNGELA SOUSA PIMENTA DE PADUA

**O CONCEITO DE PSICOPATOLOGIA NA ESCOLA CLÁSSICA E NA ESCOLA
DESENVOLVIMENTISTA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

Dissertação apresentada à Banca examinadora da Universidade Federal do Paraná como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica, Setor de Psicologia da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto Serbena

Curitiba

2017




MINISTERIO DA EDUCACAO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANA
PRO REITORIA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO
Setor CIENCIAS HUMANAS
Programa de Pós Graduação em PSICOLOGIA
Código CAPES 40001016067P0


ATA DE SESSAO PUBLICA DE DEFESA DE DISSERTACAO PARA A OBTENCAO DO GRAU DE MESTRE EM PSICOLOGIA

No dia trinta e um de Março de dois mil e dezessete às 10 00 horas na sala 202 Prédio Histórico Setor Psicologia do Setor de CIENCIAS HUMANAS da Universidade Federal do Parana foram instalados os trabalhos de arguição da mestranda **ELISANGELA SOUSA PIMENTA DE PADUA** para a Defesa Pública de sua Dissertação intitulada **O CONCEITO DE PSICOPATOLOGIA EM PSICOLOGIA NA ESCOLA CLASSICA E NA ESCOLA DESENVOLVIMENTISTA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**. A Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós Graduação em PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foi constituída pelos seguintes Membros **CARLOS AUGUSTO SERBENA (UFPR)** **ANA MARIA GALAO RIOS (PUC/SP)** **JAIRO FERRANDIN (UNIFAE)** **MARIBEL PELAEZ DÓRO (UFPR)**. Dando inicio a sessão a presidencia passou a palavra a discente para que a mesma expusesse seu trabalho aos presentes. Em seguida a presidencia passou a palavra a cada um dos Examinadores para suas respectivas arguições. A aluna respondeu a cada um dos arguidores. A presidencia retomou a palavra para suas considerações finais e depois solicitou que os presentes e a mestranda deixassem a sala. A Banca Examinadora então reuniu-se sigilosamente e após a discussão de suas avaliações decidiu-se pela APROVAÇÃO da aluna. A mestranda foi convidada a ingressar novamente na sala bem como os demais assistentes após o que a presidencia fez a leitura do Parecer da Banca Examinadora. Nada mais havendo a tratar a presidencia deu por encerrada a sessão da qual eu **CARLOS AUGUSTO SERBENA** lavrei a presente ata que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora.

Observações: trabalho apresenta relevância para a compreensão do conceito no campo filosófico.

Curitiba 31 de Março de 2017


CARLOS AUGUSTO SERBENA
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)


MARIBEL PELAEZ DORO
Avaliador Externo (UFPR)


ANA MARIA GALAO RIOS
Avaliador Externo (PUC/SP)


JAIRO FERRANDIN
Avaliador Externo (UNIFAE)

Agradecimentos

Agradeço à Deus pela oportunidade de abrir mundos para o estudo acadêmico da alma humana.

Agradeço aos meus pais, Elisabete de S. Padua e Rubens P. de Padua pelo grande incentivo aos estudos, aconchego nas horas precisas, paciência nas minhas inquietações e angústias e compreensão da minha ausência.

Agradeço aos meus irmãos Rubia S. P. de Padua e Rubens P. de Padua Filho pelo incentivo, carinho e compreensão.

Agradeço aos meus amigos que me acompanharam, de perto e longe, nesta caminhada acadêmica.

Agradeço aos professores e professoras da Psicologia que fizeram parte da minha trajetória, certamente fazem parte deste todo que é a dissertação.

Agradeço ao Carl Gustav Jung que misteriosamente está presente na minha vida desde 2006, quando iniciei meus estudos em Psicologia Analítica na faculdade e o persegui como símbolo: será eu quem persegue ou ele quem me atrai?

Agradeço ao professor Carlos Augusto Serbena e os colegas da UFPR pela caminhada do mestrado que rendeu bons frutos e amadurecimento, tanto profissional como pessoal.

Não poderias encontrar o fim da alma,
embora viajasse todos os caminhos,
tão profundo é seu *logos*.

Heráclito (fragmento 5)

Resumo

O campo da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung é plural, possui diferentes influências teóricas que buscam complementar, criticar, revisar e atualizar seus conhecimentos. Isto favoreceu a formação de Escolas teóricas dentro do campo geral, sendo possível identificar duas principais que perduram desde os trabalhos iniciais de Jung, segundo Samuels (1989; 2008): Escola Clássica e Escola Desenvolvimentista. As distintas influências epistemológicas de cada Escola possibilitaram novas perspectivas a respeito dos principais conceitos da Psicologia Analítica que são, segundo Samuels (1989), Self, Arquétipo, desenvolvimento da personalidade, símbolo, entre outros. Desta forma, o conceito de psicopatologia também se torna diferenciado de acordo com o campo epistemológico de cada Escola teórica. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é descrever o conceito de psicopatologia na perspectiva da Escola Clássica e da Escola Desenvolvimentista da Psicologia Analítica e identificar de que forma o tema da psicopatologia se articula com os principais conceitos da Psicologia Analítica. Para tal, foi realizada uma análise conceitual das principais obras dos autores de referência da Escola Clássica e da Escola Desenvolvimentista, sendo, respectivamente, a obra “O eu e o Inconsciente” (1928/2007) de Carl Gustav Jung e “A Criança como Indivíduo” (1969/1994) de Michael Fordham. Foi possível identificar que a Escola Clássica possui uma abordagem simbólica, prospectiva e subjetiva dos fenômenos psicopatológicos, sendo a perspectiva etiopatogênica de qualidade endógena devido à inflação psíquica da consciência que favorece duas possíveis respostas de alienação psíquica: o Restabelecimento Regressivo da Persona e a Identificação com a Psique Coletiva. A Escola Desenvolvimentista possui influência das teorias psicanalíticas das relações objetais e adota uma perspectiva psicossomática, analítica e redutivista dos fenômenos psicológicos. O enfoque etiopatogênico é dado à relação primária de cuidado entre mãe/cuidador e bebê, cujas “catástrofes” iniciais desta relação podem levar a níveis altos e insuportáveis de frustração e ansiedade que ativam mecanismos defensivos e narcísicos do ego e Self e/ou favorecem a fragmentação/desintegração do ego. Em ambas escolas, compreende-se que a função simbólica da psique de sintetizar e organizar o mundo interior psíquico está ausente ou disfuncional, de maneira que os impulsos e as imagens psíquicas são vivenciadas pelo ego como sintomas, em forma de automatismo, descontrole, excesso de emoções, ausência de sentido, entre outras descrições.

Palavras-Chave: Psicologia Analítica, Escola Clássica, Escola Desenvolvimentista, Psicopatologia, Adoecimento Mental.

Abstract

The field of Analytical Psychology by Carl Gustav Jung is plural, has different theoretical influences that seek to complement, criticize, revise and update their knowledge. This favored the formation of theoretical schools within the general field, and it is possible to identify two main ones that have survived since the early works of Jung, according to Samuels (1989, p.28; 2008, p.5): Classical School and Developmental School. The different epistemological influences of each School made possible new perspectives about the main concepts of Analytical Psychology, which are, according to Samuels (1989, p.32), Self, Archetype, personality development, symbol, among others. In this way, the concept of psychopathology also becomes differentiated according to the epistemological field of each theoretical School. Thus, the objective of this work is to describe the concept of psychopathology from the perspective of the Classical School and the Developmental School of Analytical Psychology and to identify how the psychopathology theme articulates with the main concepts of Analytical Psychology. For this, a conceptual analysis of the main works of the reference authors of the Classical School and the Developmental School was carried out, being, respectively, the work "The relations between the ego and the unconscious" (1928/2007) by Carl Gustav Jung and "Child as Individual" (1969/1994) by Michael Fordham. It was possible to identify that the Classical School has a symbolic, prospective and subjective approach of the psychopathological phenomena, being the etiopathogenic perspective of endogenous quality due to the psychic inflation of the consciousness that favors two possible psychic alienation responses: Regressive Restitute of Persona and Identification with The Collective Psyche. The Developmental School is influenced by psychoanalytic theories of object relations and adopts a psychosomatic, analytical and reductivist perspective of psychological phenomena. The etiopathogenic approach is given to the primary care relationship between mother / caregiver and baby, whose early "catastrophes" of this relationship can lead to high and unbearable levels of frustration and anxiety that activate ego and self-narcissistic defensive mechanisms and/or favor fragmentation/disintegration of the ego. In both schools, it is understood that the symbolic function of the psyche to synthesize and organize the psychic inner world is absent or dysfunctional, so that the impulses and psychic images are experienced by the ego as symptoms, in the form of automatism, uncontrolled, excessive of emotions, lack of meaning, among other descriptions.

Keywords: Analytical Psychology, Classical School, Developmental School, Psychopathology, Mental Illness.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: A constituição de Psicopatologias para Carl Gustav Jung _____ 36

QUADRO 1: A perspectiva de Carl Gustav Jung das psicopatologias _____ 54

FIGURA 2: A perspectiva desenvolvimentista das psicopatologias _____ 67

QUADRO 2: Perspectivas teóricas da Psicopatologia da Escola Clássica e da Escola
Desenvolvimentista _____ 83

SUMÁRIO

1. Introdução	10
1.1.A Perspectiva Psiquiátrica de Psicopatologia	12
1.2.A Perspectiva Psicogênica das Psicopatologias	14
1.3.A Abordagem Simbólica da Psicopatologia	15
1.4.Psicologia Analítica e a Formação de Escolas	18
2. Objetivos	22
3. Metodologia	23
3.1. A Análise Conceitual	23
3.2. Objeto de Estudo	25
3.3. Procedimento de Análise	26
4. O Conceito de Psicopatologia na Escola Clássica	27
4.1. Introdução	27
4.2. Levantamento Bibliográfico	30
4.3. O Modelo Teórico de Carl Gustav Jung	33
4.4. A Psicopatologia na Perspectiva da Escola Clássica por Carl Gustav Jung	36
4.4.1. Inflação Psíquica: O Contato do Eu com o Inconsciente	37
4.4.2. Sobre a Formação das Psicopatologias: Tentativas de Libertar a Individualidade da Psique Coletiva	39
a) Restabelecimento Regressivo da Persona	39
b) Identificação com a Psique Coletiva	41
4.5. Implicações Teóricas da Psicologia Analítica e as Psicopatologias	42
4.5.1. Psicopatologia e a Relação Ego/Eu e o Inconsciente	43
4.5.2. Psicopatologia e o Si Mesmo (Self)	44
4.5.3. Psicopatologia e o Desenvolvimento da Personalidade	46
4.5.4. Psicopatologia e os Arquétipos	48
4.5.5. Psicopatologia e a Compensação	51
4.5.6. Psicopatologia: Sintoma e Símbolo	52

4.6. Considerações do Conceito de Psicopatologia na Perspectiva Clássica de Carl Gustav Jung _____	54
5. O Conceito de Psicopatologia na Escola Desenvolvimentista _____	59
5.1. Introdução _____	59
5.2. Levantamento Bibliográfico _____	62
5.3. O Modelo Teórico de Michael Fordham _____	64
5.4. A Psicopatologia na Perspectiva da Escola Desenvolvimentista por Michael Fordham _____	67
5.4.1. O Ambiente e Relação de Cuidado _____	68
5.4.2. O Ego e os Mecanismos de Defesa _____	70
5.5. Implicações Teóricas de Michael Fordham sobre a Teoria da Psicologia Analítica e as Psicopatologias _____	72
5.5.1. Psicopatologia e os Arquétipos _____	72
5.5.2. Psicopatologia e o Self (Si Mesmo) _____	73
5.5.3. Psicopatologia e o Desenvolvimento da Personalidade _____	76
5.5.4. Psicopatologia: Sintoma e Símbolos _____	77
5.6. Considerações do Conceito de Psicopatologia na Perspectiva Desenvolvimentista de Michael Fordham _____	79
6. Conclusões _____	83
7. Considerações Finais _____	91
8. Referencial Bibliográfico _____	93

1. Introdução

O campo de conhecimento da psicopatologia possui um conjunto de saberes que visam compreender os adoecimentos da alma humana, a experiência do sofrimento, os estados mentais alterados da consciência, os padrões comportamentais inadequados para o bem estar e a adaptação ao meio, entre outros. Por psicopatologia entende-se o *logos* (discurso, lógica, narrativa) sobre o *pathos* (sofrimentos, paixão, passividade) da *psique* (alma), ou seja, o discurso sobre o sofrimento e/ou paixões da alma. Trata-se de eventos que acontecem à alma, passivamente, e dela produz-se sentidos e significados a respeito de tal padecimento. (SERBENA, ZANONI, 2011).

O tema desta pesquisa é a psicopatologia pela perspectiva da Psicologia Analítica. Especificamente, busca demonstrar algumas possibilidades de compreensão dos fenômenos psicopatológicos pela perspectiva da Psicologia Analítica, embasando-se em uma abordagem pluralista da psique, segundo Samuels (1992).

A linguagem do campo da psicopatologia é vasta, sendo que alguns conceitos são compartilhados entre diversas abordagens teóricas, mas seus sentidos e significados podem ser modificados de acordo com a visão de ser humano e de saúde de cada uma delas, o que torna tal campo complexo e paradoxal. A linguagem comum é escassa causando grande confusão conceitual e teórica entre os profissionais da psiquiatria, da psicologia e de outras áreas afins. Faz-se necessário uma revisão do conceito de psicopatologia dentro de uma abordagem restrita, de modo a delimitar conceitualmente uma perspectiva teórica a respeito dos fenômenos psicopatológicos.

Os sentidos e significados contidos na experiência psicopatológica refletem a condição existencial, emocional, social, física do indivíduo. O discurso da psicopatologia, portanto, é histórico e contextual, reflete o mundo em que o indivíduo está e como aí ele se localiza. A partir das explicações que os seres humanos dão às suas experiências, é possível observar as características que compõem a realidade dos indivíduos. No que tange a sociedade ocidental moderna, a compreensão do sofrimento humano tem por referência o conhecimento da psicopatologia, que é constituída pelo discurso científico, da medicina psiquiátrica e da psicologia (FOUCAULT, 1994).

“Doença só tem valor de doença dentro de uma cultura que a reconhece como tal” (FOUCAULT, 1994, p.71). A partir de uma visão histórica e sociológica da psicopatologia, compreende-se que o discurso da psicopatologia exprime o liminar particular, ou seja, o limite do que é ou não aceitável para uma sociedade. Gera estigma naqueles indivíduos cuja conduta se desvia da expectativa social e, por isto, a análise das doenças mentais deve ser realizada de acordo com a necessidade da sociedade, a historicidade e suas significações, além dos aspectos regressivos de comportamento e personalidade.

Resumindo, pode-se dizer que as dimensões psicológicas da doença não podem, sem algum sofisma, ser encarados como autônomas. Certamente, pode-se situar a doença mental em relação a gênese humana, em relação à história psicológica e individual, em relação as formas de existência. (FOUCAULT, 1994, p.96).

Segundo Foucault (1994), é preciso métodos diferenciados de análise da patologia orgânica para as patologias mentais, pois as estratégias terapêuticas e o modo de diagnosticar são diferenciados. A medicina tradicional preocupa-se com as disfunções ou lesões orgânicas enquanto na psiquiatria o sofrimento não está muitas vezes localizado organicamente. Nela há uma disposição diferente na forma de abordar os corpos e por meio disto, a psiquiatria origina um novo campo de conhecimento, a psicopatologia, distinguindo-se da medicina geral. A preocupação maior, portanto, não é a respeito de lesão corporal e sim se no quadro sintomatológico há indícios de loucura. Segundo Caponi (2009, p.103), a psiquiatria em sua atividade adquire uma postura disciplinadora e moralizante, que conflita com a liberdade, a vontade e as paixões dos indivíduos, antes pelo procedimento de internação manicomial, hoje principalmente pelo procedimento farmacológico.

Muitas reflexões teóricas foram elaboradas a respeito do saber da psiquiatria. Neste trabalho não se intenciona demonstrar estas perspectivas, porém faz-se necessário uma breve revisão do desenvolvimento histórico do campo da psicopatologia com a finalidade de compreender seus possíveis desdobramentos epistemológicos de modo a alcançar a compreensão simbólica dos fenômenos psicopatológicos, aprofundada na abordagem teórica da Psicologia Analítica.

1.1. A Perspectiva Psiquiátrica da Psicopatologia

Sob a perspectiva psiquiátrica, a psicopatologia é compreendida como um campo de conhecimento que se utiliza do rigor da ciência *sensu strictu* para adquirir uma possível sistematização, elucidação, desmistificando crenças, atendo-se apenas na descrição, compreensão e identificação dos elementos que compõem o fenômeno do adoecimento mental. Por meio da descrição é possível elaborar uma sistematização da psicopatologia com a finalidade de facilitar a comunicação especialmente entre profissionais. (DELAGALARRONDO, 2008, p.28).

A veracidade de uma teoria corresponde ao preenchimento de critérios científicos e lógicos, tais como: se o valor atribuído às suas teses e proposições é coerente, se há resultados positivos na prática, se há correlação do pensamento e suas pressuposições com a realidade factual e se é aceitável do ponto de vista ético. A história da psicopatologia é composta por uma tradição múltipla de teorias e epistemologias que tratam do mesmo fenômeno, mas de maneiras diferenciadas, complementares e contraditórias. É sua característica principal a multiplicidade de abordagens e referenciais teóricos que se incorporam desde os últimos 200 anos (DELAGALARRONDO, 2008, p.35).

A psiquiatria nasce em meados do século XVIII, por meio de práticas de descrição e observação dos pacientes adoecidos mentalmente, sendo Phillipe Pinel o primeiro representante da psiquiatria Clássica. A maior contribuição da psiquiatria Clássica foi a desmistificação da loucura, que até então era concebida com causas religiosas, místicas e sobrenaturais. A etiologia das doenças mentais passa a ser compreendida especialmente pelo viés neuro-fisiológico. O adoecimento mental alcança objetividade e torna-se objeto de estudo com intuito científico empírico e positivista, agrupando-os e classificando-os de acordo com as descrições sintomáticas. Emil Kraepelin (1856-1926) fez grandes contribuições para a psiquiatria, aprofundou-se nos estudos de neurologia e anatomia cerebral, psicologia experimental, desenvolveu métodos de investigação e apontou sobre a necessidade do médico interessar-se pela história de vida dos pacientes. Ofereceu um dos melhores tratamentos mentais de sua época, e foi o precursor dos manuais de nosologia e classificação das doenças mentais (ELLEMBERGER, 1976, p.286; MARTINEZ, 2006, p.29).

A pluralidade teórica produzida no campo da psicopatologia e psicologia do início do século XX encontrou a necessidade de uma sistematização do conhecimento para que haja uma espécie de consenso de linguagem entre os profissionais. Foi feito, em 1952, o primeiro Manual Estatístico e Diagnóstico da Associação de Psiquiatria Americana (DSM-I) para descrição e categorias, teve diversas modificações no seu planejamento (DSM-II, DSM-III, DSM-III-R, DSM-IV, DSM-V). Sua sistematização é influenciada pela tradição psiquiátrica de Emil Kraepelin (1856-1926), pela nosologia e classificação dos sintomas, com definições e diretrizes diagnósticas em detrimento das causas e etiologias das doenças mentais (ateóricas). Ele apresenta descrições dos aspectos estatísticos associados com a distribuição familiar, prevalência em população geral, diagnóstico diferencial, complicações psicossociais decorrentes, etc. (KLUGER, 2013).

As críticas a respeito da perspectiva psiquiátrica sobre os adoecimentos psicológicos se dão pela prática cristalizada de rotular, descrever e restringir a experiência psicopatológica em diagnósticos. Sendo assim, o estudo do adoecimento humano deixa de ser psicológico, pois enfatiza a descrição fenomenológica, nosológica e diagnóstica segundo os jargões científicos que só serve aos cientistas e profissionais, e não se aproxima da realidade do paciente, da sua subjetividade e de suas experiências psicopatológicas. O movimento denominado Psicopatologia Fenomenológica se apropriou desta crítica e desenvolveu uma metodologia de pesquisa e reflexão sobre a prática psiquiátrica, com base na fenomenologia. O marco histórico inicial foi por meio da obra "Psicopatologia Geral" (1913) elaborada por Karl Jaspers, e se desdobrou na psicopatologia fenomenológica-descritiva, psicopatologia genético-estrutural e psicopatologia fenomenológico-existencial. (RODRIGUES, 2005, p.757; TEIXEIRA, p.625).

Outra perspectiva também avançou nos aspectos psíquicos e subjetivos, denominada Psiquiatria Dinâmica ou Moderna. Inicia-se em meados do século XIX e início do século XX, com novas considerações sobre a etiologia das doenças mentais, diferenciando-se das concepções organicistas da Psiquiatria Clássica. O paradigma psicodinâmico compreende as psicopatologias pela afetividade na regulação, direção e perturbação da vida psíquica. Valorizam-se mais os aspectos psíquicos, interpessoais, ambientais de maneira que busca-se a integração e inter-

relação entre a doença, o tratamento e a pessoa adoecida. (MARTINEZ, 2006, p.89).

Elleberger (1976, p.837) afirma que o início da Psiquiatria Dinâmica tem como ponto de partida os trabalhos de Charcot e a escola de Salpêtrière sobre hipnose e histeria, em 1882. Os estudos se voltam para os fenômenos de sonambulismo, múltiplas personalidades, criptominésias, possessões, catalepsias, letargias, e especialmente a histeria. Sigmund Freud foi grande referência, fundamentando o método psicanalítico de investigação dos processos psicológicos inconscientes. Estas contribuições teóricas subsidiaram a construção do conceito de inconsciente, fundamentou a psicologia profunda e possibilitou a compreensão dos adoecimentos pelos sentidos e significados subjetivos (ELLEMBERGER, 1976, p.137; MARTINEZ, 2006, p.90).

Carl Gustav Jung (1875-1961) pertence a este contexto histórico que compreende as doenças mentais como psicogênicas. Como médico psiquiatra suíço, trabalhou no Hospital Psiquiátrico de Burgholzli (Suíça), na primeira década do século XX. Suas pesquisas iniciais estavam implicadas com as teorias psicodinâmicas e, especialmente, nos estudos psicanalíticos. Entretanto, devido às influências acadêmicas, culturais, filosóficas de Jung, somando com o vasto material de psicóticos, fez com que Jung vislumbresse outras possibilidades de compreensão da psique e sua dinâmica. (ELLEMBERGER, 1976; MARTINEZ, 2006).

1.2. A Perspectiva Psicogênica das Psicopatologias

O posicionamento de Jung, com base nas teorias da psicologia profunda e da psiquiatria dinâmica de sua época, contesta as abordagens organicistas inerentes da Psiquiatria Clássica. Para ele, o materialismo científico não permite a apreciação da importância decisiva dos fatores psicológicos, relacionais, ambientais para o adoecimento psicológico. Ele critica a formação profissional dos médicos psiquiatras, pois carecem dos estudos de psicologia, filosofia, história da humanidade e outras matérias humanas que possibilitam maior compreensão do adoecimento mental posto que refletem sobre a alma humana, o seu contexto e historicidade. Para Jung, estes médicos clássicos estão enclausurados e especializados em seus estudos anátomo-fisiológicos. (JUNG, 1971, §297).

A psique não é uma coisa dada, imutável, mas um produto de sua história em marcha. Assim, não só secreções glandulares alteradas ou relações pessoais difíceis são as causas de conflitos neuróticos; entram em jogo também, em igual proporção, tendências e conteúdos decorrentes da história do espírito. Conhecimentos bio-médicos previamente são insuficientes para compreender a natureza da alma. O entendimento psiquiátrico do processo patológico de modo algum possibilita o seu enquadramento no âmbito geral da psique. Da mesma forma, a simples racionalização é um instrumento insuficiente. A história sempre de novo nos ensina que, ao contrário da expectativa racional, fatores assim chamados irracionais exercem o papel principal, e mesmo decisivo, em todos os processos de transformação da alma. (JUNG, 2013, p.17).

Para ele, a perspectiva organicista e racionalista não é suficiente para a compreensão do *pathos* da alma. Não se trata de negar a existência organogênica, certamente muitos adoecimento como intoxicação, má formação, traumas, entre outros levam a manifestações psicopatológicas. Mas, de modo geral, o problema da alma vai além do viés fisiológico e psiquiátrico, pois é ela um território em si, com leis próprias, diferente das leis fisiológicas. Assim, o empreendimento de Jung como pesquisador da alma humana é identificar as leis inerentes de tais processos, a natureza particular da psique.

A psicogênese das doenças mentais implica em reconhecer que há uma condicionalidade para a gênese das doenças mentais, que “(...)é de natureza psíquica. Pode ser um choque psíquico, um conflito desgastante, uma adaptação psíquica errônea ou uma ilusão fatal” (JUNG, 1990, p.213, §496). Em outras palavras, o paradigma psicodinâmico consiste em enfatizar a afetividade como causa do desequilíbrio “na regulação, direção e perturbação da vida psíquica”. (MARTINEZ, 2006, p.94).

1.3. A Abordagem Simbólica da Psicopatologia

Segundo Cardoso (1993, p.88) o paradigma clássico das ciências naturais é racionalista, newtoniana e cartesiana. Compreende que tempo e espaço são absolutos e materiais, a realidade pode ser explicada lógica e mecanicamente, por meio de uma dicotomia de sujeito e objeto, mente e matéria/corpo, entre outros. Este pensamento fundamenta o modelo biomédico que compreende os fenômenos naturais numa perspectiva causalista. Freud se apropria deste modo de pensamento ao fundamentar o método associativo da psicanálise para explicar os fenômenos psíquicos. Adquire uma perspectiva causalista (de retrospectiva) e materialista das

doenças mentais, pois as reduz ao aparato psicossomático. “O psíquico, no paradigma redutor, era visto apenas como um epifenômeno do biofisiológico”. (CARDOSO, 1993, p.88).

Segundo Cardoso (1993, p18) e Penna (2013, p.81), os trabalhos iniciais de Jung referenciavam-se neste paradigma clássico, por meio do uso de métodos quantitativos, experimentais e a investigação redutiva psicanalítica. Este momento perdura até aproximadamente 1913, com a publicação do livro “Transformações e Símbolos da Libido”. Segundo Penna (2013, p.83), este é o marco inicial do rompimento com Freud e a Psicanálise por meio do estabelecimento do método associativo-comparativo fundamentando a filogênese dos elementos psicológicos, em detrimento da perspectiva ontogenética de Freud. Jung aponta para a hipótese de um inconsciente mitológico: o material individual possui um correlato com o material mitológico e coletivo (humanidade em geral). O método comparativo seria a raiz da amplificação simbólica, que mais tarde seria desenvolvido.

O conceito de inconsciente mitológico ou coletivo lança bases para o desenvolvimento de uma abordagem simbólica dos fenômenos psicológicos por meio do método hermenêutico sintético-constutivo. Segundo Cardoso (1993, p.18), na medida em que Jung avança no estudo hermenêutico dos símbolos coletivos e individuais como campo epistemológico de pensamento, passa a inserir-se no paradigma científico moderno. Este, por sua vez, implica numa compreensão holística, ecológica, sistêmica, orgânica, vitalista da realidade, na qual há uma relação entre todos os elementos da realidade e na produção de conhecimento científico, o observador não é neutro, como se propõe na perspectiva clássica. Ele é parte e influencia nos resultados de suas pesquisas. Este novo paradigma é uma síntese, pois inclui um novo nível de compreensão (sistêmico e holístico), mas não nega a forma racional-lógica-mecanicista do pensamento cartesiano-newtoniano. Acolhe as contradições, reconhecendo os limites das teorias e dos modelos científicos.

O paradigma científico moderno possui influência da física quântica com a teoria da relatividade, no qual a ciência perde seu fundamento absoluto e materialista: energia e matéria se relativizam, dependendo da perspectiva do observador. Outra influência se deu pelo cruzamento cultural do Ocidente com o Oriente. Os estudos transculturais se intensificam especialmente no campo da medicina chinesa e japonesa: as doenças físicas e mentais resultam de fluxos e

refluxos da energia (ch'i) – uma medicina holística, psicossomática que não se implica numa perspectiva cartesiana de cisão corpo-mente. De modo geral, o pressuposto é que o organismo possui uma capacidade de auto-cura, que, de modo idêntico, vai de encontro com as constatações da psicologia analítica que compreende as doenças mentais como caminho de cura e individuação. (CARDOSO, 1993, p.14).

A abordagem simbólica da experiência psicopatológica e dos sintomas desenvolvida por Jung implica em compreendê-los não apenas pela lógica racional e causalista, mas por meio de analogias de imagens com sentidos e significados (hermenêutica). Para abordar o humano é preciso considerar seus aspectos irracionais, imaginativos, intuitivos, e que estes, por sua vez, não se encontravam em classificações nosológicas psiquiátricas. Suas contribuições para o campo da psicopatologia se distingue das concepções médicas clássicas, pois avança em termos metodológicos, insere conhecimentos além do campo da medicina, tais como filosofia, mitologia, história, ciências da religião, etologia, etc. sem perder o caráter clínico e empírico das investigações e intervenções (WHITMONT, 1969, p.24).

A abordagem simbólica desenvolvida por Jung considera racionalista e mecanicista a perspectiva da psiquiatria perante as imagens/símbolos que emergem dos conteúdos psicológicos, isto é, comportamentos, emoções, sintomas, entre outros. Isto ocorre devido ao fato de que o viés da psiquiatria avalia tais conteúdos em nível de normalidade, de conceito/diagnóstico em detrimento de sentido e de experiência/imagem. A abordagem sintomática da psiquiatria compreende os adoecimentos em termos de causalidade, disfunção, como algo errado estivesse ocorrendo naquele indivíduo. (WHITMONT, 1969, p.19).

Jung inclui o aspecto irracional, imagético, intuitivo da natureza humana, enfatizando, em uma perspectiva dialética (ao invés de lógica e linear), a finalidade dos fenômenos psicológicos, ao invés da causalidade. Para ele, o símbolo é uma totalidade que une polaridades consciente e inconsciente ou fatores heterogêneos e contraditórios que estão em conflito visando uma superação transcendente (síntese da relação dialética dos opostos) da situação conflituosa de modo a integrar (não reprimir e favorecer apenas um aspecto do conflito) e possibilitar uma nova consciência, uma nova perspectiva. O símbolo é "(...) uma imagem de um conteúdo em sua maior parte transcendental ao consciente. É necessário descobrir que tais

conteúdos são reais, são agentes com os quais um entendimento não só é possível, mas necessário”. (JUNG, 2013, §114).

Os sintomas devem ser compreendidos simbolicamente, isto significa que aponta para além de si, para além da compreensão acessível da consciência. Sendo a linguagem da alma subjetiva, imagética e coletiva, demonstra que para compreendê-la é preciso apropriar-se do pensamento hermenêutico e analógico para alcançar os sentidos e significados dos símbolos e sintomas, pois “mais precisamente, ela possui leis e estruturas próprias que correspondem às leis estruturais da emoção e do conhecimento intuitivo.” (WHITMONT, 1969, p.19).

A experiência psicopatológica quando compreendida simbolicamente apresenta, por traz de sua aparente irracionalidade, desadaptação e contradição, profundos sentidos e significados, possibilidades de desenvolvimento e de renovação da postura do indivíduo perante sua realidade (WHITMONT, 1969, p.23).

1.4. Psicologia Analítica e a Formação de Escolas

O eixo norteador das pesquisas de Jung era desenvolver novas perspectivas sobre a psique. Reconhecia a validade das contribuições teóricas de diversas áreas do conhecimento e intencionava a construção de uma psicologia geral, a qual desejou batizar como “Psicologia Complexa”. Esta seria em detrimento da Psicologia Analítica, sendo esta idealizada como o aparato teórico para a prática clínica. A Psicologia Complexa consistiria na integração de vários campos de conhecimentos, como uma roda de aprendizado sobre conhecimentos gerados pelo e sobre o homem, pois tudo que é humano deve ser de interesse da psicologia e possibilita maior compreensão da alma humana. Porém, este título não vingou, permanecendo ainda mais conhecida como Psicologia Analítica (SHANDASANI, 2011, p.32).

Jung era declaradamente contra sistematizações de pensamento e escolas ditas “junguianas”, institutos que se propunham a uma “linha de produção de analistas para uso imediato” (JUNG, apud SHANDASANI, 2011, p. 359). Desejava que suas contribuições teóricas possibilitassem uma visão mais psicologizada do mundo, mas que cada um desenvolvesse sua própria forma de ver e abordar a realidade. O intuito de Jung era conceber sua psicologia como uma “função cultural”, contrabalanceando a fragmentação das ciências e possibilitar uma compreensão sintética de todo o conhecimento (SHANDASANI, 2011, p. 35).

Entretanto, não foi o que de fato aconteceu, a começar pelo fracasso do próprio nome batizado por Jung de “Psicologia Complexa”. Sua teoria foi e é usada mundo afora de forma indevida, fora de contexto, sem compreensão dos verdadeiros fundamentos. Além do mais, os próprios Institutos Junguianos acabam por sistematizar e reproduzir o conhecimento, voltando-se principalmente para a prática clínica e a dita (e tão criticada por ele) “construção dos compartimentos” da alma humana. (SHANDASANI, 2011, p. 28).

Por outro lado, alguns seguidores ampliaram o campo de conhecimento da Psicologia Analítica, de modo que é possível identificar um desenvolvimento e diferenciação das propostas iniciais de Jung. Samuels (1985/1989) identifica uma clara distinção na produção de conhecimento que possibilita uma definição de escolas dentro da Psicologia Analítica, embora não seja instituído. Para o autor, a sistematização escolar tem como característica essencial um posicionamento crítico em relação aos trabalhos de Jung.

Segundo Samuels (1989, p.32) a Psicologia Analítica pode ser classificada em três escolas teóricas, sendo estas a Psicologia Analítica Clássica, a Psicologia Analítica Desenvolvimentista e a Psicologia Arquetípica. Cada uma, devido a suas peculiaridades conceituais, implicam em variações teóricas e práticas. A escola Clássica é a originária, com referencia maior Carl Gustav Jung, que enfatiza o Si Mesmo e a individuação. A escola Desenvolvimentista parece complementar a partir dos estudos pioneiros da psicologia infantil, recebendo influencias da psicanálise, enfatizando mais o desenvolvimento da personalidade e a relação terapêutica (transferencial/contratransferencial). E a Escola Arquetípica enfatiza mais os aspectos imagéticos e mitológicos da alma, enfocando-se no conceito de arquétipo.

Para Samuels (1989, p.32), há aspectos da teoria e da clínica que são relevantes para todos os psicólogos junguianos, mas cada Escola enfatiza mais um aspecto do que outro, devido as suas perspectivas e metodologias. No que tange ao aspecto teórico:

1. A definição de arquétipo;
2. O conceito de Si-Mesmo/Self;
3. O desenvolvimento da personalidade;

No que tange ao aspecto da prática clínica:

4. Análise da transferência e contratransferência;
5. Ênfase na experiência simbólica do self;
6. Exame de imagens muito diferenciadas.

Esta sistematização foi superada por Samuels em 2008, quando publica um artigo “Novos desenvolvimentos no campo pós-junguiano”, onde reformula sua classificação das escolas em Psicologia Analítica, atualmente são: Escola Fundamentalista, Escola Clássica, Escola Desenvolvimentista e Escola Psicanalítica. Esta nova sistematização propõem provocações críticas ao enrijecimento teórico na concepção tradicional de Jung (referindo-se a Escola Fundamentalista) e das contribuições da psicanálise (Escola Psicanalítica). Também articula uma integração da Escola Arquetípica como desdobramento teórico da Escola Clássica.

Como entendo agora, existem quatro escolas de psicologia analítica pós junguianas. As escolas clássicas e desenvolvimentistas têm permanecido praticamente como eram. (...) mas há duas novas escolas a se considerar, cada qual uma versão extrema de uma das duas escolas até aqui existentes, a clássica e a desenvolvimentista. Chamo essas duas versões extremas de fundamentalismo junguiano e de fusão junguiana com a psicanálise. (SAMUELS, 2008, p.5).

Assim, atualmente o que se observa são discernimentos entre a Escola Clássica e a Escola Desenvolvimentista e seus respectivos desdobramentos e também cristalizações. Segundo Samuels (2008, p.9), as escolas teóricas são correções epistemológicas e críticas do trabalho de Jung, mas permanecem relacionadas à tradição do pensamento, pela concordância de muitas ideias, mesmo que distantes e diferenciadas. Assim, elas complementam-se e se compensam de certa forma, transformando-se em instrumentos possíveis que o terapeuta da Psicologia Analítica possui a disposição de seu trabalho.

As escolas possuem metodologias diferenciadas, criam campos epistemológicos e teóricos divergentes, possibilitando a explanação em diferentes áreas do conhecimento. A Psicologia Analítica encontra-se, tal como o campo da Psicopatologia, diante da diversidade teórica. Samuels (1992) identifica isto e propõem a perspectiva metafórica do pluralismo psíquico como uma abordagem de reconciliação dos conflitos teóricos, mas sem impor uma síntese e sem perder de

vista as razões e a coerência lógica nos diversos pontos de vistas teóricos e práticos da psique (tanto dentro da Psicologia Analítica como em outras perspectivas da psicologia profunda). O pluralismo é dado como instrumento para certificar a diversidade sem a necessidade de uma separação. Isto garante a unidade da abordagem da Psicologia Analítica e sua diversidade teórica.

Para ele, a pluralidade da psicologia profunda reflete a própria característica plural da psique: como um mosaico, composta de diversas vozes internas, imagens, complexos, deintegrados, subpersonalidades, objetos internos, etc. A metáfora política auxilia na compreensão da variação das tensões, na sobreposição de tendências sobre outras, como se houvesse uma competição interna nos processos psicológicos, de uns aspectos sobre outros, muitas vezes contraditórios. Esta perspectiva esclarece as questões de unidade e multiplicidade da psicologia profunda, da dinâmica psicológica, da fragmentação das teorias e dos aspectos psíquicos como inerentes da própria psique: não há razão para cisão, a multiplicidade é característica ontológica da psique. Samuels (1992, p.6) alerta que os debates e conflitos revelam necessidades profundas de contato e diálogo.

Diante deste contexto, a presente pesquisa visa descrever a concepção de psicopatologia para cada uma das duas escolas teóricas da Psicologia Analítica, a Escola Clássica e a Escola Desenvolvimentista, segundo Samuels (2008). Busca identificar quais são os diferentes modelos teóricos estabelecidos nas obras principais de cada escola, suas semelhanças e diferenças no que tange às suas concepções de psicopatologia.

2. Objetivos

Deste modo, o objetivo geral deste trabalho é descrever o conceito de psicopatologia segundo a Escola Clássica da perspectiva de Carl Gustav Jung e a Escola Desenvolvimentista de Michael Fordham, referenciados por Samuels (2008). Para tal finalidade, são realizadas as seguintes etapas:

- Identificar o modelo teórico proposto em cada obra principal analisada para a compreensão dos fenômenos psicopatológicos;
- Identificar de que forma a psicopatologia está relacionada aos conceitos de: 1. Arquétipo; 2. Si-Mesmo/Self; 3. Desenvolvimento da personalidade; considerando que estes três são aspectos teóricos básicos da Psicologia Analítica de modo geral, segundo Samuels (1989, p.32).
- Elaborar uma síntese para conceituar a psicopatologia segundo cada escola da psicologia analítica com referência nas obras estudadas.

3. Metodologia

Este trabalho contribui cientificamente para o aprimoramento teórico do campo da psicopatologia de modo geral e da Psicologia Analítica, pois visa a conceituação de psicopatologia nesta abordagem. A necessidade de conceituação é parte integrante do trabalho científico, junto com a compreensão teórica e a produção empírica. As definições oriundas das análises conceituais auxiliam na elaboração precisa dos sentidos e significados das palavras usadas em teorias, evitando assim as confusões conceituais, divergências nas afirmações teóricas e dificuldades na comunicação entre profissionais. Isto favorece o diálogo entre campos de conhecimento distintos e permite ao pesquisador ou estudante de Psicologia Analítica desmistificar uma concepção enganosa de unidade e sistematização do conhecimento nesta abordagem.

3.1. A Análise Conceitual

De acordo com a problemática e os objetivos desta pesquisa, identificou-se a pesquisa de Análise Conceitual como a mais eficaz e apta para o cumprimento daqueles. Segundo Machado, Lourenço e Silva (2000, p.2) existem três tipos de investigações que compõem a integralidade de uma produção científica. São elas, a investigação factual ou empírica, a investigação teórica e a investigação conceitual. Estas três articulações possibilitam o estabelecimento de uma ciência sólida, entretanto o que se tem observado é que as pesquisas conceituais têm sido relegadas em detrimento das outras duas, o que pode vir a causar um desequilíbrio no desenvolvimento epistemológico. Os conceitos devem ser revisados periodicamente para que cumpram seu papel de construção do conhecimento científico.

A pesquisa/investigação conceitual está intimamente relacionada com a investigação teórica, mas há diferença, posto que a investigação conceitual tem por objeto de estudo a análise de uma teoria, seus conceitos fundamentais, significados e gramáticas. Já a investigação teórica tem por objeto o domínio de um campo empírico, o desenvolvimento de um conjunto de princípios e de modelos conceituais que possibilitam a compreensão das relações empíricas. Normalmente estas

investigações se voltam para o aprofundamento das metodologias, que por sua vez viabilizam a prática mecânica das pesquisas empíricas (MACHADO, LOURENÇO E SILVA, 2000, p.23).

A análise conceitual tem por finalidade identificar a inteligibilidade da teoria, o uso funcional das palavras e seus significados dentro de seu contexto teórico, de modo a descrever realidades e favorecer a comunicação. Também visa identificar quais são os princípios, leis e regras que fundamentam a lógica da teoria, de modo a torna-la concisa e coerente. Tende a identificar erros e expor incoerências. O uso incorreto das palavras implica em erros filosóficos e lógicos da investigação científica que inviabilizam a compreensão correta da natureza do objeto de estudo. Assim, a análise de conceitos é tão relevante quanto as pesquisas sobre fatos (empírico) e elaborações teóricas (MACHADO, LOURENÇO E SILVA, 2000; WILSON, 2005).

Na definição de um conceito existe uma certa arbitrariedade devido aos aspectos lógicos que limitam e possibilitam a aplicação de um conceito. Não há respostas certas e definitivas, e sim aproximações lógicas com características fundamentais que podem variar em suas qualidades, mas que permanecem como essenciais para a delimitação de um conceito. A análise conceitual possui uma característica crítica, além da compreensão abstrata de um fenômeno, pois se trata da avaliação de um pensamento teórico enfocando-se na sua estrutura, identificando os atributos com o rigor analítico. (WILSON, 2005, p.34).

Formamos conceitos à medida que aprendemos os usos das palavras, e pode-se ver quais os conceitos que temos formados, ao examinar o que entendemos por determinadas palavras. Em outros termos: o uso e o entendimento da linguagem servem, ao mesmo tempo, como guias para a formação de conceitos e como testes de conceitos já formados. Portanto, poderíamos dizer, sem erro que os limites lógicos de um conceito podem ser iguais aos limites da faixa de significação de uma palavra determinada. (...) O que não quer dizer que o conceito e significado sejam idênticos, mas, sim, que são, por assim dizer, paralelos um ao outro, ou que cobrem a mesma área lógica (WILSON, 2005, p.56).

De acordo com os objetivos desta pesquisa e respondendo a problemática apresentada, faz-se necessário a aplicação de uma pesquisa conceitual.

3.2. Objeto de estudo

O objeto de estudo de uma pesquisa conceitual é uma teoria científica (MACHADO, LOURENÇO E SILVA, 2000). Para a investigação do conceito de psicopatologia foram selecionadas obras de autores considerados de relevância para cada escola da Psicologia Analítica segundo Samuels (1989) além de livros e artigos enriquecidos com comentadores de cada escola.

Para tal finalidade foi selecionado o livro “O eu e o inconsciente” de Carl Gustav Jung, de suas Obras Completas VII/2 (1928/2007), publicado no Brasil pela Editora Vozes. Segundo Penna (2013, p.84), este livro apresenta a elaboração das premissas ontológicas da sua abordagem simbólica da psique, abarcando a perspectiva finalista além da causalista. Apresenta seu método sintético-hermenêutico e fundamenta a hipótese do inconsciente mitológico. Segundo Silveira (1997, p.73) trata-se de uma obra que demonstra a relação do eu (ego) com o inconsciente, a qual é de extrema importância para se compreender a saúde e o adoecimento/desequilíbrio psicológico. “Nota-se uma ampliação em profundidade do diálogo entre consciente e inconsciente, já iniciado no seu livro de 1928, *As relações entre o Ego e o Inconsciente*”. (SILVEIRA, 1997, p.74).

Para Hartman (2000) em sua revisão do desenvolvimento da obra de Jung no período de 1900 até 1935, o livro “O eu e o inconsciente” é a obra em que o autor estabelece sua perspectiva teleológica da neurose, seus conceitos teóricos principais, o problema dos opostos e descreve o processo de individuação na perspectiva energética e de enantiodromia.

Para a investigação do conceito de psicopatologia em Psicologia Analítica Desenvolvimentista foi selecionada a obra “A criança como Indivíduo” de Michael Fordham (1969/1994).

Esta obra foi selecionada como referência teórica da escola Desenvolvimentista, pois aborda temas como as fases do desenvolvimento infantil e a psicologia de crianças, com influências da psicanálise de Melaine Klein e Donald Winnicott, a relevância do meio para o bom desenvolvimento psicológico e formação do indivíduo. Estes estudos possibilitaram a extensão do atendimento infantil, campo que não foi aprofundado por Jung (SAMUELS, 1989, p.173).

A seleção deste livro como referência da escola Desenvolvimentista se deu pelo levantamento bibliográfico de artigos e monografias do Brasil (PUC-SP,

CAPES, USP) que tem por foco a psicologia infantil na perspectiva da psicologia analítica. Dentre as publicações que citavam Michael Fordham, este foi o livro que esteve presente em todas elas e a maioria destas publicações tiveram apenas este livro do autor como referência. Também trata-se da única obra do autor traduzida para o português. Portanto, constata-se que este livro possibilita a reflexão sobre as psicopatologias infantis.

3.3. Procedimento de Análise

Esta pesquisa foi realizada por meio da análise conceitual de cada obra selecionada como objeto de estudo. Cada análise foi realizada com introdução ao tema, objetivos, justificativa e metodologia, discussões e considerações.

Serão apontados os conceitos e modelos teóricos que fundamentam a perspectiva de psicopatologia para cada obra. Em seguida, reflexões a respeito da relação entre a psicopatologia e os conceitos fundamentais da Psicologia Analítica segundo Samuels (1989, p.32), tais como Arquétipo, Self, Desenvolvimento da Personalidade e outros apontamentos que forem necessários. Finalizando cada artigo com uma síntese dos resultados obtidos em cada análise.

No final deste trabalho, como conclusões, foi realizada uma comparação e síntese entre os resultados obtidos na análise de cada uma das Escolas (Clássica e Desenvolvimentista) em estudo sobre o tema psicopatologia no campo da Psicologia Analítica. Em seguida um fechamento com as considerações finais deste trabalho.

4. O Conceito de Psicopatologia na Escola Clássica

4.1. Introdução

As contribuições do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung para o campo das psicopatologias no início do século XX foram fundamentais para inserir a realidade da alma e os sentidos e significados subjetivos no procedimento terapêutico da medicina psiquiátrica e psicologia profunda. O eixo norteador das pesquisas de Jung é a compreensão dos processos psíquicos e seus fenômenos e para tal, acreditava ser fundamental que o pesquisador da alma humana despojasse de conhecimentos produzidos pela humanidade, pois tudo que é humano é psíquico. (SHANDASAMI, 2011). Deste modo, o tema desta pesquisa é a psicopatologia na perspectiva de Carl Gustav Jung que corresponde ao campo teórico da Psicologia Analítica Clássica por excelência, designada pelo psicólogo e pesquisador do campo geral pós-junguiano da Psicologia Analítica, Andrew Samuels (1989).

Segundo Clarke (1993) e Shandasami (2011), a teoria de Jung é alvo de muitas críticas, considerada por pesquisadores como contraditória, sem sistematização do pensamento e com lacunas teóricas. Ela segue uma linha não racional (analógica) e não linear (circular) de pensamento, semelhante a sua proposta metodológica de investigação dos fenômenos psíquicos: a amplificação. Trata-se de uma forma de pensamento por semelhanças, em torno de um objeto central, a dizer o símbolo. Assim, suas investigações se apropriam de caminhos diversos, com múltiplas referências de conhecimentos, como a história da humanidade, as religiões, a biologia, a filosofia, entre outras, para alcançar uma compreensão profunda dos fenômenos psicológicos.

Segundo Silveira (1997, p.16), por um lado Jung possuía uma postura científica: desenvolve seus trabalhos como médico psiquiatra e pesquisador da alma humana com base em procedimentos científicos experimentais e empíricos, além de um grande aprofundamento nos conhecimentos humanos gerais. Investigava com rigor empírico seus resultados com referência em dados da realidade, realizou experimentações, viagens para outros países e culturas, além de sua vasta experiência cotidiana como médico psiquiatra. Por outro lado, grande parte de sua

obra foi constituída a partir das elaborações de suas experiências pessoais interiores, suas visões, sonhos, insights profundos, etc.

Brooke (1991, p.22) e Samuels (2002, p.9) apresentam uma concepção semelhante, a dizer que a obra junguiana é atravessada por duas perspectivas: uma científica natural e outra poética. Para Brooke (1991, p.22) e Cardoso (1993, p.14), a linguagem das ciências naturais advém de sua prática médica e de pesquisador. Porém, sua perspectiva científica não se consolida totalmente nos moldes da ciência clássica cartesiana e positivista. Tende mais a perspectiva moderna de ciência, a-causal, sistêmica, reconhecendo a influência do observador, do contexto histórico nas elaborações teóricas do conhecimento, uma epistemologia relativista.

Já a perspectiva poética origina-se das suas experiências pessoais, corroborando com Silveira (1997), e a preocupação de encontrar os significados intrínsecos dos fenômenos e da existência humana. Sua sensibilidade e pensamento poético o aproximam das teorias fenomenológicas existenciais, desconstruindo a perspectiva objetivista cartesiana. A perspectiva poética é alegar a sensibilidade poética como ontologicamente válida para se alcançar o conhecimento sobre a alma humana, a psique. A imaginação e a fala por metáforas adquirem status ontológico, na medida em que, por elas, se faz um aprofundamento nas perspectivas da psique e possibilita a descrição com mais precisão sobre a realidade psicológica. Como exemplo, o uso das imagens alquímicas, os mitos e os contos de fadas para ilustrar e aproximar a compreensão significativa dos processos psicológicos profundos. (BROOKE, 1991, p.32).

Ao mesmo tempo em que se aproxima da perspectiva fenomenológica, é indisciplinado e incoerente, pois não apresenta um campo epistemológico bem elaborado. A crítica que recebe da perspectiva fenomenológica é que Jung não se desvincula totalmente do pensamento cartesiano quando parece se preocupar mais em classificar estruturas, categorias, dar uma anatomia e fisionomia à experiência, como por exemplo seus conceitos de arquétipos (anima, sombra, self, etc.) e as dinâmicas psicológicas destes. Por outro lado, sua teoria se aproxima da fenomenologia quando faz uso do pensamento hermenêutico, metafórico e imaginativo. (BROOKE, 1991, p.62).

O que se faz relevante aqui é destacar o caráter contraditório e não sistematizado da elaboração teórica de Jung. Esta ambivalência teórica implica numa concepção de psicopatologia que, segundo Samuels (2002, p.9), pode ser

compreendida metaforicamente como um espectro que oscila: de um lado denominado “profissional”, do outro denominado “poético”. A dimensão profissional se remete ao jargão médico psiquiátrico com diagnósticos, termos classificatórios que pode ser encontrado tanto na psicopatologia geral como na Psicologia Analítica. Termos como “depressão”, “complexo paterno”, “tendências regressivas”, “constelação do arquétipo”, entre outros, são jargões científicos que definem e delimitam uma experiência psicológica. Por outro lado, a dimensão poética remete a leitura mitopoética, fenomenológica, como uma análise artística dos fenômenos encontrados, inclusive uma releitura do próprio jargão médico.

Não se deve abandonar nem um, nem outro, posto ser ambos fundamentais no processo psicoterapêutico. O termo profissional orienta o procedimento terapêutico, mas tende a ser insuficiente para a compreensão do processo subjetivo do paciente, sendo assim fundamental a compreensão poética. (SAMUELS, 2002, p.10).

De modo geral, segundo Samuels (1989, p.32) o campo teórico da Psicologia Analítica tem como fundamentos compartilhados entre todas as escolas os conceitos de Si Mesmo (Self), Arquétipo, Desenvolvimento da Personalidade, e no campo da prática clínica que lida com experiência simbólica, a análise da transferência/contratransferência e das imagens. Na Escola Clássica, enfatiza-se mais o conceito teórico de Si Mesmo e, na prática, a experiência simbólica.

Sendo assim, o objetivo deste artigo é identificar as ideias centrais e teorias que fundamentam a compreensão dos fenômenos psicopatológicos na teoria de Carl Gustav Jung como referência da Escola Clássica. Especificamente, busca elaborar uma reflexão a respeito do tema “psicopatologia” com os conceitos principais da Psicologia Analítica como arquétipo, Self e desenvolvimento da personalidade. Por fim, realizar uma síntese buscando identificar o conceito de psicopatologia na Escola Clássica segundo a obra em análise.

Não se trata de definir ou fechar um conceito junguiano de psicopatologia, posto ser isto uma contradição com a própria proposta de Psicologia Complexa do autor. Segundo Hillman (1984, p.148), Jung não possui uma teoria sistematizada do conceito de psicopatologia, pois para ele os processos psicológicos e psicopatológicos são expressões naturais da alma humana. Mas, é possível identificar como se articula dentro de uma visão geral da psicologia de Jung os processos psicológicos inconscientes que levam ao fenômeno psicopatológico.

Para tal finalidade, a metodologia será a análise conceitual do livro “O Eu e o Inconsciente” de Carl Gustav Jung. Também serão referidos comentadores da Escola Clássica e outros artigos de C. G. Jung. Para Penna (2013), esta obra selecionada é uma das principais que fundamenta suas premissas ontológicas da abordagem simbólica dos fenômenos psicológicos. Corroborando, Hartman (2000) aponta esta obra como aquela que o autor estabelece sua perspectiva teleológica da neurose e seus conceitos teóricos fundamentais para compreender os fenômenos psicopatológicos.

4.2. Levantamento Bibliográfico

Segundo o levantamento realizado em bases nacionais e internacionais pelos portais Pepsic, Scielo, Biblioteca Virtual da PUC, USP, Journal of Analytical Psychology, Jung Page, além de livros de autores de referência da Psicologia Analítica segundo Samuels (1989, p.38), muitas foram as contribuições para a aproximação de um conceito de psicopatologia na perspectiva da Psicologia Analítica Clássica e possíveis reflexões a respeito do campo. Para Whitmont (1969, p.24), Jung compreende as psicopatologias e seus sintomas como imagens/símbolos que possuem sentidos e significados ocultos. São expressões das categorias irracionais, intuitivas, imaginativas da natureza humana, mas na cultura ocidental moderna são desprovidas de valor e reconhecimento.

Na obra “Psiquiatria Junguiana” (2007) de Karl Fierz, é possível identificar algumas perspectivas teóricas que fundamentam a concepção de psicopatologia na teoria junguiana: a teoria dos complexos inconscientes dissociados do ego-consciência (p.154) que “possuem” este; pela constelação de imagens coletivas/arquetípicas na consciência provocando a inflação do ego e sua identificação com o inconsciente (p.228). A constelação de um arquétipo (p.101), que revela um padrão típico de comportamento, emoções, imagens com sentidos gerais, universais e mitológicos. E também a perspectiva da emergência da função inferior do ego na consciência. (p.267). Em todos estes casos descritos, o que se observa é sempre uma alteração nas funções do ego-consciência devido ao contato com o inconsciente.

Fierz (2007, p.404) explica que para se compreender as psicopatologias na perspectiva junguiana, é fundamental a noção de cisão psíquica entre consciente e

inconsciente, entre o eu-consciente e outros aspectos da personalidade negligenciadas pela consciência. O enrijecimento do ponto de vista egóico-consciente provoca um “desequilíbrio psíquico”, quando um aspecto (consciente) se sobrepõe ao outro (inconsciente). O ideal é que ambos coexistam e tenham igual validade no dinamismo psicológico, estabelecendo o “equilíbrio” que equivale a noção de saúde mental.

Segundo Samuels (1989, p.86), a teoria junguiana Clássica possui sete formas de “Psicopatologias do Ego-Consciência”: 1º o ego indiferenciado não emerge satisfatoriamente de sua unidade com o self, havendo pouca discriminação e consciência; 2º o eu encontra-se inflacionado devido a uma identificação com o self, renegando outros complexos, aspectos da personalidade e por isto, estes podem gerar tensão e ter consequências destrutivas; 3º o eu se identifica com uma atitude extrema e nega sua capacidade mediadora, as outras possibilidades são negligenciadas e desvalorizadas, selecionando apenas o que convém; 4º eu não consegue se relacionar com outros complexos de modo imaginativo, criativo e com alteridade; 5ª o eu é subjugado por um aspecto inconsciente; 6º há uma fragilidade na unidade e incapacidade de integração do indivíduo, de maneira que se fragmenta e acessa facilmente os estados primitivos do psiquismo; 7ª quando a função inferior da tipologia junguiana está pouco integrada e não consegue construir sentidos e ter funcionalidade no psiquismo.

Esta perspectiva do ego em relação de desequilíbrio com o inconsciente pode ser traduzida de outra forma, como Himiob (2006, p.221) demonstra citando Jung na sua obra “O eu e o inconsciente” (2007). O adoecimento neurótico é quando o indivíduo nega e se aparta do contato com os conteúdos do inconsciente, pela Restauração Regressiva da Persona ou aceita tais conteúdos (em casos mais graves pode ser uma psicose, havendo gradações) por meio da Identificação com a psique coletiva.

Sobre as considerações gerais da teoria clássica junguiana, Hart (2002) afirma que o ego tem papel central e indispensável nesta abordagem, pois é ele quem media este processo de integração. O processo de integração da consciência e desenvolvimento da personalidade é regido pelo arquétipo do Self, visando o processo de individuação. Individuar é tornar-se si mesmo, removendo e integrando projeções de modo a conhecer e aceitar a sua própria natureza. Para Samuels

(2002) o processo de individuação é o conceito fundamental que possibilita a compreensão de psicopatologia e normalidade, dentro da perspectiva desta escola.

Martinez (2006) defende que a psicopatologia hermenêutico-sintética de Carl Gustav Jung é uma doutrina que se aproximou da resolução do conflito epistemológico entre a psicogênese e a organogênese das doenças mentais, buscando unificá-las numa concepção “psicorganodinâmica”, solução a qual tende a ser antimecanicista, anti-reducionista, sem tender a metapsicopatologia e ao biologicismo da psiquiatria convencional. O que favoreceu isto é a teoria dos complexos ideo-afetivos desenvolvido nos seus trabalhos iniciais e que se transforma ao longo de sua obra.

A teoria dos complexos também é fundamental para se compreender os fenômenos psicopatológicos para Jung, segundo Perrone (2008). São eles que dão individualidade, caracterizam a personalidade, dão tons afetivos. Fazem parte do “tecido psíquico” e a psicopatologia está relacionada ao estado dissociado deles em relação a consciência, as invasões de afetos e ideias que provocam a desadaptação na realidade.

Sant'Anna, Giovanetti, Castanho, Bazhuni (2003) observam na experiência de sofrimento psíquico a ocorrência de fenômenos compensatórios da consciência devido ao movimento auto-regulador da psique e emergência de temas arquetípicos ordenado pelo arquétipo do Si-mesmo ou Self. Para Sant'Anna (2001) as experiências vividas são simbolizadas na medida em que há um investimento libinal, promovendo uma transformação da consciência e integração da personalidade. Estes símbolos são análogos a temas míticos, religiosos, folclóricos que possibilita as comparações e amplificações elucidativas.

Zimmermann (s/d) e Rodrigues (2009) demonstram a necessidade de abordar simbolicamente as psicopatologias, de modo a valorizar os aspectos irracionais, imaginativos, intuitivos, sentimentais da natureza humana. A concepção de símbolo e a aplicação do método construtivo ou sintético possibilitou o estudo das psicopatologias por uma perspectiva mitológico-religioso. As doenças passam a ter um valor simbólico semelhante a ritos de passagens observadas especialmente em culturas primitivas, mas presentes em todas as culturas de modo geral. Na doença mental e seus sintomas está implícita a possibilidade transformação e desenvolvimento psicológico, visando maior integração da personalidade.

4.3. Modelo Teórico de Carl Gustav Jung

Com referência na obra “O eu e o inconsciente” de Jung (2007), segue uma breve revisão do modelo teórico da psique e seu dinamismo com o intuito de situar e definir seus conceitos principais para melhor compreensão dos processos psicopatológicos que serão descritos a seguir.

É relevante ressaltar que esta obra possui uma linguagem científica (e não mito-poética, como foi descrito anteriormente), utilizando-se de descrições e conceitos tais como Self, anima, ego, constelação, entre outros. Nesta perspectiva, Jung busca compreender a psique humana como um sistema energético relativamente fechado, utilizando-se de terminologias como “compensação”, “energia psíquica”, “entropia”, “colapso da consciência”, “tensão de opostos”, etc. A saúde e doença são refletidas pela noção de distribuição energética e, respectivamente, de disponibilidade ou não para o ego. (BROOKE, 1991, p.22).

É preciso ressaltar que os conceitos de “individualidade”, “eu”, “ego”, “personalidade consciente” e “consciência” adquirem o mesmo significado em alguns momentos. Segundo Samuels (1989, p.77), esta é uma falha conceitual inerente da obra de Jung, posto ser o ego uma entidade que não é constante e invariável. Ele se transforma, assim como suas funções, na doença e na saúde.

Como Jung usa “consciência” e “ego” de modo intercambiável, é difícil para ele conceber o ego como não sendo completamente consciente totalmente dentro da consciência. (SAMUELS, 1989, p.82).

Também os termos “inconsciente coletivo”, “psique coletiva”, “inconsciente” são usados sem muitas diferenciações. Outro termo “psique”, “self”, “si mesmo” e “totalidade psíquica” também costumam estar indiferenciados. Estes termos citados serão utilizados de modo indiferenciado neste trabalho.

Nesta obra Jung, o ser humano nasce com uma base psíquica coletiva herdada filogeneticamente, denominada de inconsciente coletivo ou psique coletiva. A psique coletiva é equivalente ao cérebro altamente diferenciado adquirido filogeneticamente, inerente da espécie humana. Possui muitas funções mentais que vão ser desenvolvidas ao longo da vida. De acordo com suas experiências individuais, aptidões, necessidade, etc, desenvolve determinadas funções que em essência são coletivas, similares entre os humanos. Assim a base coletiva adquire

características individuais, diferenciando-se do coletivo. “A semelhança universal do cérebro determina a possibilidade universal de uma função mental similar. Esta função é a psique coletiva.” (JUNG, 1971, §235).

Os conteúdos das experiências individuais são “organizados” pelos arquétipos, sendo estas estruturas a priori da espécie humana, fundamentam a psique humana, favorecem uma disposição psicológica para determinadas emoções, comportamentos, ideias e formas de ser humanas. Assim, por exemplo, a experiência pessoal de mãe corresponde a uma pré-disposição psíquica inata ser uma mãe e filha, ou seja, do arquétipo materno. Os arquétipos estão para as disposições psíquicas assim como os instintos estão para o comportamento e as necessidades físicas, etc. Ambos são coletivos, com grande força energética de atração e impulsão, mobilizam autonomamente os conteúdos da consciência, do comportamento, das emoções, da vontade, da percepção, etc. O desenvolvimento da personalidade é ordenado pelo arquétipo do Si-Mesmo ou Self, que para Jung é o centro da personalidade e a psique total, incluindo consciente e inconsciente. (JUNG, 1971).

Aproximar-nos-emos mais da verdade se pensarmos que a nossa psique consciente e pessoal repousa sobre a ampla base de uma disposição psíquica herdada e universal, cuja natureza é inconsciente; a relação da psique pessoal com a psique coletiva corresponde, mais ou menos, à relação do indivíduo com a sociedade. (JUNG, 2007, §234).

A personalidade consciente (ego – consciência) repousa sobre a base psíquica coletiva, e está diretamente relacionada a estes processos inconscientes com a finalidade de adaptação do indivíduo com o meio e com seu mundo interno. Sendo a consciência um dado recente da espécie humana, ela tem a finalidade adaptativa e favoreceu o pensamento lógico linear, racional, focado, discriminativo, a complexidade das civilizações e do pensamento humano, da convivência social, do bom trabalho, das relações estáveis, da vida adaptada. Nos primitivos, nas crianças e nos doentes mentais a consciência encontra-se mais vulnerável aos conteúdos inconscientes (afetos, fantasias, desejos, abstrações, instintos, etc.). (JUNG, 1971, §135).

O ego ou Eu é o centro da consciência, forma a identidade e a noção de continuidade, espacialidade e temporalidade. Promove a ação, o controle, e o contato com o inconsciente e com o mundo externo, age como mediador e

discriminador. É constituído a partir das experiências individuais a partir do corpo fisiológico humano e da psique coletiva.

A consciência e o ego se relacionam com o meio externo por meio da Persona. Esta é uma metáfora de “máscara social”, cuja função psicológica é de relacionamento e compromisso do Eu com o meio social. Por meio dela, o eu expressa suas potencialidades, direciona sua libido para o mundo externo e busca se adaptar. Os conteúdos da persona, assim como os conteúdos do inconsciente coletivo, são gerais e coletivos e o que há de individual nelas são as escolhas de determinadas qualidades realizadas pelo eu. Quando um indivíduo escolhe ser professor, atua de acordo com ditames coletivos, o que há de individual é a escolha, a história do indivíduo que o levou a exercitar este papel coletivo e como o faz. (JUNG, 2007, §245).

Ela resulta do desconhecimento a priori de fatores humanos fundamentais, da repressão mais ou menos involuntária de uma série de elementos psíquicos e característicos que poderiam ser conscientes, e cuja finalidade é estabelecer aquele segmento da psique coletiva a que demos o nome de *persona*. (JUNG, 2007, p.133).

Para Jung, é da natureza da psique ser dissociada e polarizada em opostos, consciente-inconsciente formando uma totalidade que denomina por Si-Mesmo. A função do inconsciente é de compensar a postura consciente e também influenciar o desenvolvimento da personalidade criativamente. O inconsciente é autônomo em relação à consciência, o que faz com que também crie possibilidades de ser e interfere nas orientações e direções da consciência. “(...) os conteúdos psíquicos transpessoais não são inertes ou mortos e, portanto, não podem ser manipulados à vontade. São entidades vivas que exercem sua força de atração sobre a consciência.” (JUNG, 2007, §230).

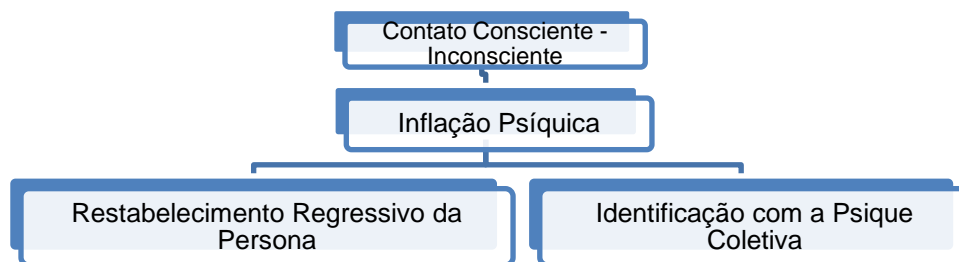
A compensação gera sempre uma tensão entre opostos (inconsciente-consciente) que deve ser transcendida pela capacidade do ego “suportar” esta tensão, de modo que ambos tenham o mesmo valor até que, por meio da função transcendente, se alcance um sentido unificador destas polaridades que se dá por meio da formação de símbolo. Este possui um sentido e meta de realização da personalidade, de sentido de integridade do Si Mesmo, e quando compreendido faz com que aspectos do inconsciente sejam integrados à consciência, favorecendo o processo de individuação. Este, portanto, visa ampliar e fortalecer a consciência por

meio da assimilação dos conteúdos inconscientes, ou seja, conscientizando-se do Si Mesmo (totalidade psíquica). (JUNG, 2007, § 218).

4.4. A Psicopatologia na Perspectiva da Escola Clássica por Carl Gustav Jung

A seguir, será demonstrado como Jung, em seu livro “O Eu e o Inconsciente” (2007) fundamenta teoricamente sua compreensão de psicopatologia. Considerando que conforme o levantamento bibliográfico realizado neste artigo, muitas são as perspectivas de Jung a respeito dos fenômenos psicopatológicos: teoria dos complexos, dos tipos psicológicos e a função inferior, a constelação dos arquétipos, iniciação e as etapas da vida humana, entre outros. Portanto, o levantamento e análise realizados a seguir, pela perspectiva de uma única obra, demonstra apenas um aspecto da teoria, mas que adquire relevância devido a importância desta obra. Nela se apresenta os conceitos principais da Psicologia Analítica Clássica, numa perspectiva energética e psiquiátrica. (HARTMAN, 2000). Resumidamente, as psicopatologias podem ser descritas:

Figura 1: A Constituição de Psicopatologias para Carl Gustav Jung



Simplificadamente (Figura 1), o contato do ego-consciência com as imagens primordiais do inconsciente coletivo provocam naturalmente uma inflação psíquica. Isto implica num grande investimento libidinal ou energético que causam um colapso na orientação consciente. Segundo Jung, há três modos do ego responder a este estado psicológico: Individuação, Reestabelecimento Regressivo da Persona e Identificação com a Psique Coletiva.

A primeira, Individuação, é compreendida como o caminho ideal ou sadio (JUNG, 2007, §266; SAMUELS, 2002, p.9). Os outros dois seriam saídas

patológicas para tentar se desvencilhar da alienação do Si Mesmo. Estas perspectivas serão descritas detalhadamente neste tópico segundo Jung (2007).

4.4.1. Inflação Psíquica : O Contato do Eu com o Inconsciente

Os conteúdos do inconsciente irrompem naturalmente na consciência ou, de alguma forma, são conduzidos pelo processo clínico de análise do inconsciente. São, primeiramente, oriundos do inconsciente pessoal e são aspectos da personalidade que estavam reprimidos ou que não tinham força energética suficiente para irromper a consciência. Este processo advém da função natural do inconsciente de compensar a postura consciente e favorecer o desenvolvimento psicológico, regido pelo arquétipo do Self.

Considerando então que os dados do inconsciente pessoal são organizados e assimilados pelos arquétipos do inconsciente coletivo, compreende-se que estes conteúdos pessoais relacionam-se com aspectos coletivos. Jung (2007, §227) demonstra que a assimilação do inconsciente pela consciência produz um fenômeno natural que denomina por *Inflação Psíquica*. Esta consiste na ampliação da personalidade consciente para além dos seus verdadeiros limites individuais, devido a assimilação de tais aspectos coletivos, arquetípicos contidos nos conteúdos pessoais. O indivíduo apropria-se de algo que não é só dele, mas que é comum a toda humanidade e então adquire uma “inconsciência ingênua de seus limites” (JUNG, 2007, §224). Trata-se de um fenômeno que denomina como “semelhança a Deus”, termo emprestado de Fausto que ilustra perfeitamente.

Todo esse material acrescentado à consciência determina uma considerável ampliação do horizonte, um aprofundamento do autoconhecimento e, principalmente, humaniza o indivíduo tornando-o modesto. Entretanto, o autoconhecimento, considerado pelos sábios como o melhor e o mais eficaz para o homem, produz diferentes efeitos sobre os diversos caracteres. (JUNG, 2007, p.121).

Para o autor, a inflação psíquica possui diferentes modos de expressão, dependendo da orientação da libido (introversão/extroversão), da qualidade das imagens coletivas (internas ou externas), etc. No que tange a direção da libido, para os extrovertidos há uma supervalorização dos objetos externos, o novo conhecimento adquirido se projeta fora, causando grande otimismo e até mesmo sentimento de superioridade. Aumenta a autoconfiança e a autoestima, com

sensação de “saber” muito sobre o mundo fora. Já para os introvertidos, cuja libido volta-se para o sujeito, o peso arquetípico do novo conhecimento “cai” sobre si, causando um estado depressivo, de baixa autoestima e autoconfiança, sentimentos de inferioridade e de incapacidade perante a vida. (JUNG, 2007, §223).

O exagero da posição consciente é compensado no inconsciente pelo seu oposto, de modo a promover um estado de equilíbrio psíquico. É possível identificar que por trás de conteúdos de grandiosidade e alta autoestima revelam-se medos e autoconceitos de inferioridade, e, da mesma forma, por trás de posturas de humilhação e autodepreciação, revelam-se tendências grandiosas. A este fenômeno é chamado de *enantiodromia*. (JUNG, 2007, §222).

A inflação psíquica é, portanto, um “colapso na orientação consciente” devido ao contato numinoso das imagens coletivas. Estas possuem numinosidade e autonomia, podem ser nocivas e destrutivas para a consciência. Esta perde suas funções volitivas, de controle, assim como outras funções (afetivas, cognitivas, perceptivas, motoras, mnemônica, etc) são alteradas. Dependendo da fragilidade da personalidade e da intensidade e autonomia destas imagens inconscientes que emergem, pode-se levar a quadros psicopatológicos. (JUNG, 2007, §233).

Segundo Hultberg (2002, p.50), a inflação psíquica provoca exacerbação de desejos, fantasias que invadem a consciência. Muitas vezes provoca grande ansiedade que mobiliza defesas para controlá-las se caso o ego for forte o suficiente para se defender, ou então, o ego pode ser “inundado”, não resistindo a estados de submersão psicótica.

Desta forma, o Eu encontra-se numa condição alienante de compulsão (falta de controle e automatismo estereotipado) e ausência de significado, pois não há diferenciação entre o eu e a imagem ou instinto. (HART, 2002). Esta perda de equilíbrio é necessária, pois mobiliza e transforma uma “consciência falha” e visa alcançar uma nova consciência. Mas este novo equilíbrio só pode ser alcançado quando “a consciência for capaz de assimilar os conteúdos produzidos pelo inconsciente, isto é, quando puder compreendê-los e digerí-los.” (JUNG, 2007, §253). Caso não haja tal compreensão do inconsciente coletivo, haverá uma paralisação do processo de individuação, levando a possíveis comportamentos psicopatológicos.

Segundo Fierz (2007, p.402), o processo de inflação psíquica é consequência da constelação de um arquétipo. O ego pode ser “possuído” pela imagem

arquetípica e/ou complexo, que significa que o padrão típico de comportamento com um sentido e significado coletivo exerce uma influência e domínio de modo que o ego não consegue aderir a outra perspectiva ou modo de agir, sentir e perceber a realidade. Caso a “possessão” se prolongue e torne-se crônica, é possível afirmar que a inflação “se fixou”, tornando-se uma “identificação” do ego com a psique coletiva. Esta seria um grau mais elevado deste fenômeno da inflação, que será descrito a seguir.

4.4.2. Sobre a Formação de Psicopatologias: Tentativas de Libertar a Individualidade da Psique Coletiva

Resumidamente, no tópico anterior foi descrito que o processo de inflação psíquica é natural e necessário para o desenvolvimento normal da personalidade. Trata-se de um contato da consciência com o inconsciente, que gera um “colapso da orientação consciente”. Nela observa-se um ganho de autoconhecimento, reconhecimento de potenciais, qualidades e possibilidades antes desconhecidas devido as modulações e grande força das imagens primordiais do inconsciente.

Assim, o eu fica alienado à psique coletiva e faz parte de seu desenvolvimento despir-se destas identificações (tanto com os papéis sociais como com as imagens primordiais), de modo a sedimentar sua individualidade, adquirindo uma relação de alteridade do eu com o inconsciente e com seu meio, que seria denominado de processo de individuação. Este é um processo de desenvolvimento ideal, porém muitas vezes o eu sucumbe em suas tentativas de libertar a individualidade da psique coletiva. (JUNG, 2007, §266).

No tópico IV “Tentativas de Libertar a Individualidade da Psique Coletiva”, da Parte I do livro, Jung demonstra duas possibilidades patológicas, ou que refletem uma alienação do eu nestas tentativas: restabelecimento regressivo da persona e a identificação com a psique coletiva. Segue a descrição de acordo com a obra.

a) Restabelecimento Regressivo da Persona

A irrupção do inconsciente na consciência provoca um colapso na orientação consciente, como foi descrito no tópico sobre Inflação Psíquica. O contato com o inconsciente é devidamente perigoso, pois não se sabe ao certo os limites e

possibilidades, além do que o ego perde o controle de suas funções. Segundo Hultberg (2002, p.46), o estado inflacionário mobiliza grandes ansiedades.

Devido a esta desorientação, o ego se defende contra tais ansiedades se retraindo e se afastando da situação superestimulante. Percebe que, devido a força numinosa e aterradora das imagens primordiais, pode ser destruído, aniquilado, ou aleijado psicologicamente. Neste caso, há força egóica suficiente e senso de realidade para se defender dos conteúdos grandiosos. Ele então se defende regredindo a um estágio anterior do seu desenvolvimento, quando se sentia mais seguro, no intuito de preservar a persona (a individualidade). Renuncia qualquer risco, rebaixa o nível de suas ambições e possibilidades, vivendo aquém do que realmente pode. (JUNG, 2007, §254).

Assim, segundo Hultberg (2002, p.47) e Jung (2007, §259), a individualidade é mantida pela preservação da persona, o sujeito passa a viver uma existência limitada ou o modo de ser que já deveria ter sido superado. O Eu resiste ao novo, pois teme as forças numinosas do inconsciente. Observa-se nestes casos que há uma transferência clínica de conteúdos transpessoais a serem desenvolvidos e elaborados, porém o ego parece parar de desejar, de buscar, de querer evoluir. Ele permanece num lugar cômodo, familiar, seguro e fácil, porém sem vitalidade e profundidade, como num vazio ou vale. É experimentado como um estado depressivo, de desânimo e isolamento apático e passividade.

Há uma predominância da psique individual sobre a psique coletiva, ou seja, há uma separação da persona/consciência em relação ao inconsciente. Isto se dá devido ao uso predominante do mecanismo defensivo egóico de “negação” dos conteúdos inconscientes e fuga das situações que podem gerar o conflito que favorecerão o desenvolvimento psicológico. Nega desejos, impulsos, fantasias, abrindo mão de sua liberdade individual para favorecer um estado superficial de estabilidade. Há uma aparente individualidade apenas, pois parte da personalidade está reprimida e negligenciada, interrompendo o desenvolvimento psicológico, semelhante a configuração neurótica. (JUNG, 2007, §259).

Em outro estudo, Jung (2002, §13) descreve que ao “romper” com as imagens primordiais em busca da elevação da objetividade e da consciência, atrofia-se o instinto, desenvolvendo uma consciência desenraizada. Não se trata de negar o alto valor da vontade consciente, pois se trata de uma conquista suprema do humano.

Mas o excesso de moralidade e de racionalidade pode levar a separação da consciência com a vida inconsciente, afetiva, instintiva.

O adoecimento se dá pelo princípio de compensação da postura unilateral da consciência que negligencia outros aspectos da personalidade. Como a psique possui seu próprio dinamismo e nada deixa de existir por ser reprimido, estes conteúdos carregados energeticamente de afeto e ideias tendem a retornar em forma de sintomas. (JUNG, 2007, §259).

b) Identificação com a Psique Coletiva

Nesta situação, o eu aceita os conteúdos do inconsciente coletivo, ocorrendo então o oposto descrito anteriormente: há uma predominância da psique coletiva sobre a psique pessoal. A inflação é aceita como condição e o eu se identifica com os conteúdos coletivos. O fenômeno da identificação do eu com a psique coletiva leva à dissolução da persona (da individualidade) na psique coletiva. (JUNG, 2007, §254).

A atratividade do inconsciente coletivo justifica este fenômeno, pois sabe-se que o contato com este leva a uma “renovação de vida” (JUNG, 2007, §260). Esta experiência pode ser agradável ou desagradável, mas em todo caso é de caráter emocional e estimulante, pois a constelação arquetípica é sempre superestimulante, com grande força numinosa. Daí, irrompem novas formas de percepção, compreensão, de emoção, de comportamento, entre outros. Novos aspectos da personalidade emergem e favorecem a transformação da personalidade, pois mobiliza a energia psíquica.

Na identificação com a psique coletiva acontece um retrocesso e não uma verdadeira compreensão. Há uma sensação de que “descobriu” algo muito profundo, como um alcance de uma verdade transcendente, sobre humana, porém o indivíduo se identifica com uma numinosidade, traindo a sua própria individuação. “Na verdade não se descobriu seu ser mais profundo, mas sim, as eternas verdades e erros da psique coletiva. Na psique coletiva perde-se justamente de vista o seu ser mais profundo.” (JUNG, 2007, p.142). O eu se encontra mesclado com qualidades coletivas, está, portanto, indiferenciado e inflado.

O problema da identificação com a psique coletiva é em essência uma tendência regressiva da psique, como uma fixação infantil que impede o amadurecimento e o confronto com a realidade devido ao excesso de fantasias.

Remete a imagem arquetípica do “ser devorado pela baleia”, ser atraído pelo canto da sereia, pela flauta de Pan, encontrar-se inundado pelo oceano, imerso no inconsciente com a perda da existência humana particular, individual. A consciência perde o controle de si para as emoções, instintos, fantasias, entre outros. (JUNG, 2007, §261).

Ninguém que perceba o grotesco desta identificação teria coragem de erigi-la em princípio. O perigo está no fato da maior parte das pessoas carecer do humor necessário ou deste faltar justamente na hora oportuna; tomadas por uma espécie de *pathos*, tudo lhes parece carregado de sentido e qualquer autocritica eficaz é rejeitada. (JUNG, 2007, §262).

Em termos psicopatológicos, parece haver uma fragilidade da personalidade, o eu torna-se vulnerável ao inconsciente sem conseguir defender-se. Dependendo do grau de intensidade da irrupção do conteúdo inconsciente e da fragilidade psíquica, pode levar a desintegração da personalidade. Pode ser uma desintegração passageira ou permanente, caracterizando um quadro de esquizofrenia. Mas em níveis amenos, trata-se de uma excentricidade psíquica, levando a um infantilismo e apartando do convívio social, ou então, devido ao contato com verdades profundas, o individuo se acha “portador de uma verdade universal”, assumindo posturas proféticas, místicas, do mestre ou discípulo com grande interesse ao mundo transcendental. (JUNG, 2007, §254).

Jung diferencia uma pessoa insana, adoecida de um gênio: ambos se relacionaram com conteúdos da psique coletiva, beberam da mesma fonte, mas a diferença esta na capacidade de abstração e tradução de tais conteúdos para a realidade existencial, de conseguir “transmudar uma visão primitiva e natural numa ideia abstrata, que pertence ao patrimônio geral da consciência”. (JUNG, 2007, §229). Em outras palavras, o gênio filósofo compreendeu esta verdade psicológica e teve recursos egóicos para transmitir racionalmente sem sucumbir a inflação. O paciente, por sua vez, não teve recursos egóicos (fragilidade da personalidade consciente) para se defender de tais forças arquetípicas, sucumbindo ao inconsciente e rompendo com a realidade.

4.5. Implicações Teóricas da Teoria da Psicologia Analítica e as Psicopatologias

Para maior aprofundamento na compreensão dos processos psicopatológicos, foram selecionados os conceitos fundamentais da teoria junguiana encontradas nesta obra em estudo. São eles: relação ego/eu-inconsciente, Si-Mesmo, desenvolvimento da personalidade, arquétipos, compensação e o símbolo.

Segundo Samuels (1989, p.33) há seis aspectos da teoria e prática relevantes em todo o campo da Psicologia Analítica: definição de arquétipo e de self, o desenvolvimento da personalidade, a análise da transferência-contratransferência e das imagens diferenciadas e a experiência simbólica do self.

Segundo o objetivo proposto deste trabalho, será realizada uma reflexão teórica a respeito dos conceitos de arquétipo, self, desenvolvimento da personalidade e símbolos em relação ao tema proposto, a psicopatologia. A relação transferencial e o exame de imagens diferenciadas não são citados nesta obra e compõe aspectos da prática clínica, portanto, não servem ao objetivo deste trabalho. A teoria da compensação aparece de modo predominante ao longo desta obra “O eu e o inconsciente” como lei natural que mobiliza os processos psíquicos, demonstrando relevância para defini-lo e destacar sua relação com os fenômenos psicopatológicos.

4.5.1. Psicopatologia e a Relação entre Ego/Eu e o Inconsciente

Como foi demonstrado anteriormente, o adoecimento psicológico remete-se a forma como o Eu/Ego responde ou se relaciona com os conteúdos do inconsciente. O contato com o inconsciente provoca alterações na consciência e favorecem a transformações subjetivas na personalidade consciente, sendo patológicas ou não. (JUNG, 2007, §253).

Segundo Hart (2002) a perspectiva junguiana clássica compreende que nas psicopatologias a cisão natural entre consciente e inconsciente está enrijecida numa condição alienante, de compulsão e falta de liberdade, pois o ego não consegue executar sua mediação entre ambos. Em casos normais, a mediação do ego favorece a união desta cisão e uma possível transformação e integração da personalidade.

Samuels (1989, p.86) também identifica o ego como elemento central do adoecimento psicológico. De acordo com o que foi citado nas referências bibliográficas, este autor identifica sete itens demonstrando que é devido a postura unilateral ou a fragilidade de coesão do ego que se desenvolvem as “psicopatologias

do ego”. De modo geral, o que se observa é que não há uma relação de alteridade ou diálogo entre consciente e inconsciente.

Dos itens apresentados por este autor, é possível observar que se associam com as ideias de identificação com a psique coletiva, quando sugere que a psicopatologia se remete (1) quando o ego não emerge satisfatoriamente de sua unidade com o Self, com pouca discriminação da consciência, ou (2) quando está identificado com o Self, negando outros complexos ou aspectos da personalidade, ou (5) quando o ego é subjugado por um aspecto inconsciente. Associa-se mais a restabelecimento regressivo da persona quando (3) o ego que se identifica com a atitude extrema e nega sua capacidade mediadora desvalorizando e negando outras potencialidades, selecionando apenas o que convém, ou (4) quando não consegue se relacionar com outros complexos de modo imaginativo, criativo e com alteridade.

O que se espera é que o ego seja capaz de suportar a dualidade das oposições consciente e inconsciente, de modo a integrar os conteúdos inconscientes na consciência, onde idealmente nenhum dos opostos se sobressaia e tenha seu devido valor e necessidade reconhecidos. É necessário desidentificar o conteúdo pessoal do conteúdo coletivo. A nova atitude se dá pela função transcendente da psique que possibilita a experiência simbólica integrativa pela união dos opostos que, por sua vez, libera energia psíquica criativa. O indivíduo sai do estado de alienação inconsciente para uma nova atitude mais consciente. (JUNG, 2007, §359).

4.5.2. Psicopatologia e o Si-Mesmo (Self)

O Si-Mesmo ou o Self é um arquétipo que representa a personalidade total, engloba consciente e inconsciente, mente e corpo, e ao mesmo tempo representa o centro da personalidade total, tendo a função organizadora e diretora da psique. Ele também tem a função de criar símbolos para unir estas polaridades e dar sentido e finalidade ao desenvolvimento psicológico. Como arquétipo central, suas expressões imagéticas sempre se assemelham a imagem de Deus ou análogos superiores, centralizadores, que contém uma totalidade. De modo geral, suas expressões demonstram como de fato o indivíduo é em sua totalidade. (JUNG, 2007, p.53).

Para Jung (2007, §274), a natureza da psique é dissociada, como se houvesse almas parciais, outros “eus” para além da consciência do ego. A integração dos conteúdos inconscientes do Si-Mesmo favorece a formação do ego,

ou seja, o sentido de “eu”, de identidade e continuidade na consciência. Na medida em que se integra estes aspectos dissociados da personalidade total, a consciência se amplia e se aproxima mais de uma consciência totalizante, de Si Mesmo, de uma personalidade consciente mais integrada e organizada.

Segundo Fierz (2007, p.238), o conceito de Si-Mesmo limita a soberania do ego-consciência, pois este se encontra “englobado” pelo Si-Mesmo. O ego torna-se apenas parcialmente responsável pelas suas atitudes devido a limitação das funções volitivas e afetivas, que são influenciadas pelo inconsciente e ambiente. Este ponto de vista é relevante para a relativização do julgamento jurídico e sócio-cultural. Entretanto, no desenvolvimento da personalidade (individuação) faz-se necessário o ego assumir as responsabilidades do Si-Mesmo, pois somente assim será leal a sua sina __ a si mesmo. Assim, o individuo pode desenvolver sua personalidade, aproximando-se mais de um sentido de integridade, de “eu mesmo”. De modo geral, em psicopatologias, o que se observa é a autonomia e dissociação dos conteúdos inconscientes em relação ao eu, o que revela um ressentimento moral pela incapacidade de se reaver consigo mesmo. (JUNG, 2007, §218).

Em outro texto Jung (1986, §45) afirma que a assimilação do Si-Mesmo sempre provoca uma inflação psíquica. No caso de identificação do eu com este arquétipo, uma “catástrofe psíquica”. O eu torna-se refém dos fatores inconscientes, como foi descrito no tópico da Identificação com a Psique Coletiva, e sua adaptação torna-se perturbada, patologizada. Daí a importância do eu ou ego enraizar-se no mundo consciente e adaptar-se a realidade, em outras palavras, possuir um ego fortalecido em suas funções.

Para Samuels (1989, p. 33), a experiência simbólica do Si-Mesmo é o aspecto de maior importância na prática clínica da Psicologia Analítica Clássica. Trata-se da união dos opostos (consciente-inconsciente) mediada por um símbolo unificador, cuja experiência é de ordem, unidade, plenitude, equilíbrio, integração e síntese. Aquilo que era inconsciente, automático, compulsivo, misterioso adquire, por meio da integração, sentidos e significados com finalidade de desenvolvimento da personalidade consciente. Como centro da personalidade total, o Si-Mesmo é a semente do destino e do desenvolvimento psicológico do individuo que deverá ser conscientizado pela mediação do ego.

Beebe (2002, p.186) ao descrever os procedimentos clínicos da Psicologia Analítica Clássica, aponta que é preciso levar a sério os conteúdos do Si-Mesmo,

pois é este que orienta o desenvolvimento da personalidade por meio da produção de fantasias que norteiam a atitude ideal perante a tensão de opostos. Nestas resoluções, é natural observar ambivalências que visam o equilíbrio psíquico e uma nova consciência que transcenda a situação de oposição. Portanto, a experiência simbólica do Si-Mesmo tem uma função de “aceitação” da personalidade e de integridade consigo mesmo.

Para Jung (2007, §266), toda psicopatologia é uma alienação do Si-Mesmo. O Eu/ego despoja-se do Si-Mesmo, seja por identificação ou negação, e devido a isto, não consegue desenvolver sua individualidade em prol do coletivo. O eu/ego vivencia experiências de desintegração, de inflação, falta de controle, de sentido e de união consigo mesmo, pois aspectos da personalidade inconsciente estão dissociados da consciência, atuando autonomamente sobre esta. (JUNG, 2007, p.188).

Neste sentido a capacidade de simbolizar encontra-se defasada, pois ou não há contato com os conteúdos do Si-Mesmo, ou há uma identificação com este, o que impossibilita, de modo geral, o ego discernir a dualidade dos opostos para realizar a função transcendente. A experiência simbólica do Si-Mesmo torna-se então um sintoma, um elemento irracional e dissociado da consciência (BEEBE, 2002, p.16).

4.5.3. Psicopatologia e o Desenvolvimento da Personalidade

O desenvolvimento da personalidade para Jung é de extrema relevância e sua contribuição maior foi apontar para etapas do desenvolvimento na segunda fase da vida. Na primeira etapa da vida a personalidade consciente está em formação, especialmente nos primeiros anos de idade. Na segunda etapa, a partir da meia idade, os processos inconscientes são ativados visando integração dos conteúdos inconscientes na consciência, denominada por metanóia. Este processo visa que o indivíduo torne-se consciente de si mesmo, um ser único, singular, despojando de suas verdadeiras potencialidades humanas. (JUNG, 1981, §75).

O diferencial da psicologia junguiana é que atesta dois centros da personalidade: o centro da consciência que é o Ego e o centro da personalidade total que é o Si-Mesmo/Self. No segundo período da vida, há “um afastamento gradual do controle do ego em direção ao domínio do Si-Mesmo __ dos valores

personais para aqueles de significado mais impessoal e coletivo” (HART, 2002, p. 110). Jung denomina este processo de Individuação.

A meta do desenvolvimento da personalidade é a individuação, que é tornar consciente a vida inconsciente, e progressivamente libertar o indivíduo da falta de significado e compulsão. Nos processos descritos de identificação com a psique coletiva e restabelecimento regressivo da persona, observa-se que a individualidade está de alguma forma mal elaborada, seja pelo excesso de identificação com imagens coletivas ou pela grande ênfase na psique consciente e individual a ponto de desenraizar-se da vida instintiva. Sendo assim, a individuação está sendo traída. (HART, 2002, p.101; JUNG, 2007, §267).

Paradoxalmente, é possível afirmar que estes dois fenômenos, compreendidos aqui como patológicos, mobilizam o desenvolvimento da personalidade. Pelos efeitos da compensação psíquica que visa o equilíbrio dos opostos (consciente – inconsciente), as psicopatologias também podem ser compreendidas como mobilizadores do desenvolvimento da personalidade, pois pela emergência de sintomas, o ego é compelido a se flexibilizar e exercer sua atitude mediadora. A individuação ocorre quando o ego consegue despir-se das identificações coletivas e alcança grau de flexibilidade para mediar as demandas internas e externas. (JUNG, 2007, §269).

Há, portanto, um sentido de desenvolvimento, de meta e finalidade nos colapsos conscientes descritos nas psicopatologias. São experiências que mobilizam novas potencialidades de ser, de sentir, pensar, compreender e agir no mundo. Os conteúdos reprimidos, negligenciados ou que simplesmente não alcançam a consciência formam, no inconsciente, sementes para o desenvolvimento posterior da personalidade. Alguns conteúdos podem permanecer inconscientes ao longo de uma vida e nunca se manifestarem. Outros podem levar algum tempo para alcançarem a consciência. Incubados nas profundezas da psique, eles podem ser modulados e transformados ao longo da vida, mesmo quando inconscientes. Caso tais conteúdos sejam por demais incompatíveis com a atitude da consciência, causam certo transtorno para sua assimilação consciente, de maneira que, segundo Jung (2007, p.50) os quadros psicopatológicos já era um destino.

Os que sofrem tal destino, a minoria, representa na realidade um tipo humano “superior”, que por um motivo qualquer permaneceu muito tempo num estágio primitivo. Com o correr do tempo, sua natureza não resistiu a

essa apatia antinatural. A estreiteza de sua esfera consciente e a limitação de sua vida e existência pouparam-lhe a energia; pouco a pouco esta acumulou-se no inconsciente, explodindo afinal sob a forma de uma neurose mais ou menos aguda. Basta, para explica-lo, o instinto de realização do Si-Mesmo, perfeitamente compreensível. Poder-se ia também considera-lo como um amadurecimento tardio da personalidade. (JUNG, 2007, §291).

Segundo Jung (2007, p.60) o processo de individuação não é para todos, pois muitos sucumbem à alienação ou simplesmente não se mobilizam para a diferenciação psíquica. De modo geral, trata-se de um processo regido por um “instinto de realização do Si-Mesmo”, do arquétipo central. É um processo criativo, pois os arquétipos são ativados de acordo com as etapas e experiências da vida, constelando novas necessidades, novas formas de percepção, de ação, de emoção, de comportamento.

4.5.4. Psicopatologia e Arquétipos

Para Jung, o inconsciente coletivo é constituído por arquétipos, que são estruturas vivas, como órgãos psíquicos, dotados de vivacidade, atuantes como instintos, com finalidade de sobrevivência e adaptação, além da capacidade criativa e sabedoria interna (JUNG, 2007, §300). Em outro texto, Jung (2002, §151) se refere a eles como dominantes da psique, com poderes governantes tais como os deuses, suas representações resultam de princípios e leis dominantes.

Isto se remete a autonomia dos complexos e arquétipos inconscientes em relação a consciência. Observa que há sistemas psíquicos parciais dissociados da personalidade consciente que atuam de modo independente na consciência mobilizando afetivamente o indivíduo a novas experiências assim como a padrões de comportamentos autônomos. Esta tendência de dissociação da psique é considerada por Jung como atuação de arquétipos que fundamentam as representações coletivas transcendentais, como por exemplo os deuses.

Para Jung, (2002, §54), devido a negligência da função irracional e religiosa e a exacerbação da racionalidade e consciência na modernidade ocidental, os fenômenos irracionais são tomados atualmente como psicopatológicos. Possessões demoníacas, visões angelicais, vozes sobrenaturais, viagens fora do corpo, entre outros fenômenos que eram compreendidos como contato do humano com o mundo transcendente, atualmente tornaram-se sintomas de histeria, esquizofrenia,

alterações de consciência, dissociações, entre outros termos técnicos. Trata-se, no entanto, de expressões psíquicas arquetípicas e daí, sua famosa constatação de que, na modernidade, “os deuses tornaram-se doenças”. (JUNG, 2002, §54).

A constelação de um arquétipo, portanto, amplia a consciência promovendo um estado de inflação psíquica que corresponde ao estado de “semelhança a Deus”. Há irrupção de conteúdos coletivos que provocam um desequilíbrio na orientação da consciência. A natureza psicodinâmica do arquétipo se “constela” na consciência do indivíduo em forma de fantasias, padrões de comportamento, emoções, desejos, etc. (JUNG, 2007, §224).

Os arquétipos estão expressos mais fielmente nas imagens míticas e religiosas, exercem poder sobre a psique consciente como deuses, instancias numinosas e supremas além ego. A anormalidade é identificar-se com algo que possui poder e qualidades não humanas vivenciando a realidade de modo fantasioso e/ou infantil ou, por outro lado, desenraizar-se destes potenciais inatos da psique de energia vital e instintiva pela exacerbação da razão e consciência, como ocorre da identificação com a psique coletiva e o restabelecimento regressivo da persona, respectivamente.

Fierz (2007, p.228) aponta para a necessidade de um “diagnóstico do arquétipo” para compreender o caso clínico. Segundo ele, as psicopatologias para Jung são, em essência, o encontro com as imagens primordiais que geram a inflação do ego. Na medida em que se compreendem as imagens primordiais consteladas nas inflações psíquicas, os sintomas passam a ser abordados simbolicamente e sua aparente irracionalidade adquire um sentido existencial para o indivíduo. Jung (2002, §55) explica que as imagens que personificam as forças arquetípicas auxiliam no reconhecimento da realidade relativa do inconsciente autônomo. Torna possível despotencializar e assimilar as “forças selvagens da vida” que são os impulsos arquetípicos.

Muitos são os arquétipos e sua constelação favorece dinamismos específicos de suas qualidades. Serão descritos a seguir a qualidade da constelação dos principais arquétipos descritos por Jung na obra em análise (2007), tal como seu caráter patológico, corroborando com Samuels (1989, p.117).

A constelação do arquétipo da sombra favorece a irrupção de conteúdos pessoais. Estes aparecem com qualidade negativa, denegridas, pouco desenvolvidas, pois revelam tendências inconscientes do indivíduo. O eu adquire

uma percepção negativa de si e da realidade, age desadaptadamente e causa uma impressão desfavorável de si para os outros. (JUNG, 2007, §275).

Para Jung (2007, §275), ao se desvincular dos aspectos pessoais da sombra, há irrupção de conteúdos mais profundos, da psique coletiva, que são mediados pelos arquétipos relacionais, anima/animus, a contraparte sexual do eu. Em caso de um Eu masculino, sua contraparte é feminina, e vice-versa. Seus conteúdos pessoais advêm da experiência com os pais e familiares, auxiliam na elaboração da identidade (especialmente gênero). Esta contraparte tende a ser reprimida para que o Eu se estabeleça em identidade de gênero. A função anímica serve à compreensão do funcionamento do outro do sexo oposto e na relação do indivíduo com seu inconsciente.

A possessão dos arquétipos anímicos (anima/animus) na consciência desencadeia alterações na personalidade consciente, na qual o Eu adquire características do sexo oposto. A mulher tomada pelo animus torna-se obstinada, com ideias críticas, enrijecidas, dogmáticas, entre outros. No homem tomado pela anima é possível observar caprichos desnecessários, humores alterados, emoções volúveis, descontroles, mentiras, entre outros. (JUNG, 2007, §303).

Os arquétipos de anima e animus são conteúdos autônomos à consciência e possuem uma relação análoga à persona: enquanto esta exerce a função de relação com o mundo externo, anima/animus exercem a função de relação com o inconsciente. “A falta de resistência exterior contra a sedução da persona corresponde uma fraqueza interior relativa à influência do inconsciente” (JUNG, 2007, §308). Assim, por meio do refinamento da função anímica, adquire-se a possibilidade de diferenciação do Eu com os aspectos internos e externos coletivos, de modo que o Eu consegue compreendê-los sem ser “possuído” ou “identificado” com aqueles. Ao alcançar esta meta de relação, anima e animus deixam de ser autônomos e tornam-se integrados a personalidade, adquirem uma função de “mensageiro”.

Jung enfatiza a relação eu e o inconsciente como relação de alteridade, nunca como dominação de um sobre o outro, posto que isto leva ao adoecimento, inflação psíquica. (JUNG, 2007, §382). Quando os arquétipos, anima e animus, deixam de ser autônomos e adquirem esta qualidade de “mensageiros”, como funções psíquicas, uma nova experiência psíquica é alcançada: emergem figuras-manas, advindas do arquétipo do self, com qualidades transcendentais, mágicas, de

intuição, sabedoria, direcionamento interior e autoconhecimento. A identificação com estas imagens arquetípicas também levam a inflação e possessão. No homem tende a ser figuras análogas ao “mago” enquanto nas mulheres figuras análogas a “Grande Mãe”.

Outros arquétipos compõe o inconsciente coletivo e possuem funções de adaptação e desenvolvimento. Não cabe aqui descrevê-los em suas psicodinâmicas, mas é válido ressaltar que todos apresentam a possibilidade de levar a situações inflacionárias, de identificação ou possessão, favorecendo quadros psicopatológicos, assim como possibilitam o desenvolvimento da personalidade.

4.5.5. Psicopatologia e a Compensação

Para Jung (2007, §290), a totalidade psíquica, o Si-Mesmo, é polarizado entre consciente e inconsciente. A principal função do inconsciente é compensar, ou seja, retificar a postura do ego-consciência (quando se encontra unilateral), almejando um estado de equilíbrio psíquico no qual conteúdos da consciência e do inconsciente sejam igualmente valorizados e integrados. A filosofia chinesa e taoísta há muito tem o conhecimento da natureza compensatória da psique e Jung aponta para a necessidade de integrar este conhecimento milenar no conhecimento psicológico.

A relação compensatória não significa necessariamente que o inconsciente e consciente estão em oposição, mas sim complementação. O intuito é a consciência estar coordenada com o inconsciente, de modo a formar uma totalidade psíquica dinâmica, o Si-Mesmo, com sentido de integridade e coesão da personalidade. Em casos psicopatológicos, o que se observa é que não há esta relação de complementação, pois o inconsciente encontra-se autônomo em relação à consciência, podendo se opor, invadir, possuí-la. “Achamos, no entanto, que o inconsciente se volta contra o consciente, numa atitude hostil ou inadvertida, quando este último assume uma posição falsa ou pretenciosa” (JUNG, 2007, §346).

Os processos inconscientes compensatórios se manifestam na consciência por meio de “sintomas, ações, opiniões, afetos, fantasias e sonhos” (JUNG, 2007, §272). São de natureza fantasiosa e imagética e se relacionam diretamente com a vida consciente. Estas imagens são ideo-afetivas, de base emocional e instintual, não sendo, portanto, racionais e lógicas. A forma de compreendê-las é metafórica, nunca se apropriando de uma definição em si, mas com aproximações analógicas

de sentido e significado, lendo “como se” fosse determinado sentido. (JUNG, 2007, §289).

Assim, pois encaro a perda de equilíbrio como algo adequado, pois substitui uma consciência falha, pela atividade automática e instintiva do inconsciente, que sempre visa a criação de um novo equilíbrio; *tal meta será alcançada sempre que a consciência for capaz de assimilar os conteúdos produzidos pelo inconsciente, isto é, quando puder compreendê-los e digeri-los.* (JUNG, 2007, §253).

Jung (2007, §253), afirma que em casos de psicose, o inconsciente domina a consciência, e então o prognóstico da compensação é de continua degeneração da personalidade consciente, com danos irreparáveis devido a impossibilidade do ego-consciência assimilar os conteúdos inconscientes que emergem.

Mas em casos menos severos e clínicos, o que se observa é que este desequilíbrio mobiliza estruturas inatas do inconsciente que fomentam desenvolvimento da personalidade, a individuação, de modo a estabelecer uma nova consciência mais adaptada. Caso não prevalecer a compreensão adequada do inconsciente, o resultado é a paralisia do desenvolvimento pessoal, levando a respostas inadequadas da consciência, tais como foi descrito anteriormente: a Identificação com a psique coletiva e a restauração regressiva da persona.

4.5.6. Psicopatologia: Sintoma e Símbolos

Os símbolos são expressões de conteúdos inconscientes que manifestam a situação psíquica tal como é. Podem ser visualizados nos discursos, expressões artísticas, filosóficas, científicas, religiosas, sintomas, comportamentos, sonhos, etc. Eles são produtos da atividade sintética do Self e sua função é unir as polaridades cindidas, sintetizar e equilibrar. Segundo Durand (1995, p.37), “o símbolo é, portanto o poder equilibrante por excelência; ele lastreia a libido com um ‘sentido’ e carrega a consciência com uma energia que lhe permite um constante ‘salto pra frente’, figurativo”.

É por meio dele que se encontra o recurso para adaptação da realidade consciente. O desequilíbrio visa a integração de conteúdos inconscientes na consciência, adquirindo novos recursos para adaptação a realidade, assim como transformando a realidade psicológica. É por meio da compreensão dos símbolos que se adquire o equilíbrio psicológico.

Para tal, é preciso que o ego adquira uma postura de não se identificar nem com uma polaridade da tensão e nem com outra, assumindo uma postura de suportar o conflito psíquico, de modo que ambos sejam reconhecidos, conscientizados e valorizados igualmente. Assim, busca-se uma resolução simbólica (não por meio da atitude do ego, e sim do Self), com “uma nova direção unificadora fazendo justiça a ambos os lados do conflito original”. (HART, 2002, p.166).

Segundo Jung, se porventura o ego identifica-se com algum aspecto, seja a imagem inconsciente ou assuma uma atitude racional repressora para com este, favorece a um desequilíbrio psíquico, relegando um aspecto em detrimento do outro. Um conteúdo psíquico, quando submetido à “atitude repressiva da consciência”, retorna ou “se manifesta indiretamente, através de sintomas, quase sempre de caráter emocional”. (JUNG, 2007, §323).

Assim, há uma relação inversamente proporcional entre símbolo e sintoma, sendo este a expressão de um conteúdo inconsciente a ser conhecido pela consciência. Por meio das expressões de fantasias, o sintoma apresenta seu conteúdo simbólico e daí há possibilidade de compreender e se relacionar ativamente com o inconsciente. O que até então era passividade, dominação, “pathos” (pelo sintoma), agora o dado de fantasia ali expresso permite uma “confrontação” do eu com o inconsciente. Isto possibilita a ampliação da consciência, a diminuição gradual do inconsciente sobre a consciência e a possível subsequente transformação da personalidade. (JUNG, 2007, §359).

A transformação da atitude consciente devido ao confronto com o inconsciente é denominada de “função transcendente”. É este o ponto central adquirido entre consciente e inconsciente, o novo centro da personalidade que une o que era cindido formando uma nova e mais sólida base da personalidade total. Trata-se de um ponto de equilíbrio cuja ideia análoga que a melhor representa é o Tao, o caminho do meio, centro criador de tudo. Não são todos que alcançam esta nova personalidade, mas todos possuem este potencial humano por meio da integração do inconsciente na consciência. (JUNG, 2007, §369).

4.6. Considerações do Conceito de Psicopatologia na Perspectiva Clássica de Carl Gustav Jung

A análise conceitual deste trabalho demonstra a concepção energética de Jung a respeito dos fenômenos psicológicos em seu desenvolvimento teórico inicial. As psicopatologias são oriundas da tensão psíquica entre o ego (consciente) e o inconsciente, sendo fundamental compreender de que forma este eu “responde” ao contato com o inconsciente, assim como é relevante considerar o fator quantitativo energético da tensão consciente-inconsciente.

As fantasias auxiliam no processo de compensação com o intuito de “dominar” a tensão dos contrários. Visam transcender o estado dual e conflituoso que a tensão psíquica propicia (um *pathos*). A transcendência da situação conflituosa se dá pela experiência simbólica do Si-Mesmo.

Segunda a análise deste trabalho, o contato com o inconsciente provoca a inflação psíquica e então o ego possui três respostas possíveis para tentar se libertar da alienação com o Si-Mesmo: Individuação, Restabelecimento Regressivo da Persona e Identificação com a Psique Coletiva. Tendo em conta que a Individuação seria a resposta ideal e saudável mediante este contato, considera-se o foco desta discussão as outras duas saídas como patológicas, corroborando com Himiob (2006, p.221).

Quadro 1: A perspectiva de Carl Gustav Jung das psicopatologias

Restabelecimento Regressivo da Persona	Identificação com a Psique Coletiva
Similaridade com casos neuróticos	Similaridade com casos psicóticos
Preservação da Persona (regressiva)	Dissolução da Persona na Psique Coletiva
Predominância da Psique Individual	Predominância da Psique Coletiva
Eu se defende (integridade)	Eu pode se desintegrar
Separação Eu x Inconsciente	Identificação Eu = Inconsciente
Nega/Retrai dos conteúdos inconscientes	É dominado/ aceita os conteúdos inconscientes
Racionalidade e Concretude	Irracionalidade e Fantasia

As psicopatologias na perspectiva junguiana Clássica (Quadro 1) podem ser compreendidas a partir das qualidades descritas nestas duas formas patologizadas de resposta do ego para com a consciência. Estas respostas aqui consideradas

patológicas devem ser compreendidas de acordo com seu contexto, intensidade e fixação, já que são respostas adaptativas, portanto naturais e muitas vezes necessárias para a psique.

As respostas do Ego perante a inflação psíquica pode ser descrita de modo polarizado: se por um lado nega ou se retrai, por outro, aceita ou é dominado; se separa do mundo inconsciente ou se identifica; permanece na comodidade da vida consciente racional ou é possuído pela vida inconsciente (instintiva ou espiritual). Segundo Hart (2002, p.101), o ego é elemento fundamental na Escola Clássica, pois é ele quem exerce a mediação consciente-inconsciente favorecendo o processo de individuação. É necessário, portanto, que esteja estabelecido numa auto-representação firme e estável para que não sucumba as forças do inconsciente e seja capaz de assimilar com alteridade seus conteúdos.

Nas psicopatologias, é possível identificar que há uma rigidez na postura egóica ou fragilização/desintegração dele, tornando-se alienado do Si-Mesmo. Sendo assim, não ocorre a experiência simbólica do Si-Mesmo, que é a vivência de integração das polaridades cindidas e, daí a coesão psíquica entre consciente-inconsciente. A experiência simbólica do Si-Mesmo, segundo Samuels (1989, p.33), é fundamental na Escola Clássica, pois trata-se da conscientização do Si-Mesmo, a integração de aspectos da personalidade dissociados da consciência, favorecendo o processo de individuação. Em casos psicopatológicos que implica na alienação do Si-Mesmo, o indivíduo encontra-se fragmentado, em estado de compulsão, dissociação, inflação, falta de sentido e significado. (HART, 2002, p.101).

Entretanto, Jung não se preocupa em compreender o “por que” da fragilidade ou rigidez egóica, e sim, busca um ponto de vista prospectivo para tal adoecimento. Sua intenção é compreender a finalidade dos fenômenos psicológicos e psicopatológicos, buscando responder “para quê?”, pois compreende que a função transcendente possui meta e conduz ao processo de individuação, que é a “revelação do essencial no homem” (JUNG, 2014, §186). É um processo natural e exige uma atividade consciente do Eu, como foi dito. A capacidade de autocura está implícita relegando ao terapeuta a função de servir a este processo que é inerente da psique.

Desta forma, as etiopatologias são compreendidas de forma endógena por Jung, ou seja, pelos afetos ou imagens arquetípicas que irrompem na consciência, regulam, direcionam e perturbam a vida psíquica. (MARTINEZ, 2006, p.94). Estes

conteúdos inconscientes desagregam as funções mentais, pois são de caráter autônomo, automático. Provocam na consciência uma tensão afetiva e volitiva, com alterações psicofisiológicas de acordo com a quantidade de energia e afeto estancado na dinâmica psíquica. (JUNG, 2007, §253; MARTINEZ, 2006, p.156).

Os afetos são compreendidos como a base da personalidade, como elementos primordiais enraizados fisiologicamente e que organizarão o psiquismo num segundo momento. São arquetípicos, possuem função adaptativa, protetiva e de auto-preservação. Em estados psicopatológicos, no qual o ego encontra-se identificado ou distanciado dos conteúdos inconscientes, afetivos, instintivos, estes se tornam alienados de sua função natural e a sua expressão na consciência se configuram como sintomas (desadaptações). Estes, por sua vez, são exacerbações do modo normal de funcionamento ou temperamento individual devido à resposta egóica de identificação ou negação para com os conteúdos inconscientes. (JUNG, 1990, §78; MARTINEZ, 2006, p.168).

O elemento regressivo da energia psíquica (voltar-se para o inconsciente devido ao colapso das funções conscientes) ativa fantasias inconscientes e símbolos que visam promover um alargamento da compreensão significativa e dos sentidos da consciência (que se encontra enfraquecida, unilateral). Em casos patológicos (restauração regressiva da persona ou identificação com a psique coletiva) estes símbolos se configuram como sintomas, devido a postura unilateral da consciência. Porém, quando compreendidos e confrontados com alteridade, os símbolos revelam sentidos e significados fundamentais para o fortalecimento da consciência e desenvolvimento da personalidade (individuação), atendem a necessidade filosófica e religiosa do homem de enriquecer seu conhecimento, sua perspectiva espiritual e realização individual. (HART, 2002, p.106; MARTINEZ, 2006, p.127).

Segundo Hillman (1984), Jung desenvolve um “novo estilo” ou uma nova forma de compreender os fenômenos psicológicos, pois busca permanecer não na perspectiva materialista (biológica) ou espiritual, e sim, numa perspectiva da alma. “sua ontologia poderia ser formulada simplesmente como *esse in anima*” (HILLMAN 1984, p.148).

Ele examinou a saúde mental e a enfermidade mental a partir de um mesmo e único foco. Com a psique inconsciente e suas expressões como ponto de partida, Jung iniciou uma retificação da linguagem psicológica — a mudança mais difícil de realizar numa cultura, uma vez que a linguagem é tão fundamental. (HILLMAN, 1984, p.148).

A realidade da alma subjaz ao estrato do inconsciente coletivo, onde os processos psicológicos são todos naturalmente humanos e expressões simbólicas de experiências organizadas ao longo da história da humanidade. A consciência reflete verdades coletivas que se expressam em imagens fantasias contidas nos sonhos, devaneios, sintomas, expressões humanas de todas as ordens. Este fundamento simbólico da alma humana aparentemente irracional revela a profunda e significativa articulação do indivíduo com sua história pessoal e coletiva. A necessidade que se faz é compreender tais conteúdos.

Sendo assim, a realidade torna-se relativa e sua referência é a experiência psicológica simbólica. Segundo Nagy (2003, p.51) trata-se de um subjetivismo da perspectiva de Jung, pois as explicações e compreensões dos fenômenos psicológicos são consideradas apenas como pontos de vistas, manifestações de disposições psicológicas e de condições apriorísticas de pensamento, os arquétipos. Segundo a autora, estes são fundamentos da realidade objetiva da percepção individual, mas a forma como o indivíduo percebe, pensa, sente é incerta, não há verdade absoluta. O que é realidade é a experiência simbólica, não enfatizando os processos de desenvolvimento em si, os fatores ambientais e as relações exteriores.

Segundo Samuels (1989, p.33), as experiências simbólicas são fundamentais para os processos terapêuticos na prática clínica da Psicologia Analítica Clássica. Trata-se de uma vivência individual que recebe um grande investimento libidinal, denominada por função transcendente. Nela, imagens, sentidos e significados emergem do inconsciente por meio dos processos compensatórios de auto regulação psíquica com a finalidade de integração e síntese consciente-inconsciente, modulando uma nova consciência, ou seja, uma nova percepção sobre a realidade. Semelhante ideia encontra-se no conceito de Tao. Segundo Jung (2002, §28), Richard Wilhelm, sinólogo estudioso da sabedoria oriental taoísta chinesa, afirma que Tao não tem tradução correspondente no ocidente. Possui uma concepção ambígua: “cabeça” e “caminhar”. Mas o autor sinólogo prefere traduzir o termo como “sentido”.

Sendo ambivalente e paradoxal, este termo corresponde a “consciência” (cabeça) e o deixar para traz, ir (caminhar). O Tao, assim como o conceito de símbolo para Jung, une os opostos (yin e yang), o que está separado e assim, gera nova consciência. A meta da vida a realização do Tao, que é a produção transcendente de consciência, de sentido. (JUNG, 2002, §30).

Para Jung (2007, p.VIII), o estudo dos processos psicológicos e psicopatológicos é algo ainda desconhecido, pois se trata de um campo irracional e ainda pouco explorado. A expectativa racional da ciência ocidental moderna é limitada para a compreensão de tais processos e então, aponta para a necessidade de reconhecer, com inestimável valor para a pesquisa psicológica, os fundamentos da filosofia oriental como um conhecimento intuitivo e válido sobre tais fenômenos.

5. A Psicopatologia na Escola Desenvolvimentista

5.1. Introdução

A ênfase de Carl Gustav Jung para os processos psicológicos da segunda etapa da vida, a metanóia, compensa o seu pouco interesse para a pesquisa dos processos iniciais do desenvolvimento humano em sua teoria. Para ele, a natureza dos pais é determinante das psicopatologias infantis, sendo fundamental o tratamento dos pais como medida profiláctica do tratamento psicológico infantil.

Este posicionamento é considerado radical, embora de grande relevância e concordância para o autor psiquiatra e analista junguiano Michel Fordham (1905/1995). Seu livro “A criança como indivíduo” (1969/1994) parte de um posicionamento crítico da visão determinista de Jung, de maneira a salvaguardar os aspectos individuais da criança, afirmando que não são tão passivas e sim reativas ao ambiente e seus cuidadores: a criança possui individualidade. Além de abrir campo para o tratamento das psicopatologias infantis, possibilita maior compreensão dos fenômenos “infantis” encontrados predominantemente na relação terapêutica transferencial e contratransferencial, possibilitando o tratamento analítico de pacientes ditos “difíceis”. (FORDHAM, 1994, p.15; SOLOMON, 2002, p.127).

Michel Fordham fundamenta os estudos pioneiros da Escola Desenvolvimentista da Psicologia Analítica. Esta nasce da necessidade de responder questões referentes às fases iniciais do desenvolvimento humano, os fundamentos históricos e genéticos da atividade mental inicial e os dinamismos infantis que se manifestam no fenômeno da transferência e contratransferência, tanto em adultos como em crianças. Recebe influência da psicanálise, mais especificamente, a Escola das Relações Objetais, de Londres. Apropriou-se dos estudos de M. Klein (1949), W. Bion (1967), J. Kohut (1957), D. Winnicott (1975), entre outros psicanalistas. (SAMUELS, 1989, p.32; SOLOMON, 2002, p.127).

Segundo Fordham (1994), Salomon (2002, p.131) e Samuels (1989, p.179), Jung não se aprofundou nos estudos da psicologia infantil, entretanto ofertou contribuições importantes neste campo, que posteriormente corroboraram com pesquisas de outras autoridades. Ele apontou para o fenômeno de identidade entre

pais e filhos e o quanto a criança pode ser completamente determinada pela natureza de seus pais/cuidadores. Divergiu da perspectiva psicanalítica quando enfatiza a diferenciação entre a sexualidade infantil e adulta e coloca mito de Édipo não como o mito ou estrutura fundamental da psique, mas apenas como mais um mito ou arquétipo dela. Enquanto Freud se enfocou na importância da função paterna para o desenvolvimento humano e a formação da individualidade, Jung conseguiu demonstrar em seus estudos iniciais a relevância do papel materno: a fantasia da mãe dual, ou seja, com aspectos/qualidades positivas e negativas, sendo uma díade mãe e filho anterior a constelação edípica. Também foi precursor da compreensão da transformação das pulsões instintivas primitivas em atividades culturais (sublimação).

A abordagem metodológica dos fenômenos psicológicos de Jung não se volta para as causalidades, e sim, enfoca-se mais no sentido simbólico, teleológico ou finalista de tais. Entretanto, Jung (2014, p.95) não nega a relevância da história pessoal e infantil para se compreender os fenômenos psicopatológicos, e cita ser imprescindível que em determinados casos o terapeuta se detenha na compreensão causal e individual. Seria este um primeiro estágio do processo terapêutico, no qual as questões de ordem individual devam ser conscientizadas e resolvidas para que depois, com o aprofundamento da análise e maturidade do ego, haja o contato e reconhecimento das imagens arquetípicas. Neste momento o uso terapêutico do método construtivo e sintético é recomendado, visando identificar sentido e finalidade para as expressões psíquicas.

Jung estava muito mais interessado em estudar a atividade prospectiva da psique, manifestada através da amplificação e imaginação ativa, do que em localizar as origens da afetividade mental negativa, incluindo aquela que se revelava na transferência, na história do indivíduo. Fordham, contudo, com sua longa experiência de trabalho clínico com crianças, reconhecia que as crianças poderiam tanto receber projeções de seus pais quanto projetar seus próprios afetos em seus pais, compreendendo também que este processo também poderia ocorrer entre paciente e analista. Consequentemente, Fordham e aqueles influenciados por seu trabalho em Londres começaram a dar cada vez mais importância à análise da transferência mediante o uso do divã. Isso possibilitou maior esclarecimento e elucidação dos conteúdos das estruturas mentais complexas e sua localização histórica e genética na psique do paciente. (SALOMON, 2002, p.141).

Para Samuels (2002, p.14), em termos metodológicos, existem dois eixos de investigação no campo teórico da Psicologia Analítica: etiopatogênica e

fenomenológica. A primeira utiliza-se do método analítico pela via de associação e redutivismo, buscando as causas das psicopatologias nas reminiscências do passado e infância. E a segunda utiliza-se do método sintético pela via teleológica/finalista, por meio da descrição metafórica e significativa das experiências psicopatológicas e dos símbolos. Para este autor, a ênfase da Escola Desenvolvimentista é no eixo etiopatogênico.

A perspectiva do eixo etiopatogênico dialoga com a tradição psiquiátrica, utilizando-se de uma linguagem profissional ou científica. Apropria-se de conceitos teóricos, classificações, diagnósticos, entre outros, e termos psicanalíticos como “objeto”, “processos instintivos” e “pulsão”, “fase oral”, “anal”, “edípica”, entre outros. A linguagem poética, conhecida da Psicologia Analítica, como contos de fadas, estudos alquímicos, mitologias, entre outros, compõe o eixo fenomenológico, porém não é muito utilizada na perspectiva Desenvolvimentista. (SAMUELS, 1989, p.309; SAMUELS, 2002, p.9).

A Escola Desenvolvimentista enfatiza elementos da Psicologia Analítica de modo diferenciado da Escola Clássica. Samuels (1989, p.33) aponta que nesta Escola privilegia-se mais no campo teórico o desenvolvimento da personalidade do que o conceito de Si-Mesmo e de Arquétipo. No campo prático-clínico, privilegia-se mais os aspectos transferenciais e contratransferenciais do que a análise das imagens e da experiência simbólica.

Jung não estava interessado nas diversas modalidades da transferência infantil, mas estudou a evidência dos estados mentais iniciais por inferência em seu trabalho com adultos psicóticos. Fordham mostrou como, na transferência, a energia anteriormente dirigida a um sintoma poderia ser focalizada na pessoa do analista ou transferida para ele (a) (Fordham, 1957). Fordham reuniu a ênfase de Jung na "situação real do paciente", o aqui-e-agora, e o entendimento científico da transferência do material da primeira infância para o relacionamento analítico, examinando o significado dos elementos constituintes conflito neurótico contemporâneo do paciente. (SALOMON, 2002, p.140).

O trabalho de Fordham consistiu em elaborar interpretações junguianas sobre as produções de autores psicanalistas a respeito das relações objetais iniciais e a patologia do Si-Mesmo (Self), observar bebês e possibilitar um campo de atuação para a análise de crianças. Aprofundou-se na compreensão do período pré-verbal, as formas sutis de comunicação, inerentes dos períodos iniciais do desenvolvimento humano. Estas formas de comunicação ocorrem mesmo depois da inserção da

linguagem. Foi possível observar que, em especial, pacientes em estados regressivos parecem constelar este tipo de comunicação de forma predominante nas relações transferenciais na análise. Para compreender melhor estes fenômenos que suscitam fortes reações contratransferenciais na análise, os conceitos de *participation mystique* e corpo sutil foram mais enfatizados. Assim, foi possível delimitar um campo teórico da Psicologia Analítica que favorece a reflexão sobre novas posturas do analista no manejo da relação terapêutica. (SOLOMON, 2002, p.137).

Sendo assim, o objetivo deste capítulo é identificar quais são as teorias e conceitos que fundamentam a compreensão das psicopatologias na Escola Desenvolvimentista da Psicologia Analítica. Também elaborar reflexões a respeito dos conceitos fundamentais da psicologia analítica tais como arquétipo, ego, self, desenvolvimento da personalidade, relacionamento terapêutico em relação aos fenômenos psicopatológicos.

Para tal finalidade, será elaborada uma análise conceitual do livro “A Criança como Indivíduo” (1969/1994), de Michael Fordham. Também será utilizado como referência artigos e literaturas de comentadores. Justifica-se a seleção desta obra a partir de uma revisão bibliográfica em artigos de Psicologia Analítica com o referencial desenvolvimentista, pois além de ser a única obra do autor traduzida em português, foi observado que, a respeito do tema das psicopatologias, esta sua obra foi a mais referenciada. É referência bibliográfica em todos os artigos, dissertações e teses que se fundamentam numa perspectiva desenvolvimentista da Psicologia Analítica. Apesar de o livro abordar o desenvolvimento infantil, é útil para se compreender os fenômenos psicopatológicos que se apresentam na vida adulta devido às fixações infantis que se repetem inconscientemente como sintomas e podem ser observados e manejados na relação transferencial-contratransferencial terapêutica.

5.2. Levantamento Bibliográfico

Foi realizado um levantamento em bases nacionais e internacionais pelos portais Pepsic, Scielo, Biblioteca Virtual da PUC, USP, entre outras universidades brasileiras, e Journal of Analytical Psychology, Jung Page, além de livros de autores

de referência da Psicologia Analítica Desenvolvimentista segundo Samuels (1989, p.38).

A perspectiva desenvolvimentista da Psicologia Analítica possui contribuições relevantes sobre o campo da psicopatologia e, de modo geral, refletem sobre a qualidade do meio em que a criança vai se desenvolver. A partir de um levantamento bibliográfico de pesquisas no campo da Psicologia Analítica no Brasil, com ênfase em desenvolvimento humano e infância, identificou-se, de modo geral, que o fator biográfico é de relevância, em detrimento dos elementos coletivos. Buscam identificar nas imagens psíquicas elementos compensatórios da psique com o intuito de desenvolvimento da personalidade e da consciência, de acordo com etapas maturacionais que são regidas pelos arquétipos. Estas imagens possibilitam um contato regressivo criativo com a esfera arquetípica, conexão que possui um potencial curativo e criativo. (SANT'ANNA, 2001).

As pesquisas também apontam para a relevância da atuação da mãe, da função materna e paterna e de um ambiente suficientemente bom na formação da personalidade saudável, equilibrada de crianças e adolescentes. Demonstram como as psicopatologias podem emergir devido ao ambiente familiar falho, complexos parentais negativos, que contribui para a formação de um mundo interno empobrecido, levar a formação fragilizada do ego, dificultando as passagens de mudanças intensas da fase da vida e favorecem dificuldades como a formação de uma persona inadequada, mecanismos de defesas enrijecidos e mais primitivos, etc. A imagem do arquétipo da Grande Mãe em seus aspectos positivos e negativos são explorados para demonstrar as implicações no desenvolvimento do ego do bebê e a possibilidade de severas psicopatologias decorrentes a um desempenho negativo por parte da mãe. (MEDEIROS, 2015; BÁRBARA, 2011; FREITAS, SCARABEL, DUQUE, 2012).

Estes autores têm como referencial principal o autor desenvolvimentista Michel Fordham. Segundo Samuels (1989, p.192), para este autor o adoecimento psíquico se dá pela falha na relação mãe-bebê, pelo excesso de frustração e intolerância dos sentimentos ruins decorrentes. A vulnerabilidade emocional e fisiológica do bebê favorece o adoecimento psíquico por duas vias: ou o ego se forma fragmentado e fragilizado ou então formará uma “couraça” protetora, superorganizando seus sentimentos de modo onipotente, com defesas narcísicas.

Aprofundando nos estudos de Michel Fordham, seguidores relevantes como Donald Kalsched (2013; 2015), Mario Jacoby (2010), Daniel Stern (1985), entre outros se implicam na compreensão simbólica do desenvolvimento infantil, a formação do ego e da função simbólica, a formação de defesas do self, a relação sintônica de cuidado mãe-bebê e as relações transferenciais-contratransferenciais.

Enfatizando os estudos mais atuais que dão seguimento ao trabalho de Michel Fordham, Donald Kalsched (2013; 2015) tem se destacado como referencia proeminente no que tange as psicopatologias do Self. Apresenta uma teoria de disfunção do sistema de autocuidado psíquico, onde há a formação de um “falso-self” e de estruturas inatas com mecanismos defensivos arquetípicos do self verdadeiro, decorrente de dificuldade de apego/relacionamento, de simbolização, de imaginação e de expressão emocional.

Também é possível encontrar estudos no campo desenvolvimentista da Psicologia Analítica que dialogam com o campo das neurociências e genética. Autores como Jean Knox (1999; 2003), Anthony Stevens (2002), Ernest Lowrence Rossi (2008), Saiz e Amézaga (2005), Carlos Byington (2006) utilizam conceitos como memória interna, funções cerebrais, plasticidade cerebral, redes neurais, percepção, expressão gênica, influência ambiental passam a fundamentar empiricamente conceitos junguianos como complexo, função transcendente, arquétipo, relação terapeuta-paciente, o problema dos opostos, a criatividade, padrões de comportamento, entre outros. (CAETANO, 2008).

Neste sentido, segundo Martini (2012), esta perspectiva neurocientífica da Psicologia Analítica se configura entre dois modelos: evolucionista e emergente. Nesta pesquisa, o autor identifica que há limitações, pois conceitos relevantes como sincronicidade e psicóide não se encontram presentes nestas abordagens. Isto significa que estas teorias se restringem ao campo de pesquisa arquetípico descendente, relativo ao espectro infravermelho do arquétipo que é o mundo instintivo e biológico, segundo Samuels (1989).

5.3. O Modelo Teórico de Michael Fordham

Para Fordham (1994, p.20), o bebê quando concebido é um Self Primário, ou seja, uma unidade psicossomática que é ativa e reativa com seu meio ambiente e

cuidador. O Self primário é a individualidade original do bebê, e necessita de um ambiente e cuidador “suficientemente bom” como sugere Winnicott (1975) para alcançar autonomia e independência.

Para Jung, o Self é um arquétipo central e ao mesmo tempo representante da totalidade da psique. A crítica de Fordham (1994, p.22) à este conceito ambíguo e paradoxal de Jung é de falta de coerência teórica e conceitual, o que dificulta, por conta da irracionalidade, o diálogo e estabelecimento da Psicologia Analítica no campo das ciências naturais. Assim, procura re-elaborar uma nova perspectiva do conceito de Self: como unidade primária psicossomática, uma entidade além dos arquétipos, com a função de reger os impulsos arquetípicos que favorecem o desenvolvimento da personalidade, maturação psicológica e a adaptação ao meio por meio de processos de integração e deintegração.

O Self Primário rege os processos psico-físicos por meio de “pulsões arquetípicas padronizadas”, que são “mudanças de orientação que envolvem, a princípio, a pessoa como um todo e, depois, partes dela, à medida que o amadurecimento prossegue”. (FORDHAM, 1994, p.87). Também organiza as fases do desenvolvimento para sobrevivência, adaptação e relação com o ambiente, num processo denominado deintegração e integração do Self.

Pelo processo de deintegração, o Self primário realiza uma catexia, ou seja, direciona sua energia psíquica para fora de si, o que gera uma superestimulação (nascimento, choro, sono, fome, dores, agitações nascimento do irmão, adolescência, metanóia, etc.). Este processo gera uma “ansiedade prototípica” que se torna insuportável caso seja contínua ou de grande impacto e intensidade, ocasionando os traumas. A integração é a incorporação das atividades deintegrativas e traz a experiência de estabilidade para o indivíduo, como comer, aquietar-se, dormir, ser acolhido, compreendido e satisfeito em suas reais necessidades. Nas experiências integrativas ocorrem processos de identificação e introjeção que favorecem a formação do Ego.

Segundo Fordham (1994, p.92) no princípio a formação do ego se dá como ilhas de consciência pela atividade deintegrativa de selfs parciais. Na medida em que a experiência de integração se repete, o ego, ou seja, o senso de identidade e integridade aumenta, assim como adquire pouco a pouco a função de controle do mundo interno, isto é, da vida instintual, mental, defesas egóicas, assim como do mundo externo, ou seja, o controle da mobilidade, fala, entre outros.

O “ego é a soma dos atos da percepção e das descargas motoras que são ou podem tornar-se conscientes” (FORDHAM, 1994, p.81). Estas descargas são os deintegrados, ou seja, a atividade dos arquétipos que impulsionam o ego a produzir combinações originais relevantes a cada estágio do amadurecimento e na sua adaptação ao meio. O ego se desenvolve e amadurece por etapas do desenvolvimento libidinal, tais como foram descritas por Freud (oral, anal, pré-edípica, edípica, latência). Suas funções são: a percepção, memória, organização de conteúdos mentais, controle da mobilidade, teste da realidade, fala, mecanismos de defesa, capacidade de renunciar as funções de controle e organização. (FORDHAM, 1994, p.82).

Os deintegrados são atividades arquetípicas, que atuam como padrões de comportamento, instintos, fantasias primitivas, emoções, etc. O conceito de arquétipo para Fordham (1994, p.85) possui um enfoque maior no espectro infravermelho, que é mais biologicista, instintivo, aproximando-se mais de um ponto de vista racionalista e científico, não se atendo ao espectro espiritual com uma perspectiva imagética e metafórica da experiência. (JUNG, 1971, §414; SAMUELS, 1989, p.56).

A atividade arquetípica fundamenta a teoria das relações objetais, na qual compreende que o humano nasce com a pré-disposição para se constituir como sujeito via relacionamento bebê-cuidador, e que esta constituição reflete no seu desenvolvimento e posteriores relações, amadurecimento e individuação. (SOLOMON, 2002).

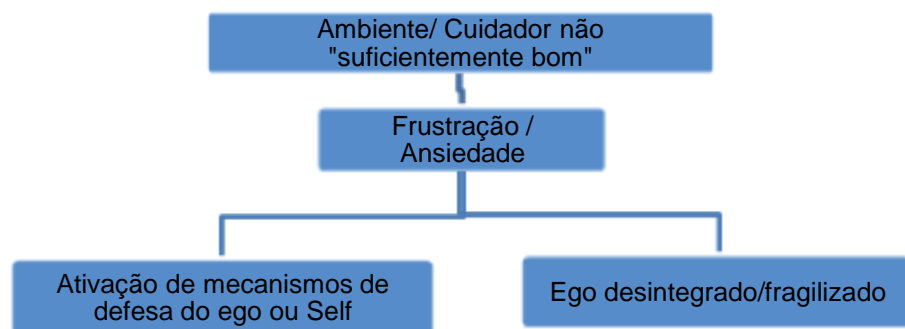
Na perspectiva de Fordham (1994, p.20), o processo de individuação ocorre durante toda a vida e é característica do amadurecimento do ego na infância. Tem por finalidade a formação de um mundo interno simbólico na qual o ego se desidentifica das imagens primordiais e coletivas, permitindo que suas funções e potencialidades se expressem criativamente.

Mas, não se trata de uma busca ao centro da personalidade, um contato com o Self, como propõe Jung, e sim com as expressões arquetípicas deintegradas que sejam integradas na personalidade. Sendo assim, diferente da perspectiva junguiana clássica, todos têm possibilidade de individuar e este é um processo natural de formação da individualidade e maturação do ego, comum entre todos humanos. Deste modo, ele é diferente da perspectiva junguiana Clássica que compreende o instinto de individuação “para poucos”. (JUNG, 2007, §369).

5.4. A Psicopatologia na Perspectiva da Escola Desenvolventista por Michael Fordham

De acordo com a análise conceitual realizada na obra “A Criança como Indivíduo” de Michael Fordham (1994), foi possível identificar algumas ideias e teorias centrais que fundamentam a perspectiva da Escola Desenvolventista a respeito das psicopatologias. Segue uma breve descrição:

Figura 2: A perspectiva desenvolvimentista das psicopatologias



As psicopatologias (Figura 2) são oriundas da relação de cuidado mãe/cuidador-bebê. A função materna, que é acolher, cuidar, proteger, acalmar, alimentar, limpar, remover, na medida do possível, toda ordem de desconforto que eventualmente ocorrerá na vida física e psíquica do bebê, auxilia na diminuição e remoção de ansiedade. Caso não ocorra e o bebê torne-se vulnerável demais a ponto de não suportar o sofrimento, é possível que, segundo Samuels (1989, p.192) ou o ego se forma fragmentado e fragilizado ou então formará uma “couraça” protetora, por meio de ativações de mecanismos defensivos do ego e Self, superorganizando seus sentimentos de modo onipotente, com defesas narcísicas.

Esta perspectiva da formação as psicopatologias se baseia nas relações objetais do bebê que tem a finalidade de adaptação e formação do mundo interno. Assim, adquire um caráter biologicista, pois se remete ao âmbito da realidade

concreta e das necessidades biológicas e afetivas que normalmente são compreendidas e saciadas pela relação de cuidado materno.

A seguir, estas ideias serão descritas detalhadamente e fundamentadas na perspectiva teórica do autor, de acordo com a análise do livro.

5.4.1. O Ambiente e a Relação de Cuidado

Segundo Fordham (1973, p.85) e seu comentador Kalsched (2015, p.487), as etiologias das psicopatologias infantis devem ser observadas como oriundas da relação mãe-bebê, pois é esta que fundamenta o psiquismo. A psicopatologia pode ser resultado de um “evento catastrófico” da relação de apego entre mãe e bebê, como por exemplo, distúrbios de amamentação, doenças no início da vida, hospitalização traumática, nascimento do irmão, entre outros.

A criança é concebida com disposição inata para formar vínculo com o ambiente/cuidador. Apresenta uma série de comportamentos inatos, não verbais, que possibilitam seu envolvimento com o mundo externo, mas isto ocorre apenas se o cuidador for “suficientemente bom”. Gordon (2002) descreve que para a Escola Desenvolvimentista, a qualidade do ambiente e das relações afetivas são relevantes para estimular o desenvolvimento natural da individualidade, proporcionar experiências de prazer e integração de partes de si mesmo. É imprescindível para a formação de uma personalidade normal que haja relações contínuas de satisfação das necessidades vitais, básicas, afetivas, de comunicação, amor e cuidado.

O conceito de D. Winnicott (1975) de “mãe suficientemente boa” é definido pela ideia de que não necessariamente a própria mãe, mas o cuidador, que vai efetuar a adaptação gradual do bebê dentro de seus limites e possibilidades de tolerar as frustrações da realidade. Trata-se de uma atitude devocional a este cuidado, que implica numa adaptação quase completa “às necessidades de seu bebê, e, à medida que o tempo passa, adapta-se cada vez menos completamente, de modo gradativo, segundo a crescente capacidade do bebê em lidar com o fracasso dela”. (WINNICOTT, 1975, p.25).

Para Fordham (1994, p.85), a deintegração arquetípica gera expectativas filogeneticamente herdadas para encontrar correspondência no meio ambiente e na relação de cuidado. Como exemplo de tais expectativas arquetípicas, a insistência das crianças muito pequenas em perceber a mãe como boa e positiva, mesmo

quando na realidade não é. Trata-se de uma projeção arquetípica de uma “mãe boa” que é fundamental para a relação de apego que visa formar o sentido de self e estabilidade egóica. (FORDHAM,1994, p.48).

No caso de haver grandes falhas e frustrações na relação empática do cuidador com as necessidades do bebê, especialmente nos primeiros meses de vida, é possível que ocorram “catástrofes” na formação do psiquismo da criança. Por outro lado, a excessiva satisfação das necessidades também geram complicações no amadurecimento e no contato com a realidade, pois dificulta o desligamento simbiótico com a figura materna e provoca indefinição dos limites egoicos. (FORDHAM, 1994, p.100; SAMUELS, 1989, p. 176).

Contudo é inevitável que ela frustre o bebê: algumas frustrações são toleráveis, enquanto outras, não. O valor das frustrações toleráveis está no fato de compelirem o bebê a administrar seus objetos bons e maus, especialmente pela projeção e pela introjeção, que agem no sentido de produzir uma preponderância de boas reservas nutrizas dentro do *self*. Dessa forma, a luta do bebê o leva a ganhar cada vez mais controle sobre seus objetos. A mãe o ajudará a desenvolver o ego e, desse modo, sua capacidade de distinguir-se dela e de distinguir as fantasias da realidade. Cuidando com carinho e empatia do filho, a mãe cria a base para a sensação de confiança da qual nasce a noção de identidade individual do bebê. Esse cuidado está ao alcance de qualquer mãe, contanto que ela conte com apoio do ambiente e não sofra interferências. (FORDHAM, 1994, p.106).

Para Fordham, o ambiente deve ser estimulador para que o ego infantil amadureça e desenvolva suas potencialidades de acordo com suas etapas de crescimento. O brincar é fundamental, é uma atividade natural, espontânea e exploratória que estimula a relação com o mundo. Por meio da brincadeira, a criança expressa suas emoções, conflitos, vida instintiva, organiza sua atividade imaginativa, o que fundamentará a posterior vida cultural. Sem essa atividade é possível constatar formações psicopatológicas de gravidade, pois a função de mediação com a realidade está ausente.

O ponto de vista de Jung que concebe a criança como simbiótica da relação parental é fundamental para a perspectiva desenvolvimentista. “O sofrimento infantil está intimamente ligado à ansiedade dos pais e, com efeito, sua causa pode muitas vezes estar mais neles que na própria criança” (FORDHAM, 1994, p.143). Compreende as psicopatologias infantis como advindas das identificações inconscientes com a sombra dos pais e seus sintomas. Trata-se de um fenômeno

natural, pois inevitavelmente a mãe para alcançar o estado de empatia com seu filho via identificação projetiva, necessita regredir e projetar suas próprias experiências (muitas vezes traumáticas e patológicas) para compreender o estado afetivo do bebê.

Este autor desenvolvimentista assinala que é imprescindível que os pais preocupem-se com sua própria saúde mental para promover um bom ambiente. Por outro lado, a criança é reativa e por isto, salvaguarda a individualidade infantil, considerando que na investigação das psicopatologias infantis é necessário reconhecer as fixações de mecanismos de defesas neuróticos e psicóticos. Isto se remete ao desenvolvimento libidinal da própria criança, em detrimento de seus pais.

5.4.2. O Ego e os Mecanismos de Defesa

As frustrações da vida, tanto do bebê como do adulto, mobilizam grande ansiedade, desconforto corporal que, por não serem saciadas ou contidas, faz com que o ego mobilize defesas para poder sobreviver psiquicamente e permanecer íntegro. “As defesas têm origem quando a deintegração do self dá vida aos opostos e quando começa a luta do ego do bebe para estabelecer seus objetos bons diante dos maus”. (FORDHAM, 1994, p.119).

De acordo com Freud (2006) e Anna Freud (1986), os mecanismos de defesa são recursos egóicos para conter a ansiedade, sobreviver psiquicamente e se adaptar a realidade. São naturais e se remetem a determinadas etapas do desenvolvimento humano libidinal. Para Fordham (1994, p.81), na primeira infância o ego é quase inexistente, sendo a vida do bebê regida por “pulsões arquetípicas padronizadas”. As defesas principais deste período são primitivas, denominadas “defesas do Self”, tais como identificação projetiva, introjeção e idealização.

Quando o ego está mais integrado e fortalecido, os mecanismos presentes são mais complexos, como isolamento, formação reativa, anulação, racionalização, conversão, repressão, dramatização, deslocamento, entre outros. Para ele, os mecanismos de defesa são desejáveis e inevitáveis, eles favorecem a maturação, o desenvolvimento de atitudes quando flexíveis e compõe as etapas do desenvolvimento libidinal. Tornam-se psicopatológicas quando enrijecidas, inadequadas e desajustadas a realidade. (FORDHAM, 1994, p.82).

O excesso de frustração (deintegrados) ou a ausência delas levam a uma formação deficitária do ego, pois suas funções não amadurecem de modo adequado. Há fixações em fases do desenvolvimento e em seus mecanismos de defesa, os quais deixam de agir como protetores do psiquismo e atuam paralisando ou dificultando o desenvolvimento. O ego imaturo é marcado por experiências de falta de sentido, de instabilidade no mundo interior, falta de controle da consciência, desorganização dos impulsos, do mundo interno e externo, tendências regressivas, recursos e habilidades da personalidade pouco desenvolvidas, entre outros. (FORDHAM, 1994, p.83). Para Samuels (1989, p.97), o ego fragilizado não é necessariamente um ego infantil. Trata-se de uma desadaptação a fase do desenvolvimento.

(...) manifestações arquetípicas ocorrem em diferentes formas, em diferentes momentos da vida. Assim, serão diferentes as exigências feitas ao ego no início da vida e na velhice. E devemos lembrar que um ego fraco não é necessariamente um ego infantil, a questão não é uma comparação entre o ego da infância e o da idade adulta, e sim uma avaliação das forças e das fraquezas do ego, em termos de sua adequação a uma fase. (SAMUELS, 1989, p.97).

O “A Criança como Indivíduo”, Fordham não se refere ao seu conceito de Falso Self, emprestado de Donald Winnicott (1975) e re-elaborado de acordo com a teoria Junguiana. Pode ser melhor compreendido no seu artigo “Defesas do Self” (1974) ou “Maturação do Ego e Self na Infância” (1973). Os mecanismos de defesas do Self, como foi dito anteriormente, atuam na primeira infância devido a má sintonia na relação mãe e bebê “de modo que os processos deintegrativos normais não fluem com liberdade”. (SAMUELS, 1989, p.148).

Se o gesto espontâneo do bebê não encontra uma resposta empática por parte da mãe porque partes do Si-mesmo dela interferem (ou influenciam) inadequadamente por meio de, por exemplo, suas próprias necessidades depressivas ou ansiosas, é possível que o bebê experimente uma ruptura em seu senso de Si-mesmo em desenvolvimento. Caso estas experiências negativas acumulem-se muito ao longo do tempo, o bebê irá construir autodefesas através de adaptações excessivas a essas pressões externas. Um falso Si-mesmo e, desse modo, criado para lidar com o mundo externo, enquanto o verdadeiro Si-mesmo é protegido da aniquilação ou fragmentação. (SALOMON, 2002, p.135).

O falso self ocorre por que o Self verdadeiro não adquiriu realidade pela falha da relação materna, suprimindo a espontaneidade da relação. A inaptidão da mãe

em identificar as necessidades da criança e sua falha na mediação com a realidade modela um comportamento de submissão da criança que passa a reagir complacientemente às exigências ambientais. A criança não consegue “existir”, pois sua expressão corporal não tem correlato com a realidade. O falso self emerge por meio de uma cisão psíquica como forma de proteger a realidade interior da criança, o seu verdadeiro self. Neste sentido há pobreza na vida simbólica e cultural, inquietação, incapacidade de concentração e necessidade de recolher-se da realidade externa. Casos de psicose, autismo, suicídio, transtornos narcísicos, borderlines, entre outros, remetem a estas defesas primordiais. (FORDHAM, 1973). Este conceito será mais explorado a seguir, no tópico 5.2, sobre a relação das psicopatologias com o conceito de Self.

5.5. Implicações Teóricas de Michael Fordham sobre a Teoria da Psicologia Analítica e as Psicopatologias

Para maior aprofundamento na compreensão dos processos psicopatológicos, foram selecionados os conceitos fundamentais da teoria junguiana encontradas nesta obra em estudo. São eles: Self (Si-Mesmo), desenvolvimento da personalidade, arquétipos e símbolos, segundo Samuels (1989, p.33).

De acordo com o objetivo proposto deste trabalho, será realizada a seguir uma reflexão teórica sobre a teoria de Michael Fordham e suas implicações a respeito destes conceitos e possíveis relações com o tema proposto, a psicopatologia. Serão utilizados comentadores para auxiliar na reflexão.

5.5.1. Psicopatologia e os Arquétipos

Os arquétipos são compreendidos como entidades psicossomáticas que possuem um espectro com duas polaridades, descritas por Jung (1971, §414): de um lado, o pólo infravermelho e instintivo, estão relacionados ao corpo físico, com pulsões libidinais e agressivas visando um objeto de satisfação, por outro lado, relacionam-se ao pólo ultravioleta espiritual como estruturantes psicológicos que se expressam na consciência via símbolos e fantasias.

A teoria dos arquétipos explica modos primitivos de comportamento e, mais que qualquer outra coisa, a existência de fantasias organizadas em crianças

e bebês, que, conforme definido acima, apresentam o mínimo de características egoicas. (FORDHAM 1994, p.88).

São pré-disposições inatas de expressões psíquicas que buscam no ambiente uma correspondência para sua satisfação ou relação. Nos bebês, estes potenciais inatos se expressam inicialmente pela via instintiva e corporal e encontram na mãe uma responsividade arquetipicamente instruída. (FORDHAM, 1994, p. 85; FORDHAM, 1973, p.87).

No início da vida os arquétipos estão diretamente relacionados com o corpo físico e sua expressão simbólica é comportamental em essência. Apenas com o amadurecimento do ego e da função simbolizadora é que vão se formar as complexas imagens simbólicas adultas. (FORDHAM, 1994, p.85). “A visão de Jung na maturação dos estados mentais deveria ser considerada somente como consequência da interação entre fatores genéticos e ambientais como crescimento físico”. (FORDHAM, 1973, p.86).

Nas psicopatologias, o que ocorre é que os deintegrados arquetípicos não são integrados, ou por não haver maturidade egoica ou por não haver um objeto correspondente para saciar as expectativas e necessidades que foram geradas. Sendo assim, o nível de ansiedade pode ser alto favorecendo a desintegração do ego, conforme foi descrito no tópico 5.4.2. (FORDHAM, 1994, p.155).

5.5.2. Psicopatologia e o Self (Si-Mesmo)

O conceito de Self é modificado na teoria de Fordham (1994, p.22) em relação ao proposto por Jung, inicialmente por que não aborda a perspectiva religiosa e de atividade no final da vida humana. O conceito desenvolvimentista de Self se dá como inicialmente um Self Primário, uma entidade original psicossomática ao nascer, que rege o desenvolvimento da personalidade por meio de padrões de integração-deintegração arquetípicas, auxilia na formação do ego e da atividade simbólica.

Para Fordham (1994, p.87), o Self deve ser compreendido não apenas como integrador, organizador, estabilizador, mas também como deintegrado, como um sistema aberto, instável, pois há emergência de sistemas parciais organizados por pulsões dinâmicas padronizadas pelos arquétipos em interação com os estímulos ambientais. Estes deintegrados do Self desorganizam a estabilidade egóica no

intuito de desenvolvimento e adaptação a etapas da vida. Promovem “mudanças de orientação que envolve, a principio, a pessoa como um todo, e depois, partes dela, à medida que o amadurecimento prossegue”. (FORDHAM, 1994, p.87). Ao longo do processo de desenvolvimento, o ego interage e influencia a atividade deintegrativa-integrativa do Self, se fortalecendo e estruturando.

A teoria dos deintegrativos, porem, pressupõe um padrão dirigido que emerge do self total e carrega em si características do potencial psíquico do Self total (...) cada reação (ato deintegrativo) seria para o bebe uma experiência de seu mundo total. (FORDHAM, 1994, p.100).

O Self é um sistema de representações inconscientes. Estes se formam dos deintegrados arquetípicos e se expressam na consciência por meio de símbolos. Propiciam uma experiência integradora de sentido de si mesmo (self) quando encontram no ambiente uma correspondência, formando e fortalecendo assim o ego. É a experiência simbólica do self que propicia identidade, auto estima, organização e estabilidade interna. (FORDHAM, 1994, p.92).

Entretanto, difere da perspectiva da Psicologia Analítica Clássica de que a realização do Self/ Si Mesmo ou conscientização do inconsciente, como processo de individuação. Na Escola Desenvolvimentista de Fordham, o Self se deintegra com a finalidade de maturação e adaptação biológica e psicológica, de acordo com etapas arquetípicas do desenvolvimento humano. Assim, a individuação é para todos. (HART, 2002, p.103).

As experiências excessivamente negativas e deintegradoras do Self favorecem a formação egoica incoerente e imatura e/ou a desintegração do ego. Há excesso de expectativas arquetípicas que o tornam menos realista e sem sentido de identidade, com imagens de si mesmo (Self) negativadas pelas experiências frustrantes com a realidade. Observa-se enrijecimento de mecanismos de defesa do ego para a sobrevivência psíquica do Self, imaturidade ou excesso de maturidade nas etapas do desenvolvimento. (FORDHAM, 1994, p.106).

Se o gesto espontâneo do bebê não encontra uma resposta empática por parte da mãe porque partes do Si-mesmo dela interferem (ou influenciam) inadequadamente por meio de, por exemplo, suas próprias necessidades depressivas ou ansiosas, é possível que o bebê experimente uma ruptura em seu senso de Si-mesmo em desenvolvimento. Caso estas experiências negativas acumulem-se muito ao longo do tempo, o bebê irá construir autodefesas através de adaptações excessivas a essas pressões externas. Um falso Si-mesmo e, desse modo, criado para lidar com o mundo externo, enquanto o verdadeiro Si-mesmo protegido da aniquilação ou fragmentação. (SOLOMON, 2002, p.135).

Em outras obras posteriores, Fordham desenvolve o conceito semelhante ao de Winnicott (1960) de “falso self” para compreender o trabalho com mães e crianças e casos fronteirços, autismo, traumas, entre outras psicopatologias. As “catástrofes” do início da vida na relação com sua mãe/cuidador, que pode ser amamentação perturbada, doenças hospitalares, traumas, frustrações, entre outros, favorecem a formação de um falso self com a finalidade de proteger o self verdadeiro. Devido a ausência de um ego coeso nesta etapa ou o excesso de trauma (frustração), ativa-se as defesas primitivas, que denomina por “defesas do self”, tais como projeção, idealização, introjeção, identificação. Denomina estes eventos por “trauma precoce”, que favorecem uma auto representação negativa, defeituosa. (FORDHAM, 1974; KALSCHED, 2015, p. 479).

O falso self parece ser real, mas há falha na atuação cotidiana, tais como no trabalho, em relacionamentos, entre outras atividades, e na adaptação das etapas da vida. Ele forma um sistema de falsa maturidade por meio de identificações desde a infância, organiza uma atitude social buscando adaptação, mas com rigidez de defesas que impede o verdadeiro amadurecimento interno. Observa-se excesso de ciúmes, inveja, raiva, arrogância, onipotência que cobre um sentimento profundo de vazio, terror sem forma e medo. (FORDHAM, 1973, p.91).

Karlsched (2015, p.479), o mais atual pós junguiano desenvolvimentista das formações defensivas do Self, afirma que em crianças autistas e psicóticas, assim como pacientes adultos “difíceis” traumatizados, a função sintética normal do Self (união dos opostos) está comprometida devido ao “desencaixe” das expectativas arquetípicas do bebê e o cuidado materno. Estas crianças não possuem capacidade simbólica, sendo defeituosa a integração do mundo interno e externo. Devido a prematuridade e a ausência de ego formado, o Self erige barreiras absolutas, as defesas do Self, para defender-se da realidade que pode ser ansiogênica e

destrutiva, antes mesmo do mundo interno ser formado. Possui a finalidade de proteger uma suposta individualidade. Estas defesas permanecem atuando mesmo depois do estímulo aversivo ser retirado.

5.5.3 Psicopatologia e o Desenvolvimento da Personalidade

Para Fordham (1994, p.98), o desenvolvimento humano é ordenado pelo Self por meio de processos de deintegração e integração, como foi descrito anteriormente. Estes processos são arquetípicos, organizam os padrões e estruturas mentais de acordo com fases do desenvolvimento. Visam formar e amadurecer o ego, possibilitando a progressiva autonomia do indivíduo, ou seja, o processo de individuação. (FORDHAM, 1994, p.89).

O processo de individuação inicia-se desde o nascimento e a principal característica e finalidade é amadurecer o ego. Como foi dito, difere da perspectiva Clássica da Psicologia analítica pois concebe a individuação como um processo arquetipicamente estabelecido com a finalidade de amadurecimento do ego. Visa-se o fortalecimento da consciência e das funções superiores, para que no segundo momento da vida, na metanóia, o ego esteja fortalecido o suficiente para enfrentar o problema dos opostos e exercer a oitava função do ego que é a capacidade de renunciar o controle e organização do funcionamento psíquico. (FORDHAM, 1994, p.20).

As fases do desenvolvimento humano são essenciais para se compreender as psicopatologias. Elas são consideradas arquetípicas e suas expressões ocorrem por meio da deintegração do Self e regem as direções da libido, os padrões de comportamento, emoção inerente de cada etapa. Nesta obra Fordham (1994, p.107) corrobora com as etapas propostas por Freud (fase oral, anal, edípica, latência, adolescência), Jung (metanóia) e as posições psicológicas propostas por Klein (esquizo-paranoide, oral depressiva).

Em cada processo deintegrativo há expectativas, ansiedades, necessidades, que ao serem integradas pela mediação simbólica fortalecem e amadurecem o ego. Este, por sua vez, adquire padrões de comportamentos adaptativos a sua etapa e ambiente. “Conforme se notara, algumas das características do ego estão claramente relacionadas a estruturas e processos arquetípicos, e isso se aplica à maior parte da percepção, da fantasia, da mobilidade e das defesas.” (FORDHAM,

1994, p.83). Segundo Samuels, as psicopatologias se remetem a desadaptações do ego em relação a sua etapa de desenvolvimento: Não se trata de um ego infantil e sim desadaptado ou não amadurecido.

Para Fordham (1994, p.137), nem todos os processos regressivos, ou seja, com tendências infantis, são patológicos. Em momentos de crise, especificamente das etapas humanas como os conflitos infantis, edípicos, adolescência, metanóia, os processos regressivos são necessários para manutenção do ser. Eles, na sequencia integrativa-deintegrativa, adquirem a mudança necessária para melhor adaptação no momento da vida.

5.5.4. Psicopatologia: Sintoma e Símbolo

A função simbólica é desenvolvida ao longo dos primeiros meses de vida por meio de processos deintegrativos-integrativos do Self. Trata-se de um processo análogo as etapas do desenvolvimento primitivo descrito por Melaine Klein (1946) da fase esquizo-paranóide e fase oral-depressiva. A primeira tem por característica essencial o desenvolvimento egóico por meio de relações objetais parciais, pois o bebê não tem capacidade mental de compreender que o seio “bom” do seio “ruim” (o que sacia e o que está ausente ou não sacia, respectivamente) é o mesmo seio.

Na fase seguinte se alcança esta compreensão total do objeto (seio) o que implica num início primitivo da capacidade simbolizadora, de união dos opostos que são o seio ruim-seio bom. Neste momento, o bebê aprende a conter sua agressividade, apresenta o princípio de sentimento de culpa e reparação do objeto amado. Segundo Fordham (1994, p.111), este processo ocorre ao longo de toda a vida e possuem em si grande conteúdo arquetípico.

Klein descreveu uma fase de desenvolvimento subsequente, chamada de *posição oral-depressiva*, na qual o bebê poderia experimentar sentimentos de remorso e preocupação com os efeitos de seus ataques agressivos representação interna do cuidador ou ao cuidador externo real. Isso ocorria quando o bebê compreendia que seu amor e ódio eram dirigidos a mesma pessoa. Experimentar a pessoa como um todo causava sentimentos inconscientes de ambivalência e um impulso de reparar o outro danificado, com base na culpa inconsciente. (SOLOMON, 2002, p.134).

As experiências integrativas entre as pulsões arquetípicas e sua correspondência ambiental mediada pelo cuidado materno possibilitam a internalização do objeto total, formando representações internas. Fordham (1994,

p.109) denomina estas representações objetais internas das experiências integradoras como imagens simbólicas que, pouco a pouco, podem substituir internamente o objeto concreto.

As experiências integradoras existem a princípio por meio dos objetos transicionais, tais como Winnicott (1975, p.13) propõe. Por objeto transicional compreende-se um objeto, tal como ponta do cobertor, boneco, ursinho, entre outros objetos que recebe a projeção de Self por estar associado à vivência de acolhimento e integridade desenvolvido a partir da relação com a figura materna que deve ser suficientemente boa, e faz a ponte com o mundo interno e externo por uma via inicial imaginativa.

Fordham (1994, p.110) afirma que o objeto transicional representa a ação integradora do Self e possibilita o indivíduo ampliar o ego, “construir” um mundo interior, se inserir no universo simbólico cultural, adquirir recursos para socialização, desenvolver o aspecto espiritual do arquétipo, proposto por Jung. Segundo Samuels (1989, p.138), a função simbólica se realiza caso haja a experiência integradora do Self de estabilidade segurança e confiança elaborada por meio da relação de cuidado com uma mãe suficientemente boa. Por meio das experiências integradoras, os deintegrados ou impulsos deixam de ser concretos e compulsivos (instintivos) e adquirem maleabilidade pela representação simbólica. É uma mudança gradual que ocorre pela compreensão e administração de pulsões destrutivas e associações de fantasias aos objetos e situações.

Para pensar simbolicamente é necessário ter capacidade intelectual de abstrair uma essência ou qualidade universal do evento concreto, sendo evidentemente uma exigência mínima para a psicoterapia profunda. A capacidade de sentir simbolicamente é mais nebulosa: ser capaz de manter na psique acessível uma imagem gratificante que nos permita adiar a satisfação impulsiva e imediata de nossas tensões e desejos, o que é uma vantagem, mas não uma exigência para a psicoterapia profunda. (...) O bebê que tiver êxito na substituição da mãe incompleta e inconstante por um objeto transicional terá adquirido um dos instrumentos mágicos que tornará possível a jornada da individuação. Contudo, pacientes em busca da individuação muitas vezes nos procuram sem sequer ter desenvolvido esta capacidade de simbolizar o sentimento, este instrumento ou capacidade que lhes permitirá relativizar e objetivar suas necessidades emocionais. (GORDON, 2002, p.204).

Segundo Fordham (1994, p.178), há quatro etapas que descrevem o processo de formação do símbolo. A primeira é a pré-simbólica, na qual a energia instintiva concreta deintegrada do Self é catexizada a um objeto específico da

realidade. A segunda fase deriva do reconhecimento, elaboração e interpretação deste impulso deintegrado, que se dá por meio da atividade imaginadora. Possivelmente, este momento implica na frustração pela ausência do objeto e a representação interna é re-elaborada, levando a terceira fase que é a emergência do símbolo unificador do Self que opera um sentido a esta atividade deintegradora. E a quarta fase seria então a integração de fragmentos do ego ao núcleo principal do ego, ou seja, o fortalecimento do ego pela atividade sintética do símbolo.

Nos casos psicopatológicos, o ego fragilizado ou imaturo não possui recursos internos para conter os conteúdos deintegrados do Self, ou seja, simbolizar. Ao invés de ocorrer uma integração ocorre uma desintegração egóica, e assim, fragilizado ou fragmentado, o ego aciona recursos defensivos. Daí, se houver uma exposição por um período longo ou impacto grande na intensidade de frustração e desintegração egóica, ocorrem as fixações e enrijecimentos dos mecanismos defensivos que atuam autonomamente na consciência como sintomas. (FORDHAM, 1994, p.155).

Os sintomas revelam as fixações de mecanismos de defesas e compulsão de repetição e apego ao passado. Há uma relação inversamente proporcional entre sintoma e símbolo. Estes retiram a fixação no passado, transforma a energia psíquica e direciona a uma finalidade de desenvolvimento. Quando a função simbolizadora atua adquire-se novos sentidos e finalidades, novas capacidades de atuar emergem na consciência. O símbolo é inversamente proporcional ao sintoma. (GORDON, 2002, p.205).

5.6. Considerações do Conceito de Psicopatologia na Perspectiva Desenvolvimentista de Michael Fordham

Foi possível identificar uma concepção de psicopatologia na Escola Desenvolvimentista da Psicologia Analítica, segundo Michael Fordham (1994). Em seu fundamento básico, as suas investigações se norteiam pelo maior enfoque biológico e biográfico que difere da perspectiva simbólica e prospectiva da Escola Clássica. Elas se aproximam do pensamento cartesiano das ciências naturais, na medida em que se apropria da teoria psicanalítica que possui tais características, segundo Cardoso (1993).

Sendo assim, os pressupostos teóricos da Psicologia Analítica como ego, arquétipo, self, desenvolvimento da personalidade, símbolo, entre outros, são abordados e relacionados a uma perspectiva psicossomática. Para Fordham (1994, p.109), as primeiras representações psicológicas são de natureza biológica, conforme diz: “Fizeram-se outras tentativas de entender a natureza dos primeiros objetos. Eles devem necessariamente originar-se do extremo vermelho ou infravermelho do espectro arquetípico”. O extremo infravermelho se remete a ideia de Jung (1971, § 414) das polaridades do arquétipo: infravermelho é o mundo instintivo e ultravioleta o mundo espiritual e imagético.

Na Escola Desenvolvimentista, a atitude analítica e redutiva inerente da psicanálise enfatiza mais a história individual do que temas arquetípicos e experiências numinosas. O foco é a compreensão dos estados regredidos da psique que se remetem aos estágios anteriores de amadurecimento e que podem ser observados nas relações atuais, especialmente a transferencial, mesmo na vida adulta. É nas relações que se expressam os fenômenos psicopatológicos sendo possível observar e manejar as fixações e mecanismos defensivos do ego. Assim, o ego possui grande relevância para se pensar os adoecimentos psicológicos, pois é sua força e coesão que definirá um estado psicopatológico ou normal.

Deste modo, a perspectiva desenvolvimentista das psicopatologias preocupa-se em compreender o “por quê?” das fragilidades do ego. O método redutivo analítico (psicanálise) assim como as referências biológicas da neurociência, etologia, genética, entre outros, respondem as questões causais dos adoecimentos psíquicos. Apesar de serem escolas diferenciadas, elas dialogam entre si, de maneira que a Escola Desenvolvimentista não se abstém da abordagem simbólica da Psicologia Analítica Clássica. Também se apropria do ponto de vista de que há nos fenômenos psicopatológicos um processo integrador e sintético da personalidade com finalidade teleológica de desenvolvimento e, da mesma forma, Jung e a Escola Clássica reconhece o valor da análise redutiva, porém a ênfase metodológica se diferencia.

Ao relacionar o *self* tanto empírica quanto teoricamente à experiência religiosa __ e, em particular, ao conhecimento de Deus __, Jung certamente colocou o *self em* relação com a especulação teológica acerca da realidade suprema. Não tentarei de forma alguma considerar esse aspecto de seu trabalho: ele é quase completamente irrelevante aos processos de amadurecimento na infância, além do que é algo que pertence à seara da

filosofia e da teologia, de qualquer forma. Há muitos aspectos do *self* que conhecemos pouco ou nada e sua natureza já é obscura o suficiente sem hipostasiar a aura de mistério — que deve, a meu ver, funcionar mais como estímulo à investigação do que como um fim em si. (FORDHAM, 1994, p.21).

Entretanto, Fordham busca não dar enfoque ao aspecto transcendental e espiritual da teoria junguiana, o que não significa negá-lo. Sua ênfase recai no empirismo e na busca por coerência lógica e linear, utilizando-se do jargão médico e científico para descrição dos fenômenos psicológicos, e se abstém das metáforas e analogias como modo de investigação. A linguagem profissional e científica corrobora com a iniciativa de Jung (1971) de inserir a psicologia analítica como uma ciência natural. Por outro lado, a crítica que se faz a este ponto de vista é que o espectro espiritual e imagético da Psicologia Analítica, como conceitos de sincronicidade, psicoide entre outros, não são enfatizados. (MARTINI, 2012).

As psicopatologias são compreendidas como fixações em fases do desenvolvimento da personalidade com ativação de mecanismos defensivos e dificuldades no processo de simbolização. As etiologias se remetem as relações do indivíduo com o *ambiente* e os *cuidadores*. Não se desconsidera fatores organogênicos como genética, formação embrionária, atividade arquetípica, entre outros, porém, é fortemente influenciada pelos fatores ambientais. Esta compreensão também é encontrada em seu artigo “Maturação do ego e self na infância” (1973, p.85) e aprofundada por Kalsched (2015, p.487).

De modo geral, para Fordham as psicopatologias configuram como empobrecimento do mundo interno, compulsão, automatismo, incapacidades ou déficits na função de simbolização da psique. Os deintegrados arquetípicos não são integrados pela mediação simbólica e podem desintegrar o ego se este for muito frágil ou se o sofrimento ou a ansiedade for muito grande e insuportável. A formação de um mundo interior que promoveria um relativo autocontrole do ego, bem estar, adaptação e organização individual de acordo com etapas do desenvolvimento, então torna-se falho e regido por um automatismo inconsciente das pulsões do Self. Assim, é possível conceber que por meio da polaridade símbolo e sintoma se encontra a referência do que é normalidade e patologia, respectivamente. (SALOMON, 2002, p.129).

A contribuição da Escola Desenvolvimentista de Michael Fordham é introduzir um campo para compreensão dos processos psicológicos infantis e ressaltar a

relevância da infância na formação individual humana. Somente na atual modernidade se observa a consciência da importância dos bons relacionamentos e ambientes acolhedores que provê atenção às necessidades infantis, em detrimento do rigor, da disciplina e da negligência. É um produto do avanço no campo das psicopatologias, a disciplina das doenças mentais e suas causas. Há necessidade de informação e mudanças culturais para o cuidado na infância como modo de prevenção das psicopatologias. (FORDHAM, 1994, p. 135).

6. Conclusões

De acordo com Samuels (2008, p.5) as divisões escolares da Psicologia Analítica possuem divergências epistemológicas e teóricas que implicam em diferentes perspectivas sobre o conceito de psicopatologia. Neste trabalho objetivou-se identificar o conceito da Escola Clássica e da Escola Desenvolvimentista, concebendo estas como principais divergentes. Isto pode ser observado historicamente, segundo Samuels (1989, p.29) desde os primeiros desdobramentos teóricos: Escola de Zurique e Escola de Londres. Atualmente, as outras duas escolas, “Clássica Ortodoxa” e “Psicanalítica”, podem ser compreendidas como desdobramentos enrijecidos das principais, enquanto a Escola Arquetípica se anexou como tradição teórica da Escola Clássica.

Sabe-se que a premissa epistemológica da Escola Clássica, de Carl Gustav Jung, é simbólico-finalista, inserida no paradigma científico moderno com a perspectiva energética e teleológica dos fenômenos psíquicos.

Assim, o discurso expressa o sentido, a intenção, o propósito de um sujeito, ainda que implícito, no nível inconsciente. Jung fará desta abordagem simbólico-finalista da linguagem do inconsciente uma das chaves para a interpretação dos sintomas patológicos, além do enfoque causal-redutivo característico do método freudiano. (CARDOSO, 1993, p.55).

Por outro lado, a Escola Desenvolvimentista representada por Michael Fordham reconhece a perspectiva simbólica, porém não enfatiza os aspectos metafóricos e imagéticos. Além do mais, reintroduz o método analítico e reducionista da psicanálise, buscando causas dos fenômenos psicológicos. (SOLOMON, 2002). Segundo Cardoso (1993, p.88), o campo teórico da psicanálise está inserido no paradigma clássico com uma perspectiva materialista e redutora, pois os fenômenos psíquicos são compreendidos como epifenômenos do aparato biofisiológico. Sendo assim, é possível afirmar que esta Escola possui um enfoque maior nas pesquisas científica embasando-se na lógica cartesiana.

Esta diferenciação epistemológica implica em modificações na perspectiva das psicopatologias e dos conceitos fundamentais da Psicologia Analítica, segundo Samuels (1989, p.32), que são: Si-Mesmo (Self), Arquétipo, desenvolvimento da personalidade e símbolo. A seguir, uma tabela que sintetiza tais diferenciações e

descreve a relação destes principais conceitos com os fenômenos psicopatológicos de acordo com cada Escola, segundo as análises das obras neste trabalho:

Quadro 2: Perspectivas Teóricas da Psicopatologia da Escola Clássica e da Escola Desenvolvimentista

	Escola Clássica	Escola Desenvolvimentista
Psicopatologia	<p>Contato do Inconsciente com a Consciência</p> <p>↓</p> <p>Inflação Psíquica</p> <p>↓</p> <p>Restabelecimento Regressivo da Persona Identificação com a Psique Coletiva</p>	<p>Ambiente / Cuidador não “suficientemente bom”</p> <p>↓</p> <p>Ansiedade e frustração</p> <p>↓</p> <p>Ativação de mecanismos Defensivos do ego/Self desintegração do Ego</p>
Ego	Adoece devido ao contato com conteúdos da psique coletiva, sofre um colapso na orientação consciente com transformações e alterações no seu funcionamento/dinamismo. Ego pode se fragmentar.	Adoece devido a uma relação insuficientemente boa com o cuidador e o excesso ou ausência de frustração. Isso implica em não amadurecimento de suas funções de modo adequado e formação de um ego imaturo, dissociado ou/e defensivo.
Si-Mesmo/ Self	Alienação do self nas psicopatologias. Experiências desintegradoras, falta de sentido reflexivo, falta de controle da consciência, falta de união consigo mesmo devido a dissociação de partes da personalidade	Perspectiva psicossomática e biológica. Caso os deintegrados do Self não sejam satisfeito ou não possuam correspondência ambiental pode ocorrer “catástrofes” na formação egóica.
Arquétipo	Provoca inflação psíquica. Mobiliza padrões de comportamento, emoções, possibilidades de ser. Modula a psicodinâmica das psicopatologias.	Perspectiva psicossomática e biológica. Gera expectativas e necessidades vitais que, quando não integradas, favorecem as psicopatologias.
Desenvolvimento da Personalidade	As psicopatologias podem ser compreendidas como mobilizadas do processo de individuação. Os sintomas, quando elaborados conscientemente, mobilizam o desenvolvimento da personalidade (individuação).	Psicopatologia como imaturidade do ego de acordo com sua fase de desenvolvimento.
Símbolo	Compreendidos como sintomas quando não integrados pela consciência. Expressos nas imagens-fantasias ideofetivas contidos nos sintomas psicopatológicos.	Visa fortalecer o ego, compreensão e administração das pulsões destrutivas, das fantasias e da realidade. Caso não haja simbolização, tornam-se sintomas.
Compensação	Em psicopatologias provocam sintomas como equilíbrio da postura unilateral da consciência.	Não é enfatizado este conceito
Ambiente/ Relações de Cuidado	Não é enfatizado este conceito	Fatores etiológicos das doenças mentais: relações de afeto e cuidado com excesso ou ausência de frustrações não favorecem o desenvolvimento

De acordo com o quadro é possível observar que, na concepção das duas Escolas, o adoecimento psíquico se origina de uma relação entre Ego/Consciência com o Self/Inconsciente, seja por meio do processo de inflação psíquica ou pela

deintegração arquetípica do Self. Este fundamento de “relação ego-inconsciente” é pano de fundo da teoria analítica, mas com aparatos conceituais e teóricos diferenciados.

Na Escola Clássica, esta “relação” adquire um caráter endógeno, pois se desvencilha do mundo externo, enfocando-se mais na constelação das imagens arquetípicas do inconsciente, como pode ser observado no processo de inflação psíquica e as subsequentes respostas patológicas do ego (restabelecimento regressivo da persona e identificação com a psique coletiva).

Segundo Nagy (2003, p.51) Jung produz uma psicologia subjetivista, pois a realidade individual e coletiva se constitui por meio da experiência simbólica, não enfatizando os fatores ambientais e as relações exteriores. A experiência simbólica do Self como integradora é reconhecida como verdadeira realidade sobre si e o mundo, como elemento que comporta consciente e inconsciente, interno e externo, mente e corpo e todas outras dicotomias, e fundamenta a realidade objetiva da percepção individual.

Por outro lado, e Escola Desenvolvimentista de Fordham enfatiza a relação do ego com o inconsciente a partir de um ponto de vista psicossomático que é mediada pelas relações de cuidado. Segundo Solomon (2002, p.130), Fordham se influencia pela Escola das relações objetais, cujo credo básico é conceber que o bebê não é, tal como Freud propunha, guiado pelos instintos, e sim é possuidor de uma capacidade básica de relacionar-se com seus cuidadores ou “objetos”. Estes seriam objeto de um impulso instintual que tem a finalidade de ligação com o cuidador que irá mediar a satisfação de tal impulso.

Assim, com este fundamento básico, a perspectiva desenvolvimentista se volta para as primeiras fases da vida mental cujas raízes são de base corporal. Deixa de ter um caráter subjetivista para aproximar-se do materialismo e determinismo das abordagens de ciência clássica da psicanálise. Realiza uma descrição objetiva da realidade psicológica ao se apropriar do método reduutivo-causal para explicar os fenômenos psicopatológicos por meio da retrospectiva analítica às etapas do desenvolvimento infantil e a fixação dos mecanismos defensivos. (CARDOSO, 1993, p.91; SOLOMON, 2002, p.128).

É possível observar que em ambas escolas, o adoecimento psíquico se remete a um colapso ou falha nas funções do ego, dificultando a execução de mediação entre consciente-inconsciente, objeto bom-objeto ruim, ambiente-mundo

interno, entre outros. O ego encontra dificuldades para alcançar um estado adaptado e equilibrado com a realidade interna e externa. Na Escola Clássica, o ego ou se identifica com a psique coletiva ou a rejeita, nega e se afasta de seus conteúdos inconscientes. (JUNG, 2007, p. 38). Na perspectiva Desenvolvimentista, o ego se forma fragmentado/fragilizado ou então formará um falso Self, superorganizando seus sentimentos de modo onipotente, com defesas narcísicas. (SAMUELS, 1989, p.192).

A Escola Desenvolvimentista preocupa-se em compreender os estágios iniciais do desenvolvimento do ego proposto pela teoria psicanalítica afim de responder o “Por quê?” dos fenômenos psicopatológicos. Nestas investigações buscam compreender as causas dos conflitos e sintomas não somente por meio da investigação clínica das bases arquetípicas da personalidade, como também as fases infantis do desenvolvimento do ego segundo Freud. Sendo assim, valorizam os dados biográficos e a qualidade das relações transferenciais-contratransferenciais para identificar os conteúdos pessoais latentes a serem conscientizados. (CARDOSO, 1993, p.98; SAMUELS, 1989, p.82; SOLOMON, 2002, p. 128).

A perspectiva clássica de Jung, por sua vez, não se propõe a investigar sobre o “por quê?” da fragilidade egóica nas psicopatologias. Para ele, o método redutivo-causal (psicanalítico, de investigar as causas do adoecimento psíquico) limita a perspectiva simbólica, pois reduz os sintomas a um material infantil reprimido ou disfarçado. Segundo Solomon (2002, p.129) a abordagem de Jung se volta para a investigação do desenvolvimento das bases arcaicas e coletivas da personalidade (arquetipos) expressas nos simbolismos da psique. Utiliza-se do método hermenêutico sintético ou construtivo que encontra sentidos, significados e finalidades nos fenômenos psicopatológicos.

A perspectiva finalista-sintética leva ao entendimento de que as doenças são desequilíbrios psíquicos regidos por processos compensatórios. Estes visam a integração de aspectos inconscientes do Si-Mesmo, dissociados da consciência, por meio da experiência simbólica. Busca, então, responder o “para quê?” dos adoecimentos psíquicos e utiliza-se de uma lógica “analógica”, por semelhanças, encontrando em temas mitológicos e coletivos em geral semelhanças de sentidos para os conteúdos psicológicos individuais. (CARDOSO, 1993, p.24; SOLOMON, 2002, p.129).

A perspectiva simbólica desenvolvida por Jung encontra nos mitos e conteúdos coletivos (a arte, ideologias, religião, política, entre outros) as expressões simbólicas da psique coletiva. São revelações do desenvolvimento dramático significativo da alma que refletem condições essencialmente humanas e universais, fazendo com que o drama particular do indivíduo contemporâneo possa ser compreendido e incorporado a um tema típico humano. A manifestação de padrões de comportamentos, emoções, ideias estereotipadas das psicopatologias são descritas como uma “inflação psíquica”, onde há um estado de “semelhança a Deus”. (JUNG, 2007, §224). Em outro momento, sendo aprofundando-se mais na relação entre as psicopatologias e a função religiosa da alma, atesta que “os deuses tornaram-se doenças”. (JUNG, 2002, §54).

Mas, se cada psicopatologia manifesta uma fenomenologia específica, cabe compreender qual Deus está sendo manifesto. Segundo Hillman (2010, p.141) a pergunta de “Quem?” é o sujeito arquetípico do adoecimento psicológico foi a deixa de Jung e aprofundada por autores que buscam pela investigação fenomenológica permanecer na imagem-fantasia e descrevê-la de modo a constituir uma perspectiva dos fenômenos psicológicos. Segundo Samuels (1989) estes estudos fundamentaram a Escola Arquetípica da Psicologia Analítica, cuja autoridade mais proeminente é o psicólogo e analista junguiano James Hillman (1926-2011). Atualmente a Escola Arquetípica encontra-se integrada como campo teórico da Escola Clássica, segundo Samuels (2008).

As etiologias das doenças mentais são compreendidas pela Psicologia Analítica, de modo geral, como psicogênicas. Segundo Cardoso (1993, p.152) e Samuels (1989, p.211), Jung não enfatiza a causalidade e sim a condicionalidade. O comportamento psicopatológico emerge de determinadas condições e são diferenciações quantitativas energéticas de padrões “normais” de comportamento. Por meio de uma clivagem interna, os conteúdos inconscientes emergem na consciência de forma compensatória, como símbolos (sentido e significado) ou sintomas (automatismo e inconsciência). As etiologias das doenças mentais pela perspectiva da Escola Clássica são endógenas, advindas das imagens primordiais do inconsciente coletivo que influenciam a consciência provocando sintomas. Há necessidade de compreender os sentidos e significados implícitos nestes, afim de integrar os conteúdos inconscientes na consciência.

Por outro lado, segundo Samuels (1989, p.211) a Escola Desenvolvimentista preocupou-se em compreender as causalidades, estabelecer as fronteiras entre neurose, psicose, descrever as psicodinâmicas das patologias, classificações especialmente no que tange aos processos infantis. Dentro de uma perspectiva das relações objetivas do desenvolvimento humano, as etiologias se fundamentam no relacionamento interpessoal mãe-bebê, a mediação do bebê com a realidade e as fases do desenvolvimento do ego. (FORDHAM, 1973, p.85; KALSCHED, 2015, p.487).

A qualidade das respostas do ambiente a esses estados dramáticos, juntamente com as próprias capacidades de auto-regulação do bebê, determinariam sua tendência para o desenvolvimento normal e adaptativo ou patológico e mal-adaptativo. (SALOMON, 2002, p.133).

Esta tradição advinda da psicanálise compreende que há uma divisão clara entre saúde e doença, enquanto a visão clássica junguiana o normal e o patológico é um continuum, relativizando as diferenças. (CARDOSO, 1993, p.98).

É possível compreender que a diferenciação entre as duas escolas pode estar fundamentada no conceito epistemológico de arquétipo. Para Samuels (1989, p.46) este conceito favorece três possibilidades de pesquisas: “ascendente”, “descendente” e ambas. Na primeira enfatiza-se o mundo do espírito, das imagens arquetípicas e transcendentais; a segunda, de caráter psicossomático, enfatiza o mundo etológico e biológico do humano; a terceira seria a união de ambos.

Segundo o autor, Jung apropria-se inicialmente da pesquisa bifurcada, mas no final de sua obra prevalece a perspectiva ascendente. Já a Escola do desenvolvimento não descarta o uso das imagens coletivas contidas nos mitos, lendas, etc, mas há uma ênfase maior na investigação pessoal, social, familiar, das relações interpessoais, ou seja, o quesito concreto do ambiente, da etologia, genética e neurociências. (SAMUELS, 1989, p.55; SOLOMON, 2002, p.131).

A ênfase de Fordham na perspectiva descendente pode ser observada na sua obra (1994, p.22) quando descarta a investigação do Self e as suas tendências religiosas e transcendentais que Jung busca enfatizar e, ao mesmo tempo, valoriza a perspectiva psicossomática e reducionista da psique. Isto não significa que nega a perspectiva ascendente, que se remete às qualidades criativas, prospectivas e teleológicas da psique. Porém sua ênfase psicossomática faz com que o processo

de desenvolvimento criativo e transcendente do humano adquira características mais biogizantes e evolutivas.

Segundo Samuels (1989, p.55) a crítica de Jung a este posicionamento é que o processo de individuação torna-se apenas ampliação da consciência, igualando Self a Ego. O processo de individuação, na perspectiva desenvolvimentista, equivaleria ao fortalecimento/ maturação egóica pela integração e síntese dos deintegrados do Self, de acordo com as etapas maturacionais da personalidade.

Por outro lado, a perspectiva Clássica do desenvolvimento da personalidade ou individuação implica na realização da totalidade psíquica, numa perspectiva transcendental. A individuação é metaforizada como “destino” pela atualização na consciência de conteúdos e potencialidades inconscientes. Não são todos que realizam a individuação, e por isto, as respostas de identificação com a psique coletiva e o reestabelecimento progressivo da persona também podem ser compreendidos como possibilidades de ser naturais da psique, embora “traindo” a individuação. Faz-se necessário aqui compreender a “despatologização” destas respostas, as concebendo como naturais e até mesmo necessárias. (JUNG, 2007, §266).

Apesar das divergências teóricas, o que se observa de semelhante entre as duas escolas é a percepção de que as psicopatologias implicam em uma falha na elaboração simbólica. O ego encontra-se incapacitado de exercer sua função mediadora dos opostos — seja por se identificar com a psique coletiva ou reprimir/negar os conteúdos inconscientes como propõe a Escola Clássica, ou seja, pela fragilidade de sua estrutura e ativação de mecanismos defensivos do ego ou Self, como propõe a Escola Desenvolvimentista.

A compreensão de Jung que o símbolo é o elemento que reúne os opostos cindidos e os sintetiza com finalidade de individuação (conscientização de Si Mesmo) possui correlato semelhante na teoria psicanalítica de Melaine Klein (1946) em seu conceito de “objetos totais”. Este conceito tem o limite por estar inserido na visão reduitiva de psique, cujas representações mentais das experiências instintivas são de base corporal, sem o caráter prospectivo e teleológico da função sintética do símbolo. Por outro lado, o conceito de Winnicott (1975) de “objetos transicionais” partilha da visão teleológica de Jung dos símbolos. Para ele, a criança precisa de um ambiente “suficientemente bom”, com os cuidados e proteção básica pra que, mesmo com as adversidades da vida, consiga crescer, se desenvolver e ser criativo,

assim como Jung enfatiza o elemento criativo implícito na função do símbolo. (SOLOMON, 2002, p.131).

Desta forma, os símbolos são conceitos fundamentais da Psicologia Analítica de modo geral e possuem uma relação inversamente proporcional com os sintomas. Trata-se de uma dualidade que implica em conceber o símbolo como sentido, significado, saúde, desenvolvimento, consciência em oposição ao sintoma como ausência de sentido, automatismo, angústia, inflação, patologia, inconsciência. Sendo assim, a necessidade de ampliação da consciência como processo fundamental de desenvolvimento da personalidade e cura do adoecimento psíquico por meio da integração dos conteúdos inconscientes dissociados da consciência. (WHITMONT, 1969, p.19).

7. Considerações Finais

A diversidade de perspectivas sobre os adoecimentos mentais é característica do campo geral da Psicologia Analítica e reflete o processo de desenvolvimento da obra de Jung. Segundo Samuels (2002, p.9), a amplitude teórica do campo da Psicologia Analítica desenvolvida por Jung é ambivalente: deve-se apropriar do material científico e também ter o olhar humano e experiencial (fenomenológico). É possível identificar um espectro na teoria junguiana (Escola Clássica) que transita em duas posições: de um lado, está a dimensão poética (mais próxima das teorias da Escola Arquetípica e das últimas elaborações teóricas de Jung sobre alquimia, imagens coletivas, religiões, problemas culturais, etc) e do outro lado, a dimensão científica-profissional (mais próxima das teorias da Escola Desenvolvimentista).

A dimensão científica-profissional se remete ao campo conceitual, teórico, de classificações, nosologias, diagnósticos a respeito dos fenômenos psicológicos. A dimensão poética consiste em usar do jargão psiquiátrico/psicopatológico/psicológico de modo metafórico e imaginativo, para se aproximar compreensivamente da linguagem da psique. Ambas dimensões são instrumentos da teoria da psicologia analítica e devem ser utilizadas pelo analista junguiano de acordo com a necessidade.

Este trabalho teve por foco um aprofundamento da dimensão científica-profissional, onde se encontram os conceitos, teorias, ideias científicas referentes ao campo da psicopatologia na perspectiva da Psicologia Analítica. Fundamenta-se nas principais obras das duas principais Escolas Teóricas desta abordagem: Escola Clássica e Escola Desenvolvimentista, segundo Samuels (2008, p.5).

A perspectiva psicogênica e simbólica da Psicologia Analítica eleva a compreensão dos fenômenos psicopatológicos para além da materialidade fisiológica do humano, e direciona para o presente e futuro, identificando sentido e finalidade no adoecimento psíquico. Apresenta um campo teórico plural, coexistindo possibilidades diversas de compreensão dos fenômenos psicológicos, seja pela visão redutiva ou prospectiva, pela ênfase nos conteúdos simbólicos arquetípicos do inconsciente ou pela compreensão biográfica e genética da psique individual. De modo geral, a perspectiva simbólica possibilita o aprofundamento na compreensão de sentidos e significados dos fenômenos psicopatológicos diferenciando-se da prática convencional da psiquiatria.

Certamente a contribuição de Carl Gustav Jung e da Psicologia Profunda é lançar bases teóricas para compreensão de que as psicopatologias são caminhos de cura da psique. Neste sentido, a estigmatização e patologização do sofrimento humano são prejudiciais, pois eximem o sujeito de sua responsabilidade ética sobre seu caminho de individuação. Compreende-se o adoecimento como um momento psicológico necessário e natural que possui finalidade de desenvolvimento da personalidade.

A prática da psiquiatria convencional, com seu avanço nas neurociências e na genética, parece estar distanciada das perspectivas mais compreensivas devido às reduções conceituais diagnósticas e a ausência de um embasamento filosófico. Muito a psicologia já avançou, como pode ser vista a partir da “Psicopatologia Geral” (1913/1973) de Karl Jaspers, a Psicanálise de Sigmund Freud (1988), as perspectivas humanistas da Gestalt, da logo-terapia, entre outras. Trata-se de um retrocesso quando se observa o excesso de medicação, a falta de diálogo e vínculo entre paciente e médico, a compreensão dos fenômenos psíquicos como sintomas e anormalidade. O problema essencial da perspectiva médica é o distanciamento do homem com sua alma, com sua subjetividade e com sua história.

8. Bibliografia

ASTOR, James. **Michael Fordham: Innovations in Analytical Psychology**. New York: Routledge, 1995.

BÁRBARA, Raquel Q. **Compulsão alimentar na adolescência: uma abordagem junguiana**. Um estudo sobre a dinâmica psíquica através do método de Rorschach. São Paulo, 2011.

BEEBE, John. Uma abordagem clássica. In: YOUNG-EISENDRATH, Polly; DAWSON, Terence. **Manual de Cambridge para Estudos Junguianos**. Porto Alegre : Artmed Editora, 2002.

BION, W. **Second Thoughts**. Nova York: Jason Arosen, 1967.

BROOKE, Roger. **Jung & phenomenology**. Trivium Publications: Pittsburgh, 1991.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. **Psicopatologia Simbólica Junguiana**. Linear B gráfica e editora: Montevideu, 2006.

CAETANO, Aurea Afonso. **Entretecendo correlações e contrapontos: neurociências e psicologia analítica**. Revista Junguiana (26): 63-71, 2008.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. Tradução de Maria de Threza Redig de C. Barrocas e Luiz Octávio F. B. Leite. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, 307 p.

CAPONI, Sandra. Michel Foucault e a persistência do poder psiquiátrico. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Associação Brasileira de pós – graduação em saúde coletiva. Rio de Janeiro, v.14, n. 1, jan-fev, p. 95-103, 2009.

CARDOSO, Heloísa. **Psicopatologia, teorias dos complexos e psicanálise**. São Paulo: Atheneu Editora, 1993.

CASEY, Edward. James Hillman: insinuações filosóficas. **Cadernos Junguianos**. Associação Junguiana do Brasil. São Paulo, v.9, n.9, p.35-49, 2013.

CAVALCANTI, Paulo Roberto. **Análise conceitual e análise do comportamento: suas relações na discussão do conceito de percepção**. Brasília/DF: FACES, 2008.

CLARKE, J. **Em busca de Jung**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993.

DELGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. Campinas-SP: Artmed, 2008.

DURAND, Gilbert. **A fé do sapateiro**. Brasília: Unb, 1995.

ELLEMBERGER, Henri F. **El descubrimiento del inconsciente: historia y evolución de la psiquiatria dinâmica.** Madrid: Editorial Gredos, 1976.

ENDERS, Bertha Cruz; BRITO, Rosineide Santana de; MONTEIRO, Akemilwata. Análise conceitual e pensamento crítico: uma relação complementar na enfermagem. **Revista Gaúcha Enfermagem**, Porto Alegre (RS), dez 25(3), p. 295-305, 2004.

FIERZ, Karl Heinrich. **Psiquiatria Junguiana.** São Paulo: Paulus, 1997.

FORDHAM, Michael. Defenses of the Self. **The Journal of Analytical Psychology.** Vol. 19, 2, pp.182-199, 1974.

FORDHAM, Michael. **Analytical Psychology: A modern Science.** London: Willian Heinemann Medical Books, 1973.

FORDHAM, Michael. **Jungian psychotherapy: a study in analytical psychology.** Maresfield Library: London, 1990.

FORDHAM, Michael. **A criança como indivíduo.** São Paulo-SP: Editora Pensamento-Cultrix, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Doença Mental e Psicologia.** Edições Tempo Brasileiro LTDA: Rio de Janeiro – RJ, 1994.

FREITAS, Laura Villares; SCARABEL, Camila Alessandra, DUQUE, Bárbara Harumi. As implicações da depressão pós-parto na psique do bebê: considerações da Psicologia Analítica. **Revista Psicologia Argumento**, v.30, n.69, 2012.

FREUD, Sigmund. **Sobre a psicopatologia da vida cotidiana.** Ed. Standart. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006 (Obras Completas, v.VII).

FREUD, Anna. **O ego e os mecanismos de defesa.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

GORDON, Rosemary. Uma abordagem desenvolvimentista. In: YOUNG-EISENDRATH, Polly; DAWSON, Terence. **Manual de Cambridge para Estudos Junguianos.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

HART, David L. A escola junguiana clássica. In: YOUNG-EISENDRATH, Polly; DAWSON, Terence. **Manual de Cambridge para Estudos Junguianos.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

HARTMAN, GARY V. **Uma cronologia da História e do desenvolvimento da obra e teoria de Jung (1902 -1935).** Jung Foundation for the Analytical Psychology, Vol.30, no.1, Copyright, 2000. Disponível em: rubedofile:///C:/Users/Lili/Google%20Drive/outros%20autores%20PA/Rubedo%20-%20Artigos%20-%20Uma%20cronologia%20da%20História%20e%20do%20Desenvolvimento%2

0da%20obra%20e%20teoria%20de%20Jung%20(1902-1935)%20-%20Gary%20Hartman.htm

HILLMAN, James. **Re-vento a Psicologia**. Petrópolis, Vozes: 2010.

HILLMAN, James. **O mito da análise**: três ensaios de psicologia arquetípica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HIMIOB, Gonzalo. Esquizofrenia y otros transtornos psicóticos. In: LAUREIRO, M. E. S. **Psicopatologia psicodinâmica simbólico-arquetípica**: uma perspectiva junguiana de integración em psicopatologia y clínica analítica. Montevideo: Prensa Médica Latinoamericana, 2006.

HULTBERG, Peer. Success, retreat, panic: over-stimulation and depressive defence. In: SAMUELS, Andrew. **Psychopathology**: contemporary Junguian perspectives. London: Karnac, 2002.

JACOBI, Jolande. **Complexo, arquétipo, símbolo na psicologia de C. G. Jung**. Sao Paulo, Cultrix: 1995.

JACOBY, Mario. **Psicoterapia junguiana e a pesquisa contemporânea com crianças**: padrões básicos de intercâmbio emocional. São Paulo: Paulus, 2010.

JASPERS, Karl. **Psicopatologia Geral**. São Paulo: Atheneu, 1973.

JUNG, C.G. **A natureza da Psique**. Petrópolis, Vozes, 1971.

JUNG, C.G. **Fundamentos da Psicologia Analítica**. Petrópolis, Vozes, 1972.

JUNG, C.G. **Aion: estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo**. Petrópolis, Vozes, 1986.

JUNG, C.G. **A psicogênese das doenças mentais**. 2ª ed. Petrópolis, Vozes, 1990.

JUNG, C.G. **Estudos alquímicos**. Petrópolis, Vozes, 2002.

JUNG, C.G. **O eu e o inconsciente**. 20ª ed. Petrópolis, Vozes, 2007.

JUNG, C.G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, Vozes, 2011.

JUNG, C. G. **Psicologia e alquimia**. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

JUNG, Carl Gustav. **Símbolos da Transformação**: uma análise dos prelúdios de uma esquizofrenia. Petrópolis-RJ, Vozes, 2013.

JUNG, C.G. **Psicologia do Inconsciente**. 13ª ed. Petrópolis, Vozes, 2014.

KALSCHED, Donald. **O mundo interior do trauma**: defesas arquetípicas do espírito pessoal. São Paulo: Paulus, 2013.

KALSCHED, Donald. Revisioning Fordham's 'Defences of the self' in light of modern relational theory and contemporary neuroscience. **Journal of Analytical Psychology**, Vol.60, 1, pp. 477-496, 2015.

KLEIN, Melaine. **Contributions to Psychoanalysis**. Londres: Hogarth Press, 1946.

KOHUT, H. **The analyses of the self**. Nova Iorque: International Universities Press, 1957.

KNOX, Jean.. The relevance of attachment theory to a contemporary Jungian view of the internal world. **Journal of Analytical Psychology**, Vol. 44, pp. 511-530, 1999.

KNOX, Jean. **Archetype, attachment, analysis: Jungian psychology and emergent mind**. Brunner-Routledge. New York, 2003.

KUGLER, Paul. **Clinical Psychopathology, 2013**. Disponível em: <<http://www.cgjungpage.org/learn/articles/analytical-psychology/192-clinical-psychopathology/>> Acesso em 10 de fevereiro de 2016.

MACHADO, Armando; LOURENÇO, Orlando; SILVA, Francisco J. Facts, concepts, and theories: the shape of psychology's epistemic triangle. **Revista Behavior and Philosophy**, Cambridge, v. 28, pp. 1-40, 2000.

MARTINEZ, José Roberto. **Metapsicopatologia da Psiquiatria: Uma Reflexão sobre o Dualismo Epistemológico da Psiquiatria Clínica entre a Organogênese e a Psicogênese dos Transtornos Mentais**. 448f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Filosofia e Metodologias Científicas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

MARTINI, Wolney. **O Arquétipo na teoria junguiana e os modelos emergente e evolucionista**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Programa de Estudos pós – graduados em Psicologia Clínica, Núcleo de Estudos Junguianos, da Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2012.

MEDEIROS, Ana Carolina Takenaka. **O processo de aquisição da autonomia em crianças pré-escolares: uma visão da Psicologia Analítica**. Monografia de Mestrado. PUC-São Paulo: 2015.

NAGY, Marilyn, **Questões filosóficas na psicologia de C. G. Jung**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

PENNA, H. M. **Processamento simbólico arquetípico: uma proposta de método de pesquisa em psicologia analítica**. 228 f. Tese (Doutorado) – Programa de Estudos em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

PENNA, Eloísa M. D. **Epistemologia e método na obra de C. G. Jung**. São Paulo: EDUC:FAPESP, 2013.

PERRONE, Maria Paula Silveira Bueno. **Complexo**: conceito fundante na construção da psicologia de Carl Gustav Jung. Tese (Doutorado) – Programa de Estudos em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

RODRIGUES, Adriano Carvalho Tupinambá. Karl Jaspers e a abordagem fenomenológica em Psicopatologia. **Revista Latinoamericana de psicopatologia fundamental**, ano VIII, n.4, pp. 754-768, 2005.

RODRIGUES, Sandra Regina. **Corpo deficiente e individuação**: um olhar sobre pessoas com deficiência física adquirida a partir da psicoterapia breve de orientação junguiana. Dissertação (Mestrado – Programa de pós graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo-USP: São Paulo, 2009.

ROSA, Daniele Montechi dos Santos. A doença como processo de individuação. **Revista Psicol. argum**; 21(33): 39-46, abr.-jun. 2003.

ROSSI, Enerst Lawrence; ROSSI, Kathryn. **La nueva neurociência de la psicoterapia, la hipnosis terapéutica y la rehabilitación**: um diálogo creativo com nuestros genes. El Instituto Milton H. Erickson. California, 2008

SAIZ, Mario E.; AMÉZAGA, Pilar. Psiconeurociencia y arquetipos: construyendo un diálogo entre psicología analítica y neurociência. **Revista de Psicologia USP**; 16(3), 95-117, 2005.

SAMUELS, Andrew. **Jung e os pós-junguianos**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989.

SAMUELS, Andrew. **The psyche plural**: personalidade, moralidade e o pai. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

SAMUELS, Andrew. **Psychopathology**: contemporary Jungian perspectives. London: Karnac, 2002.

SAMUELS, Andrew. New developments in the post-jungian field. In: YOUNG-EISENDRATH, Polly; DAWSON, Terence. **Manual de Cambridge para Estudos Junguianos**. Porto Alegre : Artmed Editora, 2008.

SANT'ANNA, Paulo Afrânio. **As imagens no contexto clínico de abordagem junguiana**: uma interlocução entre teoria e prática. 2001. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

SANT'ANNA, Paulo Afrânio; GIOVANETTI, Rodrigo Manoel; CASTANHO, Andréa G; BAZHUNI, Natasha Frias Nahim; LA SELVA, Veridiana Araújo. A expressão de conflitos psíquicos em afecções dermatológicas: um estudo de

caso de uma paciente com vitiligo atendida com o jogo de areia. **Revista Psicol. teor. práct**; 5(1): 81-96, jan.-jun. 2003.

SHANDASAMI, Sonu. **Jung e a Construção de uma Psicologia Moderna: O Sonho de uma Ciência**. Aparecida – SP: Editora Idéias e Letras, 2011.

SERBENA, Carlos Augusto; ZANONI, Anna Paula. A psicopatologia como experiência da alma. **Revista latino-americana de psicopatologia fundamental**, São Paulo, vol.14, n.3, 2011.

SILVEIRA, Nise. **Jung: vida e obra**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

SILVEIRA, Nise. **Imagens do inconsciente**. São Paulo: Ed Ática, 2001.

SOLOMON, Hester Mcfarland. A escolar desenvolvimentista. In: YOUNG-EISENDRATH, Polly; DAWSON, Terence. **Manual de Cambridge para Estudos Junguianos**. Porto Alegre : Artmed Editora, 2002.

STERN, D. N. **The interpersonal world of the infant**. Nova Iorque: Basic Books, 1985.

STEVENS, Anthony. **Archetype Revisited: an updated natural history of the self**. Brunner-Routledge, London, 2002.

TEIXEIRA, José A. Carvalho. Introdução as Abordagens Fenomenológica e existencial em Psicopatologia (I): A psicopatologia fenomenológica. **Análise Psicológica**. Vol. 2(XV): 195-205, 1997.

ULSON, Glauco. **O método junguiano**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

WILSON, John. **Pensar com conceitos**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

WHITMONT, E. C. **A busca do símbolo: conceitos básicos de psicologia analítica**. São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 1969.

ZIMMERMANN, Elisabeth Bauch. **O ritual como continente psíquico da transformação**. s/d. Disponível em: <http://ipacamp.org.br/ipac/index.php/psicologia-analitica/artigos/7-o-ritual-como-continente-psiquico>